



Maíra Santana Airoza

Sítio arqueológico, turismo e comunidade local: reflexões a partir do olhar dos moradores da
vila de Joanes – Ilha do Marajó/Amazônia.
Dissertação de Mestrado

Belém, Pará
2016



Maíra Santana Airoza

Sítio arqueológico, turismo e comunidade local: reflexões a partir do olhar dos moradores da
vila de Joanes – Ilha do Marajó/Amazônia.

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Antropologia, Área de
Concentração em Arqueologia, no Programa de Pós-
Graduação em Antropologia, da Universidade Federal
do Pará.

Orientadora: Prof^ª Dra. Marcia Bezerra de Almeida
Co-orientadora: Prof.^a Dra. Edna Ferreira Alencar

Belém, Pará
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Santana Airoza, Maíra, 1992-

Sítio arqueológico, turismo e comunidade local:
reflexões a partir do olhar dos moradores da Vila de
Joanes - Ilha do Marajó/Amazônia / Maíra Santana Airoza.
- 2016.

Orientadora: Marcia Bezerra de Almeida;
Coorientadora: Edna Ferreira de Alencar.
Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Antropologia, Belém, 2016.

1. Sítios arqueológicos-Salvaterra (PA). 2.
Turismo-Salvaterra (PA). 3. Arqueologia. 4.
Antropologia. I. Título.

CDD 22. ed. 930.1098115



Maíra Santana Airoza

Sítio arqueológico, turismo e comunidade local: reflexões a partir do olhar dos moradores da
vila de Joanes – Ilha do Marajó/Amazônia.

Dissertação de Mestrado

Banca Examinadora

Flávio Leonel Abreu da Silveira
PPGCSA/Universidade Federal do Pará - Examinador Externo

Renata de Godoy
PPGA/Universidade Federal do Pará - Examinadora Interna

Diogo Menezes Costa
PPGA/Universidade Federal do Pará - Examinador Suplente

Edna Ferreira de Alencar
PPGA/Universidade Federal do Pará - Coorientadora

Marcia Bezerra de Almeida
PPGA/Universidade Federal do Pará - Orientadora

Belém, 30 de setembro de 2016.

Aos meus pais, Stela e Luis, e ao
Caio por todo amor, carinho,
compreensão e incentivo, dedico-
lhes essa conquista com grande
gratidão.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo os moradores da vila de Joanes, que foram essenciais para construção dessa dissertação.

Agradeço às instituições que contribuíram para este êxito, a Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará (FAPESPA) e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), o agradecimento pela bolsa de estudo que possibilitou a estabilidade material em grande parte deste mestrado.

Sou grata à professora Marcia Bezerra, por me apresentar a vila de Joanes e também por me apresentar à Arqueologia e à Antropologia. Agradeço também à professora Edna Alencar pela co-orientação, e suas considerações sobre a pesquisa. Agradeço ambas, principalmente, por terem me conduzido com imensa sensibilidade.

Agradeço todos que direta ou indiretamente contribuíram para pesquisa, destaco a Prof^a Dr^a Denise Pahl Schaan, Prof^a Dr^a Renata de Godoy e Prof^a Dr^a Luzia Gomes Ferreira. Assim, como os professores que integraram a minha banca de qualificação: Prof. Dr. Flavio Leonel e Prof^a Dr^a Edithe Pereira.

Por fim, mas não menos importante, agradeço minha família pela dedicação e apoio.

RESUMO

A expansão do setor turístico, assim como a comercialização do passado, traz novos desafios para a Arqueologia. Esta dissertação permite o olhar sobre algo que está presente e influenciando as formas como a comunidade e o sítio se relacionam através do turismo. A vila de Joanes é um destino turístico muito frequentado por turistas brasileiros e estrangeiros, e durante as férias e os feriados prolongados os moradores ainda recebem familiares e amigos em suas casas, chegando a quadruplicar o número de pessoas na vila. O Sítio de Joanes (PA-JO-46) compõe a paisagem cultural desta pequena comunidade. No local há as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, além de fragmentos de metais, louças, ossos e cerâmicas, que indicam ocupação pré-colonial existente antes do estabelecimento de uma missão religiosa em Joanes. A partir de um diálogo interdisciplinar entre Antropologia, Arqueologia e Turismo, esta pesquisa busca compreender a dinâmica do turismo na vila de Joanes; identificar as influências do turismo na vila, na compreensão dos joanenses e entender como o sítio é incorporado pelo turismo local. Com base nas narrativas dos joanenses foi possível refletir sobre as relações estabelecidas entre os moradores, o sítio de Joanes e as práticas turísticas, assim como os usos que os sítios arqueológicos assumem em contextos turísticos.

Palavras-chave: Sítio Arqueológico. Comunidades Locais. Turismo. Vila de Joanes. Amazônia.

ABSTRACT

The expansion of the tourism sector, as well as the marketing of the past, brings new challenges for archeology. This dissertation allows the look of something that is present and influencing the ways in which the community and the site relate through tourism. The Joanes village is a tourist destination frequented by Brazilian and foreign tourists, and during holidays and long weekends residents still host family and friends in their homes, reaching quadruple the number of people in the village. The site of Joanes (PA-JO-46) make up the cultural landscape of this small community. On site there are the ruins of the Igreja Nossa Senhora do Rosário, besides metal fragments, crockery, bones and ceramics that indicate existing pre-colonial occupation before the establishment of a religious mission in Joanes. From an interdisciplinary dialogue between Anthropology, Archaeology and Tourism, this research seeks to understand the dynamics of tourism in the village of Joanes; identify the influences of tourism in the village, in the understanding of joanenses and understand how the site is built by local tourism. Based on the narratives of joanenses it was possible to reflect on the relations between the residents, the Joanes site and tourist practices as well as the uses to which the archaeological sites take in tourist contexts.

Keywords: Archaeological Site. Local Communities. Tourism. Joanes Village. Amazon.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da Vila de Joanes.....	6
Figura 2 - Mapa da área central da vila de Joanes.....	7
Figura 3 - Ruínas da igreja de pedra.	8
Figura 4 – Exposição na Escola de Ensino Fundamental de Joanes em 2009.	12
Figura 5 – Transladação do Círio de Nossa Senhora do Rosário	14
Figura 6 - Fragmentos da coleção de uma moradora.	15
Figura 7 - Entorno das ruínas: Igreja Matriz e coreto.	16
Figura 8 - Torre das ruínas durante o restauro.	18
Figura 9 - Turistas lendo a placa de sinalização das ruínas.....	23
Figura 10 - Placa de sinalização das ruínas.	24
Figura 11 - III Corrida de Búfalo, realizada na praia grande.	25
Figura 12 - Camisa da II Corrida de Búfalo, pertencente ao organizador Zenor.	26
Figura 13 - Círio de Nossa Senhora do Rosário.....	26
Figura 14 - Interior da Pousada Ventania do Rio-Mar.....	49
Figura 15 - Mapa da Vila de Joanes.	52
Figura 16 - Turistas tirando fotos na torre das ruínas.....	53
Figura 17 - Grupo de turistas visitando as ruínas.	54
Figura 18 - Turistas tirando foto nas ruínas.	68
Figura 19 - Colocação de cerca pelos moradores.	69
Figura 20 – Ruínas restauradas e os blocos de concreto do coreto.	70
Figura 21 - Reportagens realizadas em 2006 pelo jornal O Liberal.....	79
Figura 22 - Cena da abertura da novela em que as ruínas aparecem. Fonte: Google, 2016.....	80

LISTA DE ABREVIATURAS

AERAJ – Associação Educativa e Rural e Artesanal de Joanes

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAV – Faculdade de Artes Visuais

IC – Iniciação Científica

ICA – Instituto de Ciências da Arte

IEDEJO – Instituto Educacional do Desenvolvimento da Vila de Joanes

MPEG – Museu Paraense Emílio Goeldi

OMT – Organização Mundial de Turismo

PARATUR – Companhia Paraense de Turismo

PDT-PA – Plano de Desenvolvimento Turístico do Estado do Pará

PPGA – Programa de Pós-graduação em Antropologia

PPGCS – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SETUR – Secretaria de Turismo do Estado do Pará

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFPA – Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – A VILA, AS PESQUISAS E O SÍTIO DE JOANES	5
1.1. Histórico das Pesquisa na vila de Joanes	9
1.2. Reencontrando a vila de Joanes e seus moradores	19
CAPÍTULO 2 - ARQUEOLOGIA E TURISMO: ASPECTOS DA RELAÇÃO	29
2.1. Entre Arqueologia e Turismo	35
2.2. Arqueologia e Turismo na Amazônia	35
2.3. Turismo na Vila de Joanes	39
2.3.1. O turismo e as representações sobre o local	40
2.3.2. O turismo na Vila de Joanes	47
CAPÍTULO 3 - OS JOANENSES, AS RUÍNAS E O TURISMO	55
3.1. Forasteiro e Local na vila de Joanes	55
3.2. “Antigamente era diferente”: sobre as mudanças ocorridas na vila	61
3.3. “As ruínas têm esse poder de atração”: o lugar do sítio no turismo local	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

INTRODUÇÃO

A vila de Joanes – como outras localidades da Amazônia – constitui um espaço privilegiado para diversas pesquisas, dada a possibilidade de trocas e contatos que propicia. A vila é uma comunidade de pescadores, localizada à 17 km da cidade de Salvaterra, apesar de ser uma comunidade considerada pequena as relações que abriga são complexas. Embora não se trate de uma grande cidade, ela possui muitas questões relacionadas com o antigo e o moderno, com o local e o global. Fazer pesquisa em uma localidade no Arquipélago do Marajó, como a vila de Joanes, não implica em tratá-la como uma unidade fechada, mas sim, como uma localidade conectada com o mundo, e há séculos.

Trata-se de uma comunidade de pescadores de aproximadamente dois mil habitantes cuja economia local é baseada na pesca, pecuária, agricultura e turismo. No local, há presença de um sítio arqueológico, o Sítio de Joanes (PA-JO-46), que compõe a paisagem cultural desta pequena comunidade. Ele é constituído pelas ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, além de fragmentos de metais, louças, ossos e cerâmicas que indicam a ocupação pré-colonial no local, dada antes do estabelecimento da missão religiosa de Joanes (Lopes 1999).

A presente dissertação possui uma longa trajetória, que se iniciou em 2010, durante minha graduação em Museologia, na Universidade Federal do Pará. Neste período, realizei três etapas de campo: de 14 a 18 de fevereiro de 2011; 13 a 15 de abril de 2012; e 12 a 16 de junho de 2012. No total foram conduzidas dezesseis entrevistas com os moradores e anotações no diário de campo, cujos resultados compuseram os relatórios de pesquisa relativos à bolsa de IC/CNPq, orientada pela professora Marcia Bezerra (Airoza 2012) e, posteriormente, ao meu TCC - trabalho de conclusão de curso, orientado pela professora Luzia Gomes e intitulado “O patrimônio arqueológico e as práticas preservacionistas dos moradores da Vila de Joanes, Ilha do Marajó – Brasil” (Airoza 2013).

Estes primeiros campos, apesar de serem anteriores ao ingresso no curso de mestrado, foram úteis para o delineamento de um panorama do papel do turismo no cotidiano local. Nessas primeiras viagens à vila de Joanes conheci as ruínas do sítio histórico de Joanes (PA-JO-46)¹, composto pelos remanescentes arquitetônicos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário do século XVIII e alguns vestígios indígenas e coloniais, quando percebi sua importância para constituição das paisagens locais e no cotidiano dos moradores.

¹ A sigla PA-JO-46 segue o formato do cadastro de sítios arqueológicos do IPHAN, sendo composta por: PA (unidade da federação) – JO (referência ao local, no caso Joanes) – 46 (número dado pelo responsável pelo cadastro do sítio, referindo-se, em sua maioria, aos sítios catalogados por uma instituição).

O interesse em desenvolver este estudo no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), na área de concentração em Arqueologia, deu-se com o intuito de analisar o turismo nos interstícios da Arqueologia e da Antropologia. Na primeira versão do projeto apresentado ao PPGA, a pesquisa tinha por objetivo compreender as relações estabelecidas entre os turistas e o sítio de Joanes e seus reflexos no cotidiano dos joanenses. A pesquisa que estava centrada entre os turistas e o sítio de Joanes, pretendia conhecer quem são os turistas da vila de Joanes; entender os fatores que motivaram a viagem dos turistas à vila de Joanes; identificar os motivos que levam os turistas da vila de Joanes à visitarem o sítio de Joanes; e por último, analisar as formas de interação estabelecidas entre os turistas e as ruínas do sítio de Joanes.

Contudo, esta proposta tornou-se inviável no decorrer da pesquisa. Optei por reformular o objetivo da pesquisa, principalmente depois das considerações feitas pela banca de qualificação. Desde que realizei a reformulação dos objetivos da pesquisa, este trabalho esteve em constante processo de construção e reconstrução, até alcançar o formato aqui apresentado. Deste modo, a pesquisa passou a ter como objetivo analisar a relação do sítio de Joanes com os moradores da vila no âmbito do turismo, compreendendo como o sítio é inserido no turismo local.

Assim, configurou-se minha problemática que visa à análise dessa complexa relação estabelecida entre o turismo, o sítio de Joanes (PA-JO-46) e seus reflexos no cotidiano dos joanenses. As perguntas que norteiam esta pesquisa são: Como o sítio de Joanes é representado na internet? Como ocorre o turismo na vila de Joanes? Na compreensão dos moradores o que influencia o turismo na vila? Para os moradores há alguma relação entre as pesquisas arqueológicas e o desenvolvimento do turismo na vila? Como o sítio é incorporado pelo turismo?

O sítio histórico de Joanes é um lugar de encontro de diferentes coletivos e, como tal, as relações estabelecidas devem ser compreendidas como processos complexos. Além disso, compreendo que a prática turística desprovida de planejamento, como ocorre em Joanes, pode causar danos irreparáveis para as comunidades locais e a conservação dos sítios arqueológicos. Muito embora este trabalho não pretenda resultar em alguma ação, suas conclusões poderão colaborar para as discussões acerca da gestão turística do patrimônio arqueológico em pequenas comunidades na Amazônia.

A opção pela pesquisa qualitativa – a partir do método etnográfico – considerou o fato de que ela é norteada por uma “descrição detalhada de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (Goldenberg 2009: 53). É preciso ressaltar que “o

método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimento” (Magnani 2002: 17). A metodologia adotada, portanto, compreendeu a pesquisa de campo (realização de entrevistas e observação participante) e levantamento bibliográfico sobre as áreas de Arqueologia, Antropologia e Turismo.

A observação participante, através da convivência com os moradores de Joanes, facilitou minha relação com os moradores que contribuíram como informantes para pesquisa. Contudo, segundo Foote-Whyte (1980), é preciso mostrar-se diferente do grupo pesquisado, sem perder de vista a importância de se buscar a redução da distância existente entre entrevistador e entrevistado, mas não a sua fusão (Brandão 1985).

As entrevistas foram de caráter aberto, porém estabeleci um roteiro prévio relacionado ao tema da pesquisa, incluindo alguns questionamentos básicos. Este método permitiu reconhecer melhor as perspectivas dos moradores sobre o sítio e o turismo. Na maioria das vezes, as entrevistas ocorreram nas casas dos moradores, e conforme a sua disponibilidade, pois é fundamental respeitar os hábitos locais, como o de recolher-se logo após o almoço. Os entrevistados integravam distintos segmentos da sociedade local: joanenses, entre os quais pescadores(as) ativos e aposentados; integrantes das atividades culturais da vila; artesãos(as) da Associação Educativa e Rural e Artesanal de Joanes (AERAJ); e funcionárias da Escola de Ensino Fundamental de Joanes, da Pousada Ventania e do Posto de Saúde. Em geral, pertenciam à faixa etária de 40 anos.

As entrevistas feitas com moradores visaram analisar suas relações com o patrimônio arqueológico no âmbito do turismo. Nesse momento foi possível repensar minhas primeiras compreensões sobre o tema estudado, revendo, acrescentando e reformulando algumas ideias iniciais. No decorrer das experiências de campo, realizei entrevistas com moradores envolvidos com atividade turística local.

A dissertação está dividida em três capítulos ao longo dos quais eu discuto sobre: a prática turística como fenômeno antropológico; a relação do turismo com sítios arqueológicos; dinâmica do turismo em Joanes; a relação dos moradores com o turismo; e as distintas apropriações do sítio arqueológico de Joanes pelo turismo. O primeiro capítulo, intitulado “A vila, as pesquisas e o sítio de Joanes”, expõe o trajeto da pesquisa e seus antecedentes: apresenta o local de realização da pesquisa e seus aspectos sociais, culturais e econômicos; as pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Sítio Histórico de Joanes; e apresenta como se deu meu retorno à vila de Joanes. No segundo capítulo “Arqueologia e Turismo: aspectos da relação”, são

abordados conceitos pertinentes ao turismo em sítios arqueológicos, onde analiso o turismo arqueológico na Amazônia, e particularmente, a sua dinâmica na vila de Joanes. No terceiro capítulo “Os joanenses, as ruínas e o turismo”, apresento as mudanças ocorridas na vila com as práticas turísticas, bem como o lugar das ruínas no turismo local, ambos na perspectiva dos moradores.

Por fim, concluo que o turismo permeia a relação dos moradores da vila com o sítio de Joanes, que é apropriado de diversas formas pelo turismo. Os joanenses percebem as ruínas como importantes para destacar a vila no turismo local. Acredito que os seus resultados contribuirão para um melhor entendimento do turismo e de como ele afeta as relações entre as comunidades e o patrimônio arqueológico na Amazônia.

CAPÍTULO 1 – A VILA, AS PESQUISAS E O SÍTIO DE JOANES.

As pesquisas arqueológicas apontam uma longa ocupação no arquipélago de Marajó no período de 3.500 A.P. (Schaan 2009). Os resultados dessas pesquisas demonstram que a Amazônia foi densamente povoada na pré-história, e neste contexto o arquipélago de Marajó possui um importante papel, pois neste local as primeiras sociedades complexas surgiram, a partir de 400 D.C. (Schaan 2007). Segundo Denise Schaan (2007: 50), tratavam-se de “diversos “cacicados” da ilha de Marajó, que ocuparam por cerca de 900 anos as áreas sazonalmente inundáveis dos campos”.

O arquipélago do Marajó foi denominado pelos colonizadores portugueses como “Ilha Grande de Joanes”, devido à existência de um povo indígena chamado de Juioanas – conhecidos por Sacacas – na parte leste da Ilha, atualmente a vila de Joanes (Lopes 1999). No início do século XVII, a ilha do Marajó era habitada por diversas sociedades indígenas. Durante uma parte do período colonial, “estrangeiros” – ingleses, holandeses e franceses – mantinham relações comerciais com os indígenas, o que dificultou o contato dos portugueses com os mesmos (Schaan et al 2006). Como forma de evitar o avanço dos estrangeiros, a coroa portuguesa iniciou a colonização das ilhas. Deste processo decorreu-se aproximadamente trinta anos de conflito entre os ‘estrangeiros’ e os portugueses pelo controle dessa região (Schaan et al 2006), o que ocasionou a aceleração da desagregação das sociedades indígenas locais.

Somente a partir da primeira metade do século XVII, os portugueses passaram a ter uma maior aproximação com os indígenas, principalmente em decorrência da expulsão dos ‘estrangeiros’ e da ação dos missionários jesuítas.

A partir das alianças com os indígenas de Marajó, os missionários escolheram fundar os povoados nos antigos aldeamentos abandonados [assentamentos indígenas] ou nas aldeias que estavam praticamente vazias em termos populacionais para implantarem os núcleos urbanos das missões nos atuais municípios de Chaves, Soure, Salvaterra, Joanes, Monsarás, Condeixa e Ponta de Pedras (...) (Lopes 1999: 39).

A função dos povoados era de “abastecer com mão-de-obra indígena os serviços internos das missões, os serviços de particulares e as obras públicas do governo em Belém” (Lopes 1999: 39). Assim, a coroa portuguesa cria a Capitania de Joanes e nomeia como donatário o fidalgo Antonio de Sousa de Macedo.

Segundo Schaan et al (2006: 08), pressupõe-se que a criação da vila de Joanes ocorreu entre 1675 e 1676, a partir da menção da construção de uma vila num documento do donatário da ilha, Antonio de Sousa de Macedo, que “fala do uso de gentios da companhia de Jesus para

o trabalho de criação de uma vila na ilha em Joanes”. Em 1764, o Ouvidor Geral da Comarca Fernando da Costa de Atahide descreve a vila de Joanes como bem organizada e de traçado retilíneo, possuindo na época 67 casas e 529 habitantes (Schaan et al 2006: 12).

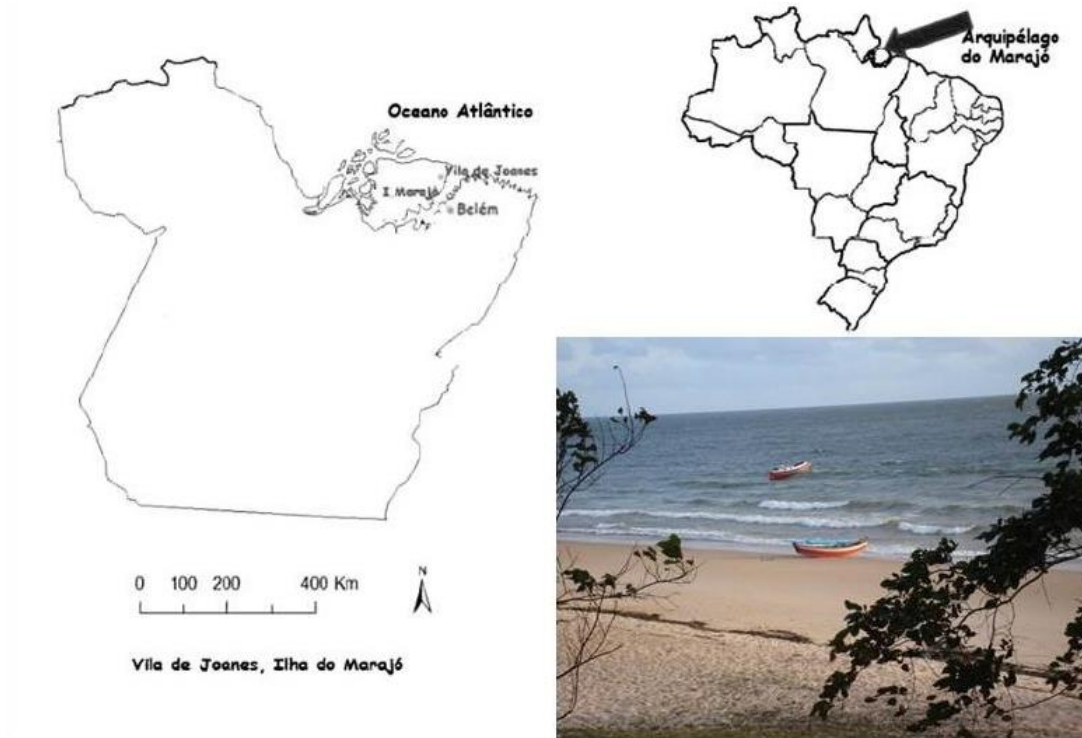


Figura 1 - Localização da vila de Joanes
Fonte: Bezerra (2016).

A vila de Joanes tinha uma localização privilegiada por estar em um local alto e abrigar um porto natural, que promovia um comércio constante com Belém (Lopes 1999). Além disso, a vila possuía funções estratégicas na época.

(...) foi utilizada como estrutura para os descimentos dos indígenas que vinham do interior para o litoral da ilha, a fim de serem catequizados e repartidos como mão-de-obra para os trabalhos de manutenção internas das missões; (...) para trabalharem no pesqueiro real; como pescadores de caranguejo nos mangues do igarapé do Limão (...) (Lopes 1999: 39).

Segundo Silveira e Bezerra (2012), a ocupação das regiões mais setentrionais da América Portuguesa foi concretizada pelo processo expansionista de caráter bélico em direção aos sertões, associado à implantação de missões evangelizadoras. Esse processo histórico-cultural tem relação direta com a vila de Joanes, pois ela se encontra em área onde durante o século XVII se instalou uma missão religiosa.

Existiam neste tempo as demais vilas de Salvaterra e Monsarás [Atualmente Soure]. No âmbito das construções, a igreja de Nossa Senhora do Rosário parece a mais bem aparelhada construção da época, com três altares: um para imagem de Nossa Senhora do Rosário, outro para Jesus Crucificado e outra para Santo Antonio. Neste último caso percebemos a influência da antiga

ordem missionária de Santo Antonio na construção da capela e do seu aparelhamento. (Schaan et al 2006: 12)

As missões jesuíticas na ilha foram marcantes, pois estavam à frente da maior parte das missões que se instalaram na Amazônia no período colonial, levando muitos a crer que as ruínas da vila foram obras dos jesuítas (Schaan et al 2006). Segundo esses autores, as evidências contidas nos documentos históricos apontam para os capuchinhos de Santo Antônio. Segundo Lopes (1999) as ruínas da antiga igreja pertenciam à Missão Religiosa dos Padres de Santo Antônio (Capuchos).

A vila de Joanes foi um local de contato, de povos indígenas e destes com os europeus. Assim, o Sítio Arqueológico de Joanes (PA-JO-46)² é o reflexo da relação de sociedades indígenas distintas que reflete a colonização portuguesa. No âmbito da arqueologia, neste sítio é possível encontrar material de natureza pré-colonial e histórica. De acordo com Lopes, o Sítio de Joanes caracteriza-se por:

[...] ter sido uma missão religiosa erigida sobre um assentamento indígena, representa uma das facetas relativas as trocas culturais empreendidas neste caso por missionários jesuítas e por militares. Posteriormente, os jesuítas foram substituídos pelos padres de Santo Antônio (franciscanos), que passaram a desenvolver o trabalho missionário em Joanes (Lopes 1999: 10).



Figura 2 - Mapa da área central da vila de Joanes
Fonte: Google Maps, 2016.

² Daqui em diante, ao tratar do Sítio Arqueológico da Vila de Joanes (PA-JO-46), utilizarei “sítio de Joanes”.

No Sítio de Joanes há a presença de ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, fragmentos de cerâmica indígena, cerâmica cabocla, metais, louças, ossos e vasilhas quase inteiras de cerâmica indígena que indicam a ocupação pré-colonial na localidade (Lopes 1999). Parte desse material foi encontrado, em 1986, a partir da construção de banheiros na antiga Escola Reunida Ruth Passarinho (atualmente Escola de Ensino Fundamental de Joanes). As ruínas da antiga igreja encontram-se em um ponto elevado da vila e são o artefato arqueológico de maior visibilidade da mesma. Em toda a superfície da vila de Joanes é possível encontrar fragmentos de cerâmica e louça, entre outros vestígios.



Figura 3 - Ruínas da igreja de pedra.
Foto: Maíra Airoza, 2012.

O sítio está localizado no centro da vila ou, como alguns moradores relatam, na parte mais antiga. Nas proximidades do sítio encontramos alguns dos moradores mais antigos, além de pequenos estabelecimentos comerciais e da Escola Municipal de Ensino Fundamental de Joanes. Ao lado das ruínas está a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída em 1905, que na sua construção aproveitou parte da parede de pedra da antiga igreja, que na época já deveria estar em deterioração. A Figura 1 apresenta a vista aérea de uma parte da vila de Joanes, o espaço circunscrito no retângulo vermelho corresponde à área da Praça Municipal e do entorno do sítio de Joanes, onde também se encontra a escola de ensino fundamental. O espaço circunscrito no retângulo amarelo corresponde à área das ruínas da antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário, comumente chamada de “igreja de pedra” pelos moradores, conforme observada na figura 2.

1.1. Histórico das Pesquisa na vila de Joanes.

A importância histórica e arqueológica da vila de Joanes motivou trabalhos empreendidos por diversos pesquisadores, de algumas áreas do conhecimento. A primeira pesquisa, no âmbito da arqueologia, foi realizada há trinta anos, durante este período a vila modificou-se e passou por diversos acontecimentos importantes. A escavação de 1986 foi realizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e o Museu do Marajó. Segundo Lopes (1999: 43), este primeiro salvamento pode ser caracterizado como uma casualidade pelo fato de ter sido “encontrado e coletado material arqueológico, proveniente de buracos escavados para a construção das instalações sanitárias da antiga Escola Reunida Ruth Passarinho”.

O registro oficial do sítio de Joanes ocorreu em 1986 pelo IPHAN, na primeira intervenção (Schaan e Marques 2006). Na época, a prefeitura de Salvaterra requereu ao MPEG que analisassem o material encontrado (Schaan e Marques 2006). Atendido o requerido, foi encaminhada uma equipe constituída pelos pesquisadores Antônio Nery da Costa Neto, Fernando Luiz Tavares Marques, além do técnico Raimundo Jorge Mardock.

Ao chegar ao local [...] recolheram os materiais encontrados e fizeram algumas sondagens [...], delimitando a área de dispersão do material arqueológico, que interpretaram como sendo uma área de descarte, talvez parte de um antigo lixão. Dentre o material coletado identificaram fragmentos de faiança portuguesa do século XVII, porcelana chinesa, duas moedas portuguesas cunhadas em 1753, e diversos fragmentos de cerâmica, metais e ossos (Schaan e Marques 2006: 05).

Segundo Schaan e Marques (2006), o relatório produzido por Antônio Costa Neto, em 1986, destacava a importância histórica, recomendava a continuidade de pesquisas e sugeria o tombamento. Segundo Lopes (1999), este salvamento foi o primeiro trabalho feito em um sítio histórico na Amazônia em parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi.

Em 1998, outra equipe retornou à área, coordenada pelo então mestrando Paulo Roberto do Canto Lopes. Em seu estudo ele analisou a temática das missões religiosas na Amazônia através da arqueologia contextual e espacial, resultando na dissertação de mestrado “A Colonização Portuguesa da Ilha do Marajó: Espaço e Contexto Arqueológico-Histórico na Missão Religiosa de Joanes”, defendida em janeiro de 1999 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) (Lopes 1999).

Segundo Lopes (1999), o IPHAN não autorizou a realização de escavações sistemáticas no sítio. Como resultado da pesquisa recomendou-se o desenvolvimento de ações de preservação nas ruínas da antiga igreja.

As pequenas ruínas que restaram da igreja de pedra ainda resistem ao tempo apesar do descaso com que esse patrimônio arqueológico vem sendo tratado, tanto pela prefeitura de Salvaterra e Governo do Estado do Pará como pela 2ª Coordenadoria Regional do IPHAN. Como temos visitado o sítio nos últimos três anos com frequência, temos percebido que o processo de destruição está-se acelerando. Nossa previsão é de que as ruínas não resistam por mais 10 anos. (Lopes 1999: 195)

Ocorreram novas ações visando à preservação e pesquisa do Sítio de Joanes realizadas pelo IPHAN em 2004, a partir da denúncia do morador Evandro Maurício da Cunha, que teria presenciado, em fevereiro do mesmo ano, a uma escavação com retroescavadeira do largo para a construção da atual de uma praça da vila. Segundo o relato, “juntamente com a terra removida apareceram vários objetos de cerâmica, tais como potes ou urnas indígenas, e moedas de cobre e prata que foram recolhidas por pessoas do local” (Schaan e Marques 2006: 05).

Apenas em outubro de 2004 o MPEG tomou conhecimento do ocorrido, ao ser solicitada a ida de técnicos ao local pelo IPHAN para realização de vistoria. Em janeiro de 2005, a arqueóloga Denise Pahl Schaan e o técnico Wagner Fernando da Veiga e Silva visitaram o local e encontraram a construção da praça concluída.

O relatório produzido, assim como os anteriores, apontou os problemas constatados no sítio, agora bastante agravados por “pichações sobre as paredes dos remanescentes arquitetônicos da igreja de pedra, propaganda política, retiradas de pedra, trânsito excessivo sobre a área da igreja, assim como o tráfico de material arqueológico” (Schaan e Marques 2006: 05-06).

No final de 2005, o IPHAN disponibilizou verba para a realização de uma ação emergencial no sítio, que consistiu na aplicação do projeto “Preservação, conservação, pesquisa e educação patrimonial no sítio histórico de Joanes” coordenado por Denise Pahl Schaan e Fernando Marques. O projeto que foi executado em 2006 incluiu pesquisa arqueológica e ações de educação patrimonial, além de tomar providências referentes à preservação e proteção do Sítio de Joanes. A equipe responsável desenvolveu as seguintes atividades: reuniões com a comunidade; monitoramento da construção do anexo da escola; delimitação do sítio; monitoramento da construção de uma cerca; escavações; levantamento de informações orais com os moradores; limpeza dos remanescentes arquitetônicos; ações educativas; produção de placas de sinalização; e, pré-estruturação de espaço expositivo (Schaan e Marques 2006).

Durante a condução do projeto, houve a colocação de placas para sinalizar o sítio arqueológico, mas que foram destruídas após uma semana (Schaan e Marques 2012). Esse acontecimento ocorreu no período das eleições municipais, ocasionado por disputas políticas, pois neste contexto o patrimônio arqueológico foi utilizado como “instrumento de representação

de um dos grupos politicamente ativos da vila” (Bezerra 2011: 61). Reivindicações de permanência do material arqueológico na vila levaram os coordenadores do projeto a deixarem parte do material recuperado durante as escavações sob a guarda temporária da Escola de Ensino Fundamental de Joanes, com anuência do IPHAN.

Nos anos de 2008 e 2009, a vila foi cenário de um novo projeto intitulado “Pesquisa Arqueológica e Educação Patrimonial na Vila de Joanes, Ilha de Marajó”³, coordenado por Fernando Marques e Marcia Bezerra. Neste projeto os pesquisadores realizaram um levantamento geofísico no sítio e ações de educação patrimonial, com o intuito de garantir a sua preservação. Contudo, a chegada dos pesquisadores na vila foi marcada por uma desconfiança por parte dos moradores (Bezerra 2011). E para reverter esta situação, a equipe buscou estratégias.

Ao longo do projeto, a equipe procurou se integrar à vida da comunidade local, incluindo os moradores na pesquisa de campo, realizando reuniões com pequenos grupos, participando de suas festas e observando suas atitudes com relação ao patrimônio arqueológico. Distantes do clima político enfrentado pela equipe anterior, os moradores, aos poucos, passaram a procurar pelos pesquisadores para discutir assuntos de interesse local, como a construção de um museu para ‘contar a história de Joanes’ e a curiosidade sobre o andamento das escavações. (Bezerra 2011: 61)

Em 2009, a contínua demanda pela permanência do material arqueológico implicou na instalação de uma exposição. Uma pequena mostra de artefatos arqueológicos pré-coloniais e históricos oriundos das escavações de 2006, 2008 e 2009 foi organizada em uma das salas de aula da escola (Marques e Bezerra 2009), como parte das atividades do curso “Arqueologia e Educação Patrimonial na Vila de Joanes” oferecido aos professores da escola local pelos pesquisadores.

A exposição obteve boa repercussão na vila e foi mantida sob a guarda da escola pelo período de um ano. A exposição era composta por três banners explicativos e três vitrines, que eram compostas por

(...) fragmentos cerâmicos, alguns de origem indígena, e louça relacionada aos diferentes momentos do processo de colonização europeia no local; Moedas de diferentes períodos; Objetos metálicos, em suma, uma pequena mostra dos objetos encontrados pelos moradores nos quintais de suas casas, ou pelos arredores da Vila (Ferreira 2012: 90).

³ O projeto foi objeto de contrato entre o IPHAN e o Museu do Marajó, em parceria com o Museu Paraense Emilio Goeldi.

A exposição (Figura 3) foi bastante frequentada pelos moradores e turistas brasileiros e estrangeiros. E após seu término, muitos moradores demonstraram o desejo de continuar com a exposição. De acordo com Luzia Ferreira (2012)

O desejo de continuar com a exposição dentro da escola merece algumas palavras, pois não me pareceu surgir apenas de um “interesse” particular da equipe gestora, nem da comunidade escolar, mas, decorrente de um contexto local mais amplo, que se constitui em um “interesse social” dos joanenses pelos vestígios arqueológicos presentes na paisagem local. (Ferreira 2012: 92).



Figura 4 – Exposição na Escola de Ensino Fundamental de Joanes em 2009.
Foto: Marcia Bezerra.

A escola de Joanes é importante para compreender o cotidiano na vila, pois as crianças, jovens e adultos que a frequentam convivem com a paisagem arqueológica de forma singular. Esta, também, foi alvo de projetos de Arqueologia Pública desenvolvidos em Joanes (Bezerra 2011, 2014). É importante destacar que o contato dos moradores de Joanes com a cultura material local não se limita ao entorno das ruínas e da praça municipal. Mas, por toda a vila de Joanes, por suas ruas e nos próprios quintais das casas dos moradores, onde fragmentos arqueológicos são facilmente encontrados em suas superfícies.

A partir do ano de 2009, no âmbito do projeto “Os Significados do Patrimônio Arqueológico para os Moradores da Vila de Joanes, Ilha do Marajó, Brasil”, foram desenvolvidos planos de pesquisas na vila de Joanes, tais como: “O passado, a escola e o sítio: o patrimônio arqueológico na percepção de professores e alunos da Vila de Joanes, Ilha do Marajó” (Ravagnani 2011) e “O lugar do passado: a construção da ideia de museus pelos moradores da Vila de Joanes, Ilha do Marajó, Brasil”, realizado por mim (Airoza 2013). Já no âmbito do projeto “O pegador de peixe: um projeto de arqueologia etnográfica em uma Vila de pescadores na Ilha do Marajó, Amazônia, Brasil”, financiado pelo CNPq e coordenado pela professora Marcia Bezerra, desenvolveu-se o plano de trabalho “O coração da Camboa: um estudo sobre as relações entre o patrimônio arqueológico e a construção do sentimento de saudade entre os pescadores (as) da vila de Joanes, Ilha do Marajó, Amazônia, Brasil” (Silva, A.C. 2012).

Nos anos de 2010 e 2012, foram realizadas pesquisas que resultaram em duas dissertações de mestrado: “O lugar de ver relíquias e contar história: o museu presente/ausente na Vila de Joanes, Ilha do Marajó – Pará” (Ferreira 2012) e “Tanta tainha, pouca farinha: Antropologia Histórica da Vila de Monforte (antiga aldeia de Joanes) nos tempos do diretório (1759-1769)” (Silva, A. 2012); ambas desenvolvidas respectivamente no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal do Pará (UFPA), sob orientação da professora Marcia Bezerra. A partir do ano de 2013, professora Renata de Godoy, em sua pesquisa de pós-doutorado intitulada “O Público e a Arqueologia: uma reflexão sobre os efeitos do turismo em sítios amazônicos” conduziu pesquisas sobre o turismo na Vila de Joanes.

As pesquisas realizadas na vila de Joanes apresentam nuances das relações estabelecidas entre os moradores e o patrimônio arqueológico local. É importante considerar a agência dos objetos no passado e no presente, considerando a grande presença deles nas relações atuais. Segundo Bezerra (2011; 2012; 2014) na vila de Joanes os materiais arqueológicos encontrados nas escavações e os que estão dispersos pela superfície local são compreendidos como resultantes de relações sociais passadas, mas atualmente mediando outras relações sociais e produzindo ressignificações. Neste sentido, a cultura material passada da vila de Joanes se faz presente no cotidiano dos moradores locais (Bezerra 2011).

Assim, os fragmentos – referindo-se tanto aos cacos de cerâmica como as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário – encontrados na Vila de Joanes são compostos por memórias passadas e recentes dos moradores (Bezerra 2011; 2012; 2014). O espaço do entorno das ruínas compõe um lugar importante para a memória do grupo, pois trata-se de um espaço de convívio

dos moradores da vila no passado e no presente, como por exemplo a moradora Ana⁴ que relata suas férias, durante sua adolescência:

A gente inventava, marcava de se encontrar de noite, agora sempre acompanhados dos pais. Quando não era os pais de todo mundo, sempre tinha uns dois/três pais que eram responsáveis pelo grupo todo, até porque éramos muitos jovens ainda. Então a gente ia muito ali pro farol, que é aquela área de traz da igreja e na época o farol não era na posição que está hoje, ele era mais lá na ponta e por causa da erosão ele foi tirado e trazido mais pra cá. (Entrevista de Ana, Salvaterra-PA, 14 janeiro de 2015).

No entorno do sítio arqueológico encontram-se a igreja de Nossa Senhora do Rosário, o farol, a escola de ensino fundamental, a praça principal da vila, um mercado de variedades e uma pequena venda de côcos. Em seu entorno também se realizam as principais festividades da vila, como o Círio de Nossa Senhora do Rosário e a festa de São Pedro (ver Ravagnani 2015).



Figura 5 – Transladação do Círio de Nossa Senhora do Rosário
Foto: Maíra Airoza, 2015.

⁴ Os nomes dos interlocutores foram alterados para manter o anonimato dos mesmos.

A primeira escavação realizada na vila foi em decorrência da construção de banheiros na escola. Durante as pesquisas arqueológicas seguintes, a escola foi palco de projetos de Educação Patrimonial. Ravagnani (2011), ao tratar das relações entre a comunidade escolar da vila (adultos e crianças que incluem professores e funcionários e alunos da escola) e o patrimônio arqueológico local (principalmente as ruínas), observa a importância do impacto dos projetos de Arqueologia e Educação Patrimonial realizados na vila.

Os moradores desenvolveram o hábito de colecionar peças encontradas na superfície de seus próprios quintais e muitas vezes “restaurá-los” (Bezerra 2011). Porém Ravagnani (2011: 27), destaca em sua pesquisa “o fato de que a maioria dos adultos não recolhe e nem coleciona os artefatos encontrados pela vila. Os grandes colecionadores dali são as crianças”. É preciso compreender esta prática não como uma forma de depredação do patrimônio arqueológico local (Bezerra 2011; 2013; 2014), mas como práticas preservacionistas próprias dos moradores de um objeto particular. Para Bezerra (2011; 2013; 2014) as práticas de colecionamento não representam ato de vandalismo, mas uma forma de fruição com o passado. Segundo a autora mais do que tratar do passado, os objetos arqueológicos coletados pelos moradores de Joanes falam de suas vidas no presente. No ano de 2012, realizando trabalho de campo na vila, constatei tal prática, exemplificada na figura 6.



Figura 6 - Fragmentos da coleção de uma moradora.
Foto: Maíra Airoza, 2012.

As pesquisas arqueológicas e os projetos de Educação Patrimonial contribuíram para modificar as relações da comunidade escolar com as ruínas. De acordo com Ravagnani (2011),

Professores e funcionários reconhecem a importância que a Educação Patrimonial trouxe na maneira como se relacionavam com a cultura material local e também como tratavam disso em suas aulas, na formação dos alunos da escola. Um sentimento de pertencimento começa a despontar e as falas começam a ser mais positivas em relação à proteção do patrimônio que conta, reconhecidamente, a história de ocupação da Vila de Joanes. (Ravagnani 2011: 35)

O espaço escolar foi importante na relação dos moradores com os pesquisadores, pois após reivindicações destes, parte do material arqueológico recuperado durante as escavações encontra-se sob a guarda temporária da Escola de Ensino Fundamental de Joanes, com anuência do IPHAN. É interessante notar que o patrimônio arqueológico local se contrapõe com a comunidade de diversas formas, seja através de conflitos e tensões, de relações afetividade, ou simplesmente pela naturalidade de sua presença. Afinal, as ruínas estão presentes na vida dos moradores.



Figura 7 - Entorno das ruínas: Igreja Matriz e coreto.
Foto: Maíra Airoza, 2012

O entorno das ruínas (Figura 7), nos relatos dos moradores, é cenário para aparições de visagens e seres encantados, demonstrando “a experiência sensível e extraordinária dos moradores com a localidade do espaço do sítio arqueológico e suas mediações” (Silveira e

Bezerra 2012: 132). Outro aspecto importante é a relação dos pescadores com as camboas⁵ (Bezerra 2010).

A.C. Silva (2012), sob a categoria de análise “saudade”, reflete sobre como os pescadores da vila constroem suas narrativas de saudade a partir das paisagens das camboas. Segundo Silva (2012: 22), “as camboas ainda não foram contempladas com tanta veemência pelos estudos arqueológicos, embora essas estruturas possam nos levar a compreender dinâmicas históricas, sociais, econômicas e culturais”. A vila de Joanes é uma comunidade pesqueira, a pesca é um aspecto importante da economia local, como a agricultura e a pecuária, mas atualmente o papel do turismo na economia local tem crescido.

Constatei que o turismo está presente e influenciando as formas como a comunidade e o sítio se relacionam. Há um consenso local sobre as ruínas como símbolo representativo da vila de Joanes, sendo um dos elementos que a diferencia das comunidades vizinhas (Bezerra 2014). Em alguns relatos é possível perceber como as ruínas se destacam como um símbolo marcante da vila de Joanes. Verifiquei através do relato de uma moradora da vila, Laura, relatou-me o motivo pelo qual é importante proteger as ruínas:

(...) a proteção das ruínas que é muito importante por que a, como é que a gente chama, o cartão postal, né, daqui de Joanes que é o que todo mundo vem, chega e vê, são as ruínas. É o cartão postal que a gente chama, né. Por que “Ah, eu vou ver as ruínas. Vou ver as ruínas”. (Entrevista de Laura, Salvaterra-PA, 17 de fevereiro de 2011).

As ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário são uma referência local, utilizadas pelas artesãs da AERAJ como imagem representativa da vila. As ruínas são pintadas em cuias, tecidos, vasos, camisetas, assim como as cenas cotidianas, os búfalos, as danças e as paisagens locais (Bezerra 2014). A produção artesanal vendida como souvenir da vila de Joanes trata das representações, dos sentidos e dos contextos em que os moradores estão envolvidos.

Percebi nas falas dos moradores uma grande preocupação com preservação das ruínas. Essa inquietação dos moradores com a segurança do sítio resultou em um multirão realizado para colocação de uma cerca ao redor das mesmas, organizado por um grupo de moradores com o objetivo de impedir a passagem de veículos automotivos. Segundo a moradora Janice, a maior preocupação dessa ação foi conservar as ruínas, pois vários veículos, inclusive ônibus, passavam ao redor delas, além de muitas pessoas de fora subirem na torre das ruínas para tirar fotos.

⁵ Camboa é uma armadilha de pesca construída com pedras nas zonas de oscilação das marés (Bezerra 2010). De acordo com Silva (2012: 23), “ainda ao que se refere à origem das camboas sabe-se que essas estruturas se encontram citadas nos relatos de naturalistas viajantes do século XVIII”.

Ficou evidente nos relatos o desejo de alguns moradores em construir um museu da vila de Joanes para a permanência dos artefatos encontrados pelos projetos arqueológicos realizados anteriormente. O desejo de criar um museu na vila é compreendido como uma forma de preservar seu patrimônio cultural e de mantê-lo no local de origem (Airoza 2013). Verifiquei que a menção a criação de um museu na vila possuía o propósito de chamar a atenção dos órgãos responsáveis para a preservação das ruínas. Ou seja, a preservação do patrimônio arqueológico local só se efetivaria mediante a presença de um museu (instituição) em Joanes.

Ao direcionar o olhar sobre estas práticas de preservação dos moradores, pode-se refletir sobre as relações estabelecidas entre os moradores e o patrimônio arqueológico local. Além do mais, as práticas trazem três tempos: passado, pois preservam pela representação do passado da vila e por fazer referência à própria vida deles (Bezerra 2011, 2013, 2014); presente, pelo eminente risco de degradação, seja pelo vandalismo de alguns turistas ou pela ação ambiental; e futuro, pelos benefícios que podem ganhar com o desenvolvimento do turismo e para legar esse patrimônio aos seus filhos (Airoza 2013).



Figura 8 - Torre das ruínas durante o restauro.
Foto: Maíra Airoza, 2014.

No ano de 2014, as ruínas da vila de Joanes passaram por uma intervenção que compreendeu a estabilização estrutural e a conservação das paredes remanescentes da igreja. No mês de outubro de 2014 foi realizada, no âmbito do projeto Casa do Patrimônio⁶, uma edição do “Conversa Pai D’égua: falando sobre patrimônio”⁷ que enfocou o patrimônio cultural da vila de Joanes, sendo a primeira vez que o evento foi realizado fora da capital paraense. Os palestrantes foram Fernando Marques (arqueólogo do MPEG); Marielle Campos (professora da E.M.E.F. de Joanes) e Carla Cruz (educadora IPHAN/PA). Quando retornei à vila de Joanes, para realizar a pesquisa atual, a intervenção no sítio estava sendo finalizada. Esta intervenção foi recebida com grande alívio pelos moradores que a anos reivindicavam uma ação de preservação das ruínas.

1.2. Reencontrando a vila de Joanes e seus moradores.

Em minha história de vida, a Ilha do Marajó sempre esteve presente. Minha avó materna e seus nove irmãos nasceram e cresceram na comunidade de Mangabeira, pertencente ao município de Ponta de Pedra, na região dos campos marajoaras. E, aos poucos, transferiram-se para Belém, afim de estudar ou trabalhar. A maior parte da família mudou-se para os bairros da Pratinha e o distrito de Icoaraci. Dessa maneira, desde os meus dois anos de idade atravesso a baía do Guajará para passar as férias de julho e os feriados prolongados na casa do meu bisavô Brasilino, na comunidade de Mangabeira.

Apesar de pertencerem a localidades distintas, Ponta de Pedras e Salvaterra guardam algumas semelhanças, desde a natureza marajoara a rotina dos seus moradores. Cresci experimentando intempéries durante minha travessias da baía do Marajó, aprendendo a decidir o que levar e onde dormir, a lidar com a falta de energia elétrica e até mesmo as visagens – categoria nativa para as assombrações. Essa experiência de vida me foi útil durante meus trabalhos de campo na vila de Joanes. Apesar das diferenças na paisagem – Mangabeira está de frente para baía e Joanes está de frente para o mar – entre essas localidades, muitas coisas que visualizei durante as atividades de campo me remeteram as minhas próprias lembranças. E

⁶ O projeto Casa do Patrimônio faz parte de um projeto nacional que tem por objetivo constituir espaços de interlocução e diálogo com a comunidade local, promovendo a valorização, gestão e preservação do patrimônio cultural. No Pará, doze instituições assinaram um acordo de cooperação técnica com o intuito de realizar ações em parceria.

⁷ “Conversa Pai D’égua” trata-se de um ciclo de palestras que abordam várias temáticas relacionadas ao Patrimônio Cultural, ocorrem desde 2012, realizado pela Rede Casas do Patrimônio.

muitas foram as coisas que passei a ver, por conta de um olhar mais treinado, e que antes não percebia, como o ‘ser ou não ser’ turista.

Em todas as minhas idas à Mangabeira, senti-me sempre como parte daquele lugar, mas não ao ponto de ser ‘nativa’, apesar de assim ser chacoteada por alguns parentes em virtude de lá permanecer em longas temporadas. Tampouco me encaixava na categoria “turista”, pois estes para os moradores locais eram aqueles que não possuíam vínculos com a comunidade e por isso sempre se hospedam em pousadas, em casas de parentes ou de amigos. Sentia-me entre ambos, nem completamente um ou outro. Situação não muito diferente na qual me encontrei quando passei a realizar minhas pesquisas de campo na vila de Joanes, em Salvaterra. Apesar de conhecer alguns aspectos da vida marajoara, a realidade com a qual me deparei era bastante distinta, pois na vila de Joanes se encontra um sítio arqueológico.

Em meados de 2010 fui convidada pela professora Luzia Gomes, da Faculdade de Artes Visuais/FAV, Instituto de Ciências da Arte/ICA, UFPA, a integrar, como bolsista de iniciação científica, o projeto “Os Significados do Patrimônio Arqueológico para os Moradores da Vila de Joanes, Ilha do Marajó, Brasil” (UFPA/CNPq), coordenado professora Marcia Bezerra, no âmbito do PPGA, na mesma instituição. O objetivo era compreender: as relações estabelecidas entre os moradores da Vila de Joanes e o patrimônio arqueológico local. Sob a orientação da professora Marcia Bezerra, elaborei e desenvolvi o plano de trabalho intitulado “O Lugar do Passado: A Construção da Ideia de Museu pelos Moradores da Vila de Joanes, Marajó, Brasil” (Airoza 2012).

Neste trabalho desenvolvi reflexões sobre as percepções dos joanenses acerca da ideia de museu e de suas reivindicações em constituir um espaço museológico na vila. Apesar do objetivo inicial da pesquisa se voltar para a compreensão das relações entre os moradores, seu passado e o patrimônio arqueológico, considerando a categoria “museu”, no decorrer de minha primeira experiência de campo, deparei-me com a importância que o turismo exercia nas percepções dos joanenses sobre a ideia de museu.

Ao tratar dos trabalhos de campo realizados na vila de Joanes, divido-os em duas fases: os primeiros campos e os campos atuais. As primeiras idas à vila de Joanes antecedem o meu ingresso no Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA). Os primeiros campos foram realizados nos anos de 2011 e 2012, onde era graduanda em Museologia. Assim sendo, os campos atuais referem-se aos trabalhos de campo realizados nos anos de 2014 e 2015. Os objetivos em cada etapa eram distintos, porém retomo meu primeiro trabalho de campo na vila pois este é portador de considerações importantes para pesquisa atual.

Os primeiros trabalhos de campo possuíam como objetivo central compreender as relações estabelecidas entre os moradores da vila de Joanes e o patrimônio arqueológico. Nessa primeira etapa realizei três idas a campo, nos meses de fevereiro (2011), abril e junho (2012), em períodos com menor fluxo de turistas. Duas constatações são importantes desse período: a primeira é referente à relação que os moradores mantinham com as ruínas do sítio de Joanes; e a segunda diz respeito a frequência do turismo nas falas dos moradores.

Destaco que, apesar da minha formação como museóloga, estava aos poucos adentrando no campo da Antropologia. Este diálogo entre essas duas áreas do conhecimento permitiu-me compreender que minha concepção sobre as questões patrimoniais era de certa forma romantizada. Ainda não havia lidado com demandas patrimoniais de comunidades de entorno, muito menos com o campo do Turismo. Dessa maneira, considero que naquele momento possuía uma ideia de turismo rasa e ultrapassada, daí o choque ao deparar-me com a temática turismo em diversos diálogos com os moradores da vila.

Lembro-me do sentimento de frustração no meu primeiro trabalho de campo em fevereiro de 2011. Na ocasião fui para vila com a expectativa de ouvir narrativas sobre a relação dos moradores com o patrimônio arqueológico local. Contudo, aspectos do turismo permeavam as falas dos moradores em relação as ruínas, desde suas preocupações referentes as ameaças que o turismo impunha às ruínas até as benéficas que o mesmo traria à vila.

Ao realizar os primeiros trabalhos de campo em Joanes, eu era estudante de graduação. Foi durante essas primeiras viagens de trabalho que primeiro experimentei contato com o fazer antropológico. Mas, é importante frisar que sempre estive acompanhada e orientada por pesquisadores experientes, facilitando minha aproximação com os moradores e desenvolvimento das atividades previstas. Nesta primeira fase, minha imagem junto aos moradores da vila esteve sempre relacionada com a das professoras Marcia Bezerra e Luzia Gomes. Essa associação, por um lado me ajudou em momento posterior quando retornei à vila para iniciar a pesquisa que é objeto desta dissertação; por outro lado tornou-se um dos desafios de meu trabalho, particularmente no processo de construção de minha própria rede de relações no local.

Durante as minhas experiências de campo ficou evidente a demanda dos moradores por um museu da vila de Joanes, já que reivindicam a permanência dos artefatos recuperados durante as escavações arqueológicas conduzidas por pesquisadores da UFPA e do MPEG na própria vila (Schaan e Marques, 2006; Marques e Bezerra, 2009). Para eles, o aproveitamento do patrimônio local deve considerar a melhoria de sua qualidade de vida, no presente e no futuro. Nesse sentido, busquei tratar dos usos do patrimônio arqueológico de Joanes e a sua

conexão com o desejo de construção de um museu, a constituição da identidade local e do turismo na vila de Joanes.

Assim, desenvolvi meu TCC (Airoza 2013) como desdobramento dos resultados finais da minha pesquisa de iniciação científica. Nele constatei que os moradores realizam ações que compreendo como sendo de natureza preservacionista: a realização de mutirões⁸ para preservação das ruínas, como demonstrado pela colocação de uma cerca para impedir a passagem de veículos sobre o sítio e a limpeza da área ao redor das paredes remanescentes da igreja; o hábito dos moradores de colecionar os artefatos encontrados na superfície de seus próprios quintais e seus esforços em restaurá-los (Bezerra 2011; Ravagnani 2011); e, para além das ruínas a realização de festas de bois e de quadrilhas juninas como forma de perpetuar essas práticas entre mais novos.

Ao longo da pesquisa na vila o turismo assumiu um papel importante em minhas reflexões, tornando-se pertinente a proposição de estudar a relação entre o turismo, o sítio e os moradores de Joanes. A temática do turismo surge de forma recorrente na fala dos moradores. Somado a isso, a apropriação do patrimônio arqueológico local com fins turísticos já havia sido evidenciada por Bezerra (2014), quando tratou da utilização da imagem das ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário na confecção dos artesanatos criados pela AERAJ, cuja identidade visual retrata também as ruínas. As artesãs e outros moradores consideram as ruínas como marcador identitário da Vila, em contraponto à sede do município, Salvaterra, conforme já discutido por Bezerra (2014). Neste momento percebi que as ruínas estão inseridas em um cenário turístico complexo, e possuem um lugar muito peculiar neste contexto.

Nos anos de 2014 e 2015, após o ingresso no programa de pós-graduação em antropologia, dei início aos meus trabalhos de campo que no todo somaram quatro idas à vila de Joanes. A primeira viagem a campo foi estratégica, pois reatei o contato com a comunidade e me preparei para os próximos campos, providenciando um local para minha estadia e fazendo minhas primeiras observações na vila após uma período ausência. Este primeiro momento foi fundamental para restabelecer alguns contatos com moradores conhecidos na vila de Joanes, pois a observação participante como observamos em Foote-Whyte (1980) e Berreman (1980) não se faz sem um “Doc” ou “Shama”, sem um informante que lhe abra algumas portas.

⁸ Mutirão é uma prática evidenciada em muitas comunidades rurais no Brasil e de acordo com Candido (2010: 82) “consiste, essencialmente, na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar um determinado trabalho (...)”. Ravagnani (2015) menciona os mutirões realizados em Joanes e sua relação com a Festa de São Pedro.

Durante este campo, fui muito bem recebida pelo morador Janílson e sua família, que logo me propuseram apresentar a outros moradores. Outra situação excepcional neste campo foi a oportunidade que recebi de ir à confraternização de final de ano da AERAJ, por intermédio de ERG, que me rendeu a oportunidade de rever as artesãs e seus familiares e também ser vista. Depois de dois anos sem ir à Vila de Joanes, ainda era lembrada por alguns que sempre faziam referência as professoras Luzia Gomes e Marcia Bezerra.

Na ocasião a torre das ruínas do sítio de Joanes estava sendo restaurada e cheguei a vê-la cercada com andaimes, conforme pode ser verificada na figura 9. No decurso do campo, verifiquei a presença de grupos de turistas no sítio, que demonstravam curiosidade sobre a “obra” na torre. No decorrer de conversas informais com alguns deles, constatei que a maioria desses grupos que visitavam o sítio estavam hospedados em hotéis e pousadas de Salvaterra ou Soure.



Figura 9 - Turistas lendo a placa de sinalização das ruínas.
Foto: Maíra Airoza, 2014.

Muitos turistas tiravam fotos das ruínas e de sua placa de sinalização. Na vila uma prática muito comum, durante as festividades do Círio de Nossa Senhora do Rosário, era pintar a placa de sinalização das ruínas com alguma referência ao círio. No entanto, neste ano tudo indica que a placa não foi utilizada com esta finalidade, o que se confirmou nos próximos campos, como forme observado na figura 10. Na placa é possível encontrar algumas informações sobre o sítio, fazendo referência a um projeto de educação patrimonial denominado “Joanes conta sua

história”, mas que não obtive referência alguma sobre o mesmo, seja dos moradores ou de outros pesquisadores.

Neste trabalho de campo me hospedei na Pousada Ventania com o intuito de observar turistas que lá estivessem. Conversando com Nilde consegui uma casa próxima das ruínas que pretendia alugar no próximo campo em janeiro. Porém me hospedei na casa da Eliza, gerente de uma pousada na vila, por sugestão do mestrando Luis Ravagnani, que realizava sua pesquisa de mestrado (Ravagnani 2015). Nesse, dediquei atenção ao mapeamento dos lugares envolvidos na prática turística da vila, tais como pousadas, restaurantes e outros indicados pelos moradores. Além de começar a estabelecer minha própria rede de contatos na vila. Nos trabalhos de campo que havia feito durante a graduação não tive a oportunidade de me hospedar na casa de moradores da vila como tive neste, a experiência do convívio ininterrupto com os moradores demonstrou-se de grande importância para a compreensão da temática.



Figura 10 - Placa de sinalização das ruínas.
Foto: Maíra Airoza, 2014.

Nesse campo, ao observar grupos de turistas que visitavam a vila, constatei que poucos eram os que davam atenção às ruínas, preferindo contemplar as paisagens naturais. Entre os turistas que iam até as mesmas, os poucos que lidavam atenção a utilizavam como cenário para tirar fotos. Observei a área do sítio em horários diferentes para verificar como as pessoas que por ali transitavam lidavam com as mesmas. Constatei uma grande movimentação de veículos automotivos de pequeno e grande porte em sua área. E, ainda, de grupos de pessoas deslocando-

se para sua área de fundo, apesar dos moradores terem tentado fechar a passagem com blocos de concreto, que sobraram do coreto que caiu no ano de 2014.

As entrevistas realizadas foram abertas. Caracterizando-se por questionamentos básicos, com roteiro prévio relacionado ao tema da pesquisa, fazendo intervenções de acordo com as circunstâncias. Este método permitiu abrir perspectivas para análise e interpretação do pensamento dos moradores. Na maioria das vezes, as entrevistas ocorriam nas casas dos moradores e conforme sua disponibilidade, respeitando os hábitos locais, como o de recolher-se logo após o almoço.

Observei como a dinâmica da vila é alterada nesta época de veraneio, com o grande fluxo de visitantes. Muitas casas, que em campos anteriores eu as encontrei fechadas, estavam lotadas. Na praça principal, no entorno das ruínas, havia um palco onde todas as noites eram realizadas atrações, desde festas de aparelhagem e concurso de miss. Neste período presenciei a III Corrida de Búfalo da vila de Joanes (Figura 11), realizada na praia e organizada pelo morador Zenor (Figura 12).



Figura 11 - III Corrida de Búfalo, realizada na praia grande.
Foto: Maíra Airoza, 2015.

Entrevistei moradores envolvidos no contexto turístico da vila, como os funcionários das pousadas e os moradores residentes próximos a esses estabelecimentos. Tive a oportunidade de participar das romarias do Círio de Nossa Senhora do Rosário (Figura 13), padroeira da comunidade, que é uma das mais importantes na vila. E pude perceber a vinda de muitos filhos de Joanes, que não residem na vila, para festividade.



Figura 12 - Camisa da II Corrida de Búfalo, pertencente ao organizador Zenor.
Foto: Maíra Airoza, 2015.



Figura 13 - Círio de Nossa Senhora do Rosário.
Foto: Maíra Airoza, 2015.

O sítio e sua relação com o turismo já não eram tão evidentes nas falas dos moradores. Quando indagados sobre o turismo, os moradores quase nunca faziam referência ao sítio. Pude perceber as nuances dessa relação a partir da observação, mais do que na indagação direta,

assim sendo tracei outras estratégias para compreender como o sítio de Joanes insere-se no turismo local.

Como estratégia para perceber a relação do sítio com o turismo local, realizei uma pesquisa na internet sobre pacotes turísticos para ilha de Marajó (que incluíssem a vila de Joanes), e sobre o site oficial da Secretaria de Turismo (SETUR), do Governo do Estado do Pará. Observando o que era exposto sobre a ilha do Marajó, mais especificamente referentes a Salvaterra e vila de Joanes, sempre atentando para como o sítio arqueológico de Joanes era representado nos pacotes turísticos.

Para compreender o papel das ruínas no turismo faço uso da internet, pois a mesma possibilita aos turistas informações imediatas sobre vários destinos turísticos. O primeiro contato dos turistas/consumidores com os seus destinos turísticos é pela internet, devido à grande facilidade de acesso atualmente. A internet, é então, um meio importante para as construções das representações turísticas do destino, por meio dela que os turistas constroem suas expectativas e motivações quanto ao seu local de visita.

Aqui reconheço a necessidade de lidar com mudanças socioculturais decorrentes da globalização, é preciso refletir sobre os nossos modelos teóricos e os nossos métodos com o intuito de abarcar a “natureza mutável da experiência humana em uma era global” (Leite e Graburn 2009: 20, tradução da autora). O turismo constitui-se como um aspecto evidente das sociedades contemporâneas e integra os focos de análise da antropologia como um campo social, onde atores se envolvem em relações complexas através do tempo e do espaço, físico e virtual (Leite e Graburn 2009).

Na busca por compreender a relação do sítio de Joanes com o turismo é preciso estabelecer um diálogo entre a Arqueologia e Antropologia, principalmente no que se refere à análise dos usos e sentidos que os sítios arqueológicos assumem contemporaneamente no âmbito do turismo. A Arqueologia, a Antropologia, e o Turismo estão cada vez mais conexos com as relações que se estabelecem entre os sítios arqueológicos, turismo e comunidades locais.

Neste contexto, a relação entre a arqueologia e a etnografia, segundo Castañeda (2008), surge como resposta aos dilemas contemporâneos do fazer arqueológico. Dessa forma, a etnografia é utilizada para resolver o problema de como envolver eticamente os diversos grupos, e principalmente as comunidades do entorno desse patrimônio arqueológico, onde o arqueólogo tem uma responsabilidade primordial.

Deste modo, a etnografia pode ser usada para interpretar, criticar e reconstruir a arqueologia como uma prática moderna, que investiga, produz e está profundamente investida em conhecimento sobre o passado no presente (Castañeda 2008). Uma abordagem etnográfica

dentro da arqueologia problematiza-a como uma instituição social, cultural, ética e política. A expansão do setor turístico, assim como a globalização e a comercialização do passado, traz novos desafios com os quais os arqueólogos também devem se envolver (Mcguire 2008).

Assim, a partir da pesquisa etnográfica realizada na vila de Joanes, compreendo qual o papel do sítio de Joanes no contexto turístico local, refletindo sobre as relações que comunidades modernas possuem com os sítios arqueológicos. Há diversas motivações para a atividade turística na vila, mas mesmo o sítio arqueológico não sendo o foco principal, estamos lidando com o consumo da arqueologia como uma atividade de lazer (Díaz-Andreu 2013). Como consequência, é possível perceber aspectos importantes da dinâmica do turismo na vila de Joanes.

CAPÍTULO 2 – Arqueologia e Turismo: aspectos da relação

Os antropólogos passaram a lidar com significativas mudanças socioculturais decorrentes da globalização, e tiveram que refletir sobre os seus modelos teóricos e os seus métodos com o intuito de abarcar a “natureza mutável da experiência humana em uma era global” (Leite; Grabum 2009: 20, tradução minha). O turismo constitui-se como um aspecto evidente das sociedades contemporâneas e passou a integrar os focos de análise da antropologia como um campo social, onde atores se envolvem em relações complexas através do tempo e do espaço, físico e virtual (Leite e Grabum 2009).

O turismo é abordado sob um amplo campo de interesse antropológico, tais como: etnicidade, desigualdade social, gênero, cultura material, globalização, diásporas, representação, comoditização da cultura, desenvolvimento, identidade, dentre outros (Leite e Grabum 2009). Segundo Grabum (2009), não existe uma perspectiva teórica única que conduza a pesquisa antropológica sobre o turismo, daí a ausência de um subcampo específico do estudo do turismo na Antropologia. Muitas pesquisas antropológicas sobre o turismo estão relacionadas com outros campos disciplinares (Leite e Grabum 2009), e cada vez mais interdisciplinares.

Os primeiros trabalhos etnográficos sobre o turismo centravam-se nos “impactos” sociais, culturais e ambientais nas comunidades receptoras, expressando a preocupação dos antropólogos com a degradação cultural que o turismo provocaria nas sociedades receptoras. O início da democratização do turismo, nas ciências sociais, foi permeado de novas possibilidades de temas de investigação. Segundo Leite e Grabum (2009: 9), após o turismo ter entrado no quadro dos estudos etnográficos, os primeiros estudos focaram principalmente nos impactos do turismo sobre “a mudança social, gênero e sexualidade, cultura material (“artes turísticas”), autenticidade, etnia e identidade”.

O turismo não possui uma uniformidade nas suas experiências, ocorrerá variações de acordo com os contextos locais e temporais. Portanto, não deve ser visto como um fenômeno isolado do contexto histórico e cultural. Os fenômenos relacionados a urbanização, individualismo e as mudanças nas condições de trabalho contribuíram para que a ideia do turismo como uma necessidade moderna dos indivíduos (Sampaio 2013). De acordo com Urry (2001: 19), “ser turista é uma das características da experiência “moderna”. Não viajar é como não possuir um carro ou uma bela casa. É algo que confere *status*, nas sociedades modernas (...)”. Isso não significa que não houve viagens organizadas anteriormente, mas, em boa parte, caracterizou-se como privilégio de uma minoria.

2.1. Entre Arqueologia e Turismo

A expressão “turismo” surge no meio do século XIX, quando o mundo passava por muitas transformações decorrentes do capitalismo industrial, como o aparecimento de grandes indústrias (Figueiredo e Ruschmann 2004). Segundo Graburn (2009), pode-se afirmar minimamente que o turismo é algo que envolve movimento de um lugar para outro. Segundo Berger (2013: 14), “eles são todos turistas, ainda que alguns deles possam se descrever ou pensar em si mesmos como "viajantes" em vez de turistas, uma vez que existem certas conotações negativas para o termo "turista" (...)”. As pessoas viajam por diversas razões: para realização de negócios, visitação de familiares, atividades de lazer, entre outras. Sendo que todas estas compartilham elementos turísticos (Graburn 2009).

A experiência turística surge a partir do movimento e permanência de pessoas em determinados lugares, ou seja, deslocamento com tempo de estadia em localidades fora dos lugares de residência e trabalho (Urry 2001). De acordo com a Organiza o Mundial de Turismo (OMT), a prática turística compreende “atividades de pessoas que viajam para ficar em lugares fora do seu ambiente habitual por não mais de um ano consecutivo para lazer, negócios e outros fins não relacionados com o exercício de uma atividade remunerada no local visitado”. Segundo Berger (2013: 16), essa defini o da OMT possui limita es, pois o mesmo considera que “os turistas são viajantes e viajantes são turistas”, por mais restrita que possa ser o tipo de viagem, o indivíduo poderá ter alguma experiência turística no decorrer dela.

O turismo é tido como um fen meno social, onde ocorrem encontros entre diversas culturas a partir do deslocamento de grupos de pessoas que passam a circular em locais onde não residem, ocasionando múltiplos impactos. Ademais, segundo Sampaio (2013), o turismo deve ser compreendido para além de um fen meno social circunscrito e identificável, pois abrange discursos e práticas sociais complexas, também ligadas as necessidades criadas pelo mundo moderno.

É clara a tendência para se considerar o turismo como uma forma de viagem que existiu sempre, sin nima de viagem. O entendimento das formas históricas relativas e das mudanças de mentalidade indica o contrário: o turismo é uma forma de viagem exclusiva da modernidade e pilar da pós-modernidade. (Figueiredo e Ruschmann 2004: 169).

O turismo como um fen meno da modernidade está intrinsecamente relacionado com os fatores que desencadearam o seu surgimento, tais como: a mecaniza o e divisão do tempo natural em tempos de trabalho, lazer, etc; a produ o em massa; o desenvolvimento da tecnologia da informa o e do transporte; entre outros (Figueiredo e Ruschmann 2004).

É fundamental reconhecer como o consumo de serviços turísticos é uma prática social da modernidade. Segundo McKercher e Du Cros (2002), os turistas consomem experiências para satisfazer suas necessidades pessoais. O turismo é marcado pelo consumo tanto de bens materiais quanto de bens imateriais. O patrimônio pode ser considerado um dos elementos consumidos nas práticas turística com maior significado e crescimento (Salazar e Zhu 2015).

Os recursos turísticos devem ser considerados como “parte do domínio público ou estão intrinsecamente ligados ao tecido social da comunidade de acolhimento” (McKercher e Du Cros 2002: 28). Dessa maneira, discutir o turismo implica a necessidade de refletir sobre o consumo de bens patrimoniais, onde ambos formam uma relação complexa e repleta de significados. Para Gonçalves (2007)

(...) o mercado não seria algo que ameaçaria (ou confirmaria) o patrimônio externamente, de fora de suas fronteiras; ao contrário, ele existiria internamente aos patrimônios culturais modernos, no interior de suas fronteiras, fazendo parte de sua natureza, não podendo estes existir sem aquele. A própria “inalienabilidade” dos bens que integram os patrimônios pode tornar-se uma forma de mercadoria nos contextos contemporâneos, agregando valor aos objetos e transformando-os em alvo de interesse turístico. Este último, embora representado tendencialmente de forma negativa e destrutiva, parece ser, na verdade, uma das fontes para a existência social e cultural do patrimônio. (Gonçalves 2007: 240).

O patrimônio está relacionado “aos elementos materiais e imateriais, naturais ou culturais, herdados do passado ou criados no presente, no qual um determinado grupo de indivíduos reconhece sinais de sua identidade” (Zanirato 2009: 145). Dessa maneira considero que os elementos culturais são constituídos por manifestações materiais e imateriais criadas pelos antepassados. Estas manifestações compreendem objetos ou ações que apresentam valor histórico, cultural e artístico e representam os aspectos culturais de um grupo social.

A discussão sobre patrimônio requer ir além dos aspectos técnicos e classificatórios. É necessário compreendê-lo a partir da heterogeneidade dos bens que o integram. Segundo Fonseca (2009), os bens culturais pertencem a sistemas de linguagem distintos, como a arquitetura e a arqueologia. E, ainda, cumprem funções próprias na vida econômica e social do grupo em que estão inseridos. Dessa maneira, o patrimônio precisa ser interpretado a partir do presente, pois é edificado pelo presente. São as condições atuais que lhe aferem um significado, o qual “pode ser construído e negociado por diversos atores sociais, cujas relações de poder nem sempre são simétricas, e cujos interesses não são rígidos ou fixos” (Anico 2005: 76-77).

Na contemporaneidade as transformações das estruturas da economia mundial, caracterizada pela crise das sociedades industriais e pelo crescente consumo e expansão dos lugares de lazer, têm culminado em ações de preservação local e sua exaltação. Este contexto

traduziu-se na criação de lugares de memória (Nora 1993). Segundo Anico (2005) esses lugares de memória se evidenciam com a criação de:

(...) locais de recordação e reminiscência do passado, que incluem monumentos, museus, arquivos e bibliotecas, efemérides e comemorações, bem como outras formas de patrimonialização de referentes culturais, com o propósito de evitar o esquecimento e contrapor uma noção de tempo glacial, contínuo e estável, à instantaneidade que caracteriza a temporalidade em contextos pós-modernos (Anico 2005: 74).

O patrimônio cria, acirra e fortalece as relações sociais, principalmente inserido em contextos turísticos. Por sua vez, a gestão das diferentes demandas dos grupos envolvidos – moradores do entorno, indústria turística, políticos, especialistas, etc. –, é o maior desafio para contextos turísticos. Segundo McKercher e Du Cros (2002)

a turistificação de bens do patrimônio cultural apresenta uma série de problemas para a gestão desses ativos, não menos do que é a difícil tarefa de acomodar tanto as necessidades da indústria do turismo e as ideais da gestão do patrimônio cultural. (McKercher e Du Cros 2002: 29).

A indústria do turismo, visando atender as necessidades e os desejos do seu público-alvo, divide os seus produtos e destinos turísticos em segmentos específicos, que contribuem para o seu planejamento, gestão e comercialização (Brasil 2008). Desse modo, um destino turístico com foco no turismo cultural utiliza aspectos culturais, históricos e étnicos de uma sociedade, para isso faz uso de monumentos, sítios históricos, museus, festas religiosas, manifestações artísticas, dentre outras. Contudo, a experiência turística deve ser tratada de forma complexa, pois envolve diferentes aspectos desde culturais e naturais que se sobrepõem.

O segmento do turismo cultural envolve uma diversidade de produtos e experiências que o torna difícil de ser definido (McKercher e Du Cros 2002). Definir um segmento turístico para uma determinada localidade é problemático, pois são aspectos eleitos em detrimento de outros. Ao definir um local como prioritário do turismo cultural, turismo rural ou ecoturismo reduz-se as possibilidades da experiência dos próprios turistas. Além disso, é impossível separar categorias como ‘cultura’ e ‘natureza’, pois estão imbricados em toda experiência turística. De acordo com McKercher e Du Cros (2002):

(...) all travel involves a cultural element. By its very nature, the art of traveling removes tourists from their home culture and places them temporarily in a different cultural milieu, whether in an adjacent city or in a village halfway around the world. But cultural tourism is seen as offering something more or different both to the tourist and the community that hosts the tourist. (McKercher e Du Cros 2002: 5).

O turismo cultural utiliza bens do patrimônio cultural para transformá-los em experiências e produtos de consumo, assim também pode se dividir em outros subtipos para sua

melhor gestão e comercialização. É importante destacar que o turismo cultural, bem como outros segmentos, é uma prática consumista (Salazar e Zhu 2015). Dessa maneira, os sítios arqueológicos são usualmente utilizados para construção de destinos turísticos no âmbito do turismo cultural.

A incorporação do patrimônio arqueológico como foco de uma atividade turística resulta no que definimos como turismo arqueológico ou arqueoturismo. Manzato (2007) definiu o turismo arqueológico como um

(...) processo decorrente do deslocamento e da permanência de visitantes a locais denominados sítios arqueológicos, onde são encontrados os vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pré-históricas e/ou históricas, passíveis de visitação terrestre ou aquática. (Manzato 2007: 100).

Como os segmentos turísticos não tratam de experiências restritas, a visitação a sítios arqueológicos pode estar inserida em outros contextos. Segundo Murta e Albano (2002: 9), “a experiência turística é fortemente visual”, onde o “olhar do visitante procura encontrar a singularidade do lugar, seus símbolos e significados mais marcantes”. Desse modo, até mesmo sítios arqueológicos que não estão preparados para inserção no mercado turístico poderão ser visitados e explorados.

Os sítios arqueológicos, em contextos turísticos, são transformados em mercadorias e consumidos em um ritmo alarmante. A arqueologia deve se preocupar com a forma que o passado está sendo comercializado, e também pode aproveitar as práticas turísticas para envolver o público em novas reflexões. Os arqueólogos não estão isolados, eles precisam lidar com diversos especialistas, pois, cada vez mais o turismo arqueológico é um segmento importante no mercado turístico.

A globalização e a comercialização do passado pelo turismo tornaram-se uma nova força política, e na arqueologia não tem sido diferente (Mcguire 2008). As atividades turísticas constituem uma enorme indústria global, tendo o consumo do passado, representado aqui pelos sítios arqueológicos, uma parte importante dessa indústria. Os sítios arqueológicos que são produtos de escavações e pesquisas passam a ser “*commodities*” importantes no mercado turístico. Dessa maneira, a expansão do setor turístico traz novos desafios com os quais os arqueólogos devem se envolver.

Durante muito tempo, os arqueólogos evitaram discutir sobre seu papel na construção de destinos turísticos. Mas recentemente a arqueologia e a antropologia estão cada vez mais envolvidas com as relações que se estabelecem entre sítios arqueológicos, turismo e comunidades locais. Os arqueólogos precisam compreender os sítios arqueológicos inseridos em contextos complexos, levando em consideração o ecossistema, as comunidades locais e as

redes sociopolíticas (Walker e Carr 2013). Walker e Carr (2013) destacam a relação que a arqueologia e o turismo possuem, afirmando que

While tourism and archaeology are, without a doubt separate disciplines, they share a significant number of interests, such as the educational and financial responsibilities of archaeologists and those who manage archaeological sites and museums. (Walker e Carr 2013: 15).

A exploração econômica de sítios arqueológicos tem colocado arqueólogos em situações de tensão, principalmente em relação as questões éticas envolvidas na construção dos discursos para o consumo turístico (Díaz-Andreu 2013). Nessas circunstâncias, o arqueólogo desempenha um papel importante, segundo Pacífico e Vogel (2012)

ao tornar visíveis evidências de sociedades do passado, os arqueólogos fornecem recursos que as comunidades modernas usam para definir suas identidades através da exploração do seu patrimônio. Ao fornecer os restos materiais do patrimônio cultural, os arqueólogos também fornecem os materiais para uma indústria do turismo em expansão (Pacífico e Vogel 2012: 1591, tradução da autora).

As pesquisas arqueológicas podem contribuir para inserção de sítios arqueológicos em contextos turísticos, ao produzir um conhecimento que foi apropriado e reproduzido pelos meios de comunicação (jornais, redes sociais, novelas) e, também, foi apropriado pelas comunidades locais propiciando o debate e empoderamento sobre seu patrimônio local. A relação do turismo com sítios arqueológicos é complexa, e extrapola as interpretações exclusivamente positivas ou negativas. Pois, se por um lado o turismo pode contribuir para o desenvolvimento econômico de uma comunidade e para a preservação do patrimônio arqueológico local, por outro as atividades turísticas desordenadas e as representações equivocadas construídas pela indústria turística podem pôr em risco o patrimônio de uma comunidade e ser prejudicial para todas as partes integrantes deste contexto.

O desafio está nas formas de gerir os bens patrimoniais, entendendo que não há uma fórmula exata, mas possibilidades. É imprescindível que se abra espaço para a participação social nos processos de construção e apropriação de seus patrimônios culturais pelo turismo e que suas formas de lidar com o patrimônio não sejam desprezadas, mas redirecionem o olhar sobre a questão. E, também, de pensar formas menos dualistas nas representações da indústria turística que separam os elementos culturais dos naturais nas atividades turísticas, particularmente em casos semelhantes aos da vila de Joanes onde ambos se integram.

2.2. Arqueologia e Turismo na Amazônia

O turismo arqueológico no Brasil ainda é incipiente se comparado a outros países da América Latina. Apesar de possuir um vasto patrimônio arqueológico são poucos os sítios que possuem condições e estrutura para visitação. Ao contrário de países, como Grécia, México e Egito, o Brasil não possui evidências arqueológicas monumentais, os sítios arqueológicos de maior visibilidade são os sambaquis (nas regiões Sul e Sudeste), as pinturas e gravuras rupestres (nos Estados de Minas Gerais, Goiás, Pará, Piauí, entre outros) e as edificações ou ruínas (como as fortalezas, engenhos, encontrados em diversos estados) (Scatamacchia 2005).

Além da visitação *in loco* dos sítios arqueológicos, há um extenso acervo arqueológico depositado em diversos museus e instituições de pesquisa no Brasil, como exemplo o Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém/PA) e o Museu Nacional (Rio de Janeiro/RJ). Os museus assumem um papel significativo no âmbito do turismo arqueológico brasileiro. As visitas *in loco* de sítios arqueológicos nem sempre ocorrem com a infraestrutura adequada, comprometendo a sua preservação.

É importante destacar as problemáticas que permeiam a relação do turismo com o patrimônio arqueológico no Brasil, pois são muitos sítios que recebem visitantes sem qualquer infraestrutura ou organização. Segundo Moreira (2010),

(...) os casos mais frequentes de danos ao patrimônio arqueológico estão vinculados aos grandes projetos empreendedores e a utilização desenfreada do turismo nas áreas dos sítios arqueológicos, que não leva em consideração o valor histórico e cultural que representam para a humanidade. (Moreira 2010: 02-03).

A maior problemática no âmbito do turismo arqueológico no Brasil é a sua gestão. A gestão do patrimônio arqueológico brasileiro se dá através de leis federais, estaduais e municipais. Em 26 de julho de 1961, a Lei 3.924 foi promulgada, que trata da proteção do patrimônio histórico e pré-colonial nacional e reflete a influência das Cartas Patrimoniais internacionais, principalmente a Carta de Nova Deli (1956), primeiro documento internacional a tratar unicamente do contexto do patrimônio arqueológico.

A Lei 3.924/61 apresenta as obrigações da União e lista os direitos e deveres dos proprietários de áreas com sítios arqueológicos. Este documento permanece até hoje como elemento regulador das atividades de escavação, conservação e proteção do patrimônio arqueológico. Pôs sob guarda e proteção do poder público monumentos arqueológicos ou pré-coloniais de qualquer natureza existentes no território nacional e todos os elementos que neles

se encontram. O Art. 2º dispõe sobre os monumentos arqueológicos ou pré-coloniais considerando-os:

- a) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente;
- b) os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha;
- c) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmios", nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico;
- d) as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios. (Brasil 1961).

Segundo Rabello (2009: 19-20), esta Lei é um “instrumento legal de atuação, procedimento e de efeitos diversos do tombamento, embora seja, assim como este, forma de intervenção do Estado na propriedade, exercida por igual pela administração em função do seu poder de polícia”. Coloca sob a proteção do Estado todos os bens de natureza arqueológica ou pré-histórica, de acordo com Capítulo IV, Art.17º – Das descobertas fortuitas: “A posse e a salvaguarda dos bens de natureza arqueológica ou pré-histórica constituem, em princípio, direito imanente ao Estado” (Brasil 1961). Apresenta também um aspecto punitivo e intimidatório, perceptível no Art. 5º: “Qualquer ato que importe na destruição ou mutilação dos monumentos a que se refere o art. 2º desta lei, será considerado crime contra o Patrimônio”.

Apreende-se que as ações preservacionistas em prática no Brasil foram influenciadas pelas políticas internacionais de preservação do patrimônio cultural. As Cartas Patrimoniais desenvolveram o conceito de patrimônio arqueológico e trouxeram aspectos importantes para refletir sobre a gestão dos bens patrimoniais, já que recomendam o engajamento da comunidade nos processos de preservação. Em certos casos indicam que os bens patrimoniais sejam mantidos sob tutela da comunidade. De acordo com a Carta de Lausanne (1990), deve ser estimulado o engajamento e a participação da população local nas ações de preservação. E, também, afirma que “em certos casos, pode ser aconselhável confiar a responsabilidade da proteção e da gestão dos monumentos e dos sítios às populações autóctones” (ICOMOS 1990: 5). No Brasil, os especialistas brasileiros tiveram que enfrentar alguns agravantes. Segundo Pelegrini (2006),

A complexidade da proteção de um extenso e diverso acervo de bens, somado a dispersão desse patrimônio cultural em tão vasto território implicou em ações pontuais, por vezes, restritas a promulgação de leis e decretos específicos que ocasionaram desequilíbrios regionais e sociais (Pelegrini 2006: 80).

A dificuldade da gestão do patrimônio arqueológico brasileiro torna o turismo uma forma de proporcionar a preservação dos sítios arqueológicos, principalmente pelo fato de muitos desses já estarem inseridos em contextos turísticos. Muito do que se lê sobre turismo e patrimônio arqueológico no Brasil está relacionado em grande parte ao turismo como possibilidade de preservação dos sítios arqueológicos, diante dos riscos que o turismo não planejado possa acarretar. Os sítios arqueológicos que não possuem infraestrutura para receber visitantes ocasionam problemas para diversos sujeitos. Segundo Manzato (2007),

Estes aspectos [ausência de planejamento] impossibilitam os turistas e excursionistas conhecer e interagir com o atrativo, o sítio, bem como seus vestígios remanescentes são danificados pela ausência de um estudo sobre a capacidade de carga máxima suportada pelo mesmo que varia segundo seu tamanho, tipo de solo, entre outros. A população residente perde parte do seu passado visto que seus vestígios remanescentes são “portadores de uma informação única e sem repetição” enquanto os empresários e o poder público, são prejudicados pela ausência de receitas e permanecem impossibilitados de gerar empregos (Manzato 2007: 102).

Figueiredo e Pereira (2005) expõem os impactos do turismo não planejado sobre o patrimônio arqueológico na Amazônia, e as possibilidades de preservação dos sítios a partir do turismo. Diversos sítios arqueológicos na região norte estão localizados em áreas que já são procuradas por turistas o que torna a gestão destes sítios mais complexa (Figueiredo e Pereira 2005; Lima et al 2013). Algumas localidades como Monte Alegre, no Pará, e Parintins e Iranduba, no Amazonas, têm problemas com o turismo desordenado e a preservação dos sítios.

Pereira e Figueiredo (2005) destacam o problema da divulgação prematura dos sítios em outros segmentos de turismo, por empresa de turismo e governos estaduais, sem nenhuma infraestrutura que proporcione visitas adequadas e a preservação do sítio arqueológico. Acrescentam ainda que,

Esta forma de difusão é bastante perigosa visto que gestores municipais e estaduais, na ânsia de transformar sítios arqueológicos em pontos turísticos, direcionam seus esforços para uma ampla divulgação e esquecem de criar as condições necessárias para a proteção e visita adequadas aos sítios. Dessa forma, estimula-se um turismo predatório face ao descompasso criado entre o excesso de divulgação sobre sítios arqueológicos ainda pouco ou nada conhecidos do ponto de vista científico e a ausência total de infraestrutura para a proteção dos sítios e a segurança dos visitantes. (Figueiredo e Pereira 2005: 25).

Como exemplo, temos as pinturas rupestres localizadas no município de Monte Alegre (Estado do Pará/Região do baixo Amazonas), que estão situadas em três serra à 40 km da sede do município (Pereira e Figueiredo 2005). A visita a esses sítios começou há muito tempo, antes de ocorrerem as primeiras pesquisas na região. Esse turismo informal ocasionou diversos

problemas para os mesmos. Diversas pinturas rupestres foram danificadas, o fluxo de visitantes era excessivo e as interpretações que eram repassadas aos mesmos eram equivocada (Pereira e Figueiredo 2005). Segundo Pereira (2012),

as consequências negativas desse tipo de visita já são visíveis. A pichação e a mutilação intencional das pinturas são os problemas mais comuns. Além deles, há ainda outras formas de destruição como a que ocorreu na Gruta do Pilão. Segundo moradores da região, uma parte da parede de entrada da gruta que continha pinturas foi destruída pelas máquinas que abriam uma estrada que facilitaria o acesso ao sítio. (Pereira 2012: 121).

Em 2001 foi criado o Parque Estadual Monte Alegre (PEMA), que possui como um dos seus objetivos principais a preservação do patrimônio arqueológico local. A partir de então foram realizadas diversas ações com o propósito de promover, preservar e capacitar guias locais, tal como a exposição “Visões: arte rupestre em monte alegre”, realizada pelo Museu Paraense Emilio Goeldi no ano de 2013.

O turismo quando não planejado prejudica de várias formas os sítios arqueológicos, porém é possível considerar a indústria do turismo como uma possível aliada na preservação dos sítios arqueológicos (Walker e Carr 2013), através de uma visitação planejada e apoio financeiro. Guimarães (2012), ao tratar do aproveitamento turístico de sítios arqueológicos no município de Iranduba, entende que o turismo em sítios arqueológicos está relacionado às atividades turísticas em execução na região. O Estado do Amazonas possui diversos sítios arqueológicos registrados, segundo Cerqueira e Pereira (2014),

vários desses sítios poderiam receber estudos de viabilidade para o seu uso, não só pela sua importância no contexto da história da Amazônia, mas também porque parte deles já recebem visitas não planejadas. Essas visitas ocorrem pelo fato de os sítios estarem localizados próximos a áreas com atrativos naturais - como cachoeiras (locais onde é comum a presença de arte rupestre) - e, culturais - representados pelas zonas rurais, onde é comum a ocorrência de sítios cerâmicos. (Cerqueira e Pereira 2014: 172).

Guimarães (2012) defende que o turismo pode ser uma alternativa para proteção de sítios arqueológicos, ao mesmo tempo que pode gerar benefícios para comunidades locais. Para isso, o turismo em sítios arqueológicos precisa de um planejamento que inclua a comunidade local. Apesar do reconhecimento da importância da participação social nos processos de preservação, na Amazônia isso ocorre com dificuldade. E a resposta para participação desigual pode ser ausência de iniciativas em pesquisas arqueológicas que incluam as comunidades locais no processo de salvaguarda dos bens patrimoniais, o que pode ocasionar problemas ainda maiores em contextos turísticos.

2.3. Turismo na Vila de Joanes.

Durante a década de 1970, o turismo no Estado do Pará se desenvolve enquanto atividade após a criação da Companhia Paraense de Turismo (PARATUR). Neste contexto, o turismo já era utilizado em discursos políticos para promover o desenvolvimento regional (Santana 2012). Foi na década de 1960, que se iniciou a discussão do turismo enquanto possibilidade de desenvolvimento econômico e social para a Amazônia. De acordo com Figueiredo (1999), “desde o governo militar, o turismo aparece como uma das atividades importantes na tentativa de ‘desenvolver’ a Amazônia (...)”.

A Amazônia foi alvo nas últimas décadas de planos e programas voltados para o turismo, que promoviam aspectos relacionados a natureza da região (Figueiredo 1999). Desse modo, o turismo na região Amazônica desenvolveu-se baseados em uma noção de natureza exótica e selvagem, principalmente nos estados do Pará e Amazonas. Dentre estes ocorreu o Programa de Regionalização do Turismo, onde os estados brasileiros apresentaram ao Ministério do Turismo (MTur) suas regiões turísticas (Tavares 2009). Os Estados que possuem maior visibilidade no turismo amazônico são o Amazonas e o Pará, que apresentam diferenças quanto ao desenvolvimento do ecoturismo⁹.

O Estado do Amazonas possui uma melhor estrutura de turismo ecológico, com hotéis de selva e hotéis ecológicos (*lodges*), barcos ecológicos, roteiros pelas matas, etc., além de uma propaganda maciça e segmentada nos principais países emissores. No Pará, o turismo ecológico não é tão desenvolvido, o turismo convencional (Belém) e em áreas naturais (Ilha de Marajó, Santarém, sul do Pará) é o que predomina. Em todo caso, o turista que visita a Amazônia (principalmente oriundos do estrangeiro e do sul do país), vem em busca da natureza. (Figueiredo 1999: 62).

No Pará, segundo Corradi et al (2009: 02), o turismo desenvolveu-se se apoiando em “elementos ligados à estrutura de ecossistemas da floresta para fomentar a utilização intensiva do patrimônio natural, buscando estabelecer a sustentabilidade e, ao mesmo tempo, valorizar os aspectos culturais e sociais regionais”. Assim, a visitação a sítios arqueológicos na Amazônia comumente está relacionada a experiências turísticas que possuam como foco principal a natureza local. Neste contexto, os sítios são atrativos turísticos utilizados para complementar algumas localidades.

⁹ O ecoturismo é um segmento turístico que visa contribuir para preservação das paisagens naturais ou ecossistemas frágeis, ou seja, promover a continuidade do meio ambiente (Kent 2003).

No Estado do Pará essas regiões turísticas foram definidas com a implementação do Plano de Desenvolvimento Turístico do Estado do Pará (PDT-PA), onde foram criados pólos de desenvolvimento de Belém, Costa Atlântica, Marajó, Tapajós, Araguaia Tocantins e Xingu. Segundo Santana (2012), o Pólo Marajó é apresentado com grande potencial turístico, principalmente relacionado aos recursos naturais. Neste contexto o turismo no arquipélago marajoara foi planejado para compreender os segmentos do turismo de aventura, ecoturismo e turismo rural. O arquipélago do Marajó, que compreende o Pólo Marajó, possui dezesseis municípios, porém apenas Soure e Salvaterra destacam-se como destinos turísticos mais visitados por veranistas. Nestes municípios concentram-se diversas comunidades e vilas, tais como Água-bona e vila de Joanes em Salvaterra.

A concentração da atividade turística nesses municípios deve-se principalmente pela facilidade de acesso a partir da capital paraense, e também por apresentarem uma infraestrutura turística mais preparada. De acordo com Santana e Rosário (2010), o crescimento da atividade turística nesses municípios não decorre apenas das potencialidades paisagísticas, mas também da melhoria da infraestrutura do transporte local nos anos 1990.

Segundo Campos (2010), o fluxo turístico nos municípios de Soure e Salvaterra é predominantemente de antigos moradores que migraram para outras cidades, mas que retornam nos períodos de férias e feriados prolongados. Além desses, há também os visitantes belenenses que possuem casas, hospedam-se em pousadas ou alugam casas em algumas comunidades; e alguns poucos turistas nacionais e estrangeiros.

Nos municípios de Soure e Salvaterra é predominante o turismo em fazendas e praias locais (Campos 2010; Corradi 2009). Segundo Corradi et al (2009), as propriedades envolvidas no turismo local são fazendas de pecuária que estão diversificando suas práticas diante da demanda turística na região. Soure e Salvaterra possuem funcionando cinco fazendas que promovem atividades turísticas. Em Soure estão as Fazendas São Jerônimo, Bom Jesus, Sanjo e Araruna. Em Salvaterra apenas a Fazenda Nossa Senhora do Carmo. Algumas destas dispõem de parcerias com pousadas na Vila de Joanes, oferecendo pacotes turísticos, tais como passeios de búfalo, barco e outros.

2.3.1. O turismo e as representações sobre o local.

Como mencionado anteriormente, o arquipélago marajoara, que compreende o Pólo Marajó, possui dezesseis municípios, porém apenas Soure e Salvaterra destacam-se como

destinos turísticos. De acordo com a Secretaria de Turismo do Estado do Pará (SETUR), o Pólo Marajó é constituído por todos os municípios do arquipélago, contudo trata como prioritários os municípios de Soure, Salvaterra e Ponta de Pedras. Dentre os atrativos do Pólo Marajó, a SETUR destaca as

(...) paisagens naturais com seus campos alagados, belas praias, rios piscosos, rica fauna, trilhas ecológicas e fazendas centenárias de criação de búfalos; e ainda a cultura diversificada expressa através dos grupos folclóricos, culinária típica, artesanato marajoara, arquitetura antiga e ruínas históricas (SETUR 2013).

A partir destes atrativos a SETUR (2013)¹⁰ caracteriza o Pólo Marajó como pertencente aos segmentos turísticos de “sol e praia, rural, cultural e ecoturismo”. Em 2012, foi realizado inventários turísticos nos principais municípios do Pólo, que consistiram no levantamento dos atrativos turísticos, dos serviços e da infraestrutura das localidades para fins de planejamento. O inventário turístico de Salvaterra apresenta aspectos relacionados à geografia local, demografia e economia, além de expor o histórico do município.

Dentre os atrativos turísticos descritos no inventário, encontrados na vila de Joanes, estão a Praia Grande de Joanes, o Igarapé do Limão, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e as “ruínas de pedra” (SETUR 2012). Em relação as ruínas do sítio arqueológico, o inventário não informa que se trata de um patrimônio arqueológico. No ano de realização do referido inventário, apesar de já terem sido realizadas pesquisas no âmbito da arqueologia e antropologia nenhuma referência foi feita ao sítio de Joanes. Desse modo, o inventário apresenta as ruínas como de origem jesuítica, afirmando que

Os Jesuítas, no século XVII, construíram a primeira igreja de Salvaterra, na localidade de Joanes, entretanto, com o passar dos tempos ela foi se deteriorando. Hoje, o que resta da construção são suas ruínas, que despertam curiosidade e interesse do visitante em conhecê-las (SETUR 2012: 31).

O inventário identifica como meios de hospedagem na vila de Joanes a Pousada Paraíso de Joanes, a Pousada Ventania do Rio-Mar e a Pousada Sol Nascente. Além dessas também foram criadas as pousadas Praia Grande, Vila Joanes, Joanes e Maraximbé, sendo que a Pousada Sol Nascente encerrou seus serviços em 2013. A partir do inventário e das minhas próprias observações, constatei algumas mudanças na infraestrutura turística da vila nos últimos quatro anos.

O primeiro contato desses turistas/consumidores com os seus possíveis destinos turísticos tem ocorrido em muitos casos através da internet, decorrente do crescimento da rede e aumento

¹⁰ Disponível em: <http://setur.pa.gov.br/content/programa-4>.

dos seus acessos. Desse modo, considero esses acessos a rede um instrumento importante nas construções das representações turísticas dos destinos, pois são através deles que os turistas também constroem suas expectativas e motivações quanto ao local a ser visitado.

Pesquisando na rede encontrei dois websites oficiais do Governo do Estado do Pará. O primeiro, pertencente a Secretaria de Turismo trata-se de um site institucional, onde são divulgados ações e notícias no âmbito do turismo no Estado. O segundo, denominado “Pará: a obra-prima da Amazônia” tem por objetivo a divulgação das atrações turísticas e informações sobre hospedagem, locomoção e outras.

O website “Pará: a obra-prima da Amazônia”¹¹ dividido o turismo regional em três categorias turísticas: “*Natureza*”, “*Cultura*” e, “*Sol e Praia*”. Tratando-se de um site oficial, sua análise tornou-se fundamental para pesquisa, visto que empresas de turismo organizam seus roteiros de viagem a partir dos mesmos e os turistas constroem suas expectativas sobre os destinos. A PARATUR (2016) classifica dentre os pertencentes a categoria “*Natureza*” as Fazendas Marajoaras, localizadas próximo à Salvaterra e Soure. De acordo com o site da PARATUR (2016) essas fazendas “são uma das melhores experiências turísticas do Marajó, pela combinação das atividades rurais em um espaço natural único” (PARATUR 2016). Já no segmento “*Sol e Praia*” há citadas quatro praias, entre as quais está a Praia Grande de Joanes, localizada na vila de Joanes, descrita como uma “praia fluvial com água levemente salgada, temperatura agradável, com ciclos de enchente e vazante de aproximadamente 12h para cada preamar” (PARATUR 2016).

Através do discurso construído pela PARATUR, é possível perceber como a Amazônia é representada e, assim, comercializada. Segundo Bueno (2002), os discursos construídos sobre a Amazônia não são baseados na realidade local e sim em outros discursos construídos historicamente. A representação da Amazônia nos planos e programas de turismo foi formulada a partir de ideias que reforçavam a imagem mítica e natural da região. Assim, a representação do turismo na ilha do Marajó foi permeada por um exotismo e exaltação da “*natureza única*”, até mesmo nos planos para desenvolvimento do turismo implementados pelo Estado. Neste contexto, o sítio Arqueológico de Joanes é inserido no segmento “*Cultura*” e é descrito como:

Os resquícios da cerâmica Marajoara e Aruã indicam o Marajó como uma das áreas mais importantes para se **conhecer a trajetória da presença do homem na Amazônia** e a Vila de Joanes um **palco privilegiado dessa história**. O local foi um dos **primeiros núcleos da colonização portuguesa no arquipélago**, surgiu como uma missão jesuíta no século XVII e hoje **as ruínas da igreja e seu entorno são reconhecidas como núcleo dos habitantes**

¹¹ <http://tourpara.com.br/pt-br>

originais da região e seus primeiros contatos com os europeus.
(PARATUR 2016).

Nesta descrição, o passado é retratado de modo a acionar no leitor uma ideia mítica da história da região. A representação da Amazônia como local de um turismo focado nos aspectos naturais é arbitrária pois procura separar o que na realidade é inseparável: natureza e cultura. É importante considerar que toda cultura é resultado das relações entre sociedade e natureza. A PARATUR ao utilizar categorias de natureza (praia) e cultura (sítio arqueológicos) separa aspectos que fazem parte de um único processo.

Analisando as informações do website “Pará: a obra prima da Amazônia” e as categorias apresentadas, é perceptível a importância que o arquipélago marajoara possui no âmbito do turismo no Estado do Pará, com destaque para os municípios de Soure e Salvaterra presente em ambas as categorias. Onde destacamos a particularidade da vila de Joanes possuindo na categoria “Sol e Praia” a Praia Grande, na categoria “Natureza” as fazendas próximas à Joanes e na categoria “Cultura” o sítio arqueológico de Joanes.

Na categoria “Sol e Praia” o sítio de Joanes é mencionado na descrição da Praia de Grande de Joanes. Dessa maneira, as ruínas são descritas como pertencentes à um “antigo convento jesuíta, destruído quando a ordem foi expulsa por determinação da Coroa Portuguesa no século XVIII” (PARATUR 2016). No mesmo website o sítio de Joanes é descrito de forma correta na categoria “Cultura”, e de maneira equivocada na categoria “Sol e Praia”, onde é tratado como um convento.

No âmbito da prática turística, a internet tem desempenhado um papel importante na aquisição de informações que norteiam o planejamento dos roteiros turísticos (Tomikawa 2009). Segundo Marujo (2008),

num mundo cada vez mais globalizado e marcado por um aumento significativo da competitividade, as organizações promotoras do turismo necessitam de estar cada vez mais próximas dos consumidores. Por isso, a Internet surge como um novo campo de batalha para os promotores dos destinos turísticos. Actualmente, se um destino não figura na Internet pode correr o risco de dar lugar ou que o turista real ou potencial opte por outro destino. (Marujo 2008: 28).

Em uma breve pesquisa na internet sobre a “Ilha do Marajó”, constatei que mais da metade dos sites fazem referência ao turismo. Em uma amostra de nove sites analisados, oito tratavam de turismo relacionado com natureza e praia. As imagens, relacionadas à Ilha do Marajó, aparecem diversificadas, mas ainda assim com o predomínio da natureza. Observando as cem primeiras fotos apresentadas pelo site de busca *Google*, nas fotos relacionadas às

paisagens naturais, foram observadas garças, búfalos e praias. Conforme demonstro no gráfico a seguir

Imagens relacionadas: "Ilha de Marajó"

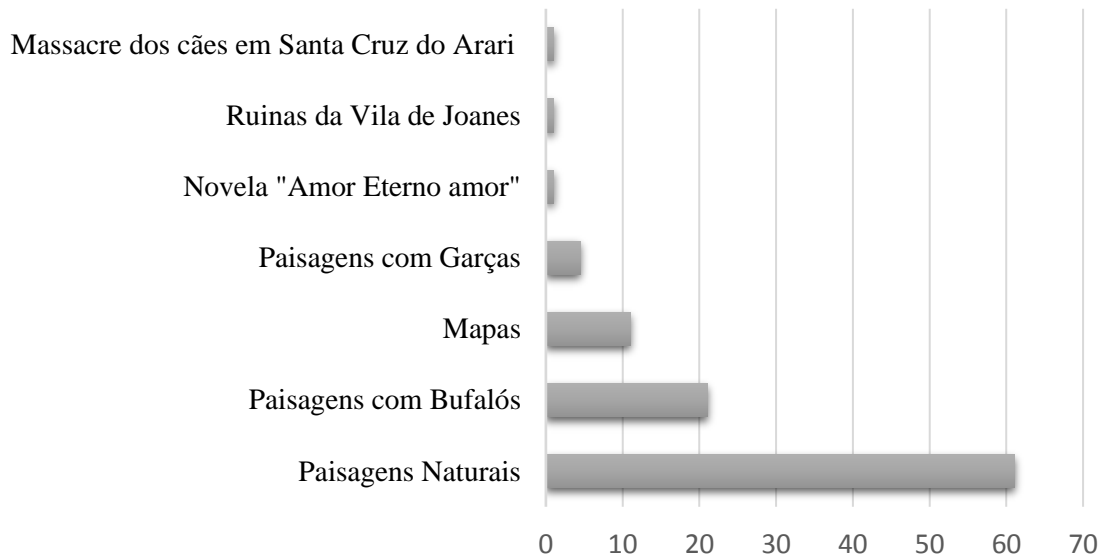


Gráfico 1 - Imagens relacionadas: Ilha de Marajó

Entre as cem imagens observadas, apenas uma fazia referência ao patrimônio arqueológico marajoara, mais especificamente ao sítio de Joanes. Contudo, um observador não familiarizado com o patrimônio arqueológico local dificilmente reconheceria a imagem como sendo de um sítio arqueológico. Destaco ainda a predominância de imagens relacionadas a paisagens naturais, no qual se inclui “praia”, sobressaindo as de Salvaterra e vila de Joanes. Percebo ainda, que as imagens vinculadas à Soure fazem mais referência à fazendas e campos, enquanto as de Salvaterra destacam a praia. Outro aspecto importante, referente ao sítio histórico de Joanes, é sua ausência nas pesquisas relacionadas à Soure e Salvaterra. As imagens desse sítio só aparecer nas pesquisas vinculadas à vila de Joanes.

Durante a pesquisa na internet, ficou evidente a forte relação do Arquipélago do Marajó com as possibilidades descritas na internet. Os sites disponibilizados na busca eram quase noventa por cento relacionados ao turismo, como indica o gráfico 2. Em uma amostra de nove sites analisados, oito tratavam de turismo relacionado com natureza e praia. O site de busca ao sugerir “*pesquisas relacionadas*” associou o termo “Marajó” ao município de Soure, evidenciando a importância que este município possui no âmbito do turismo no arquipélago.

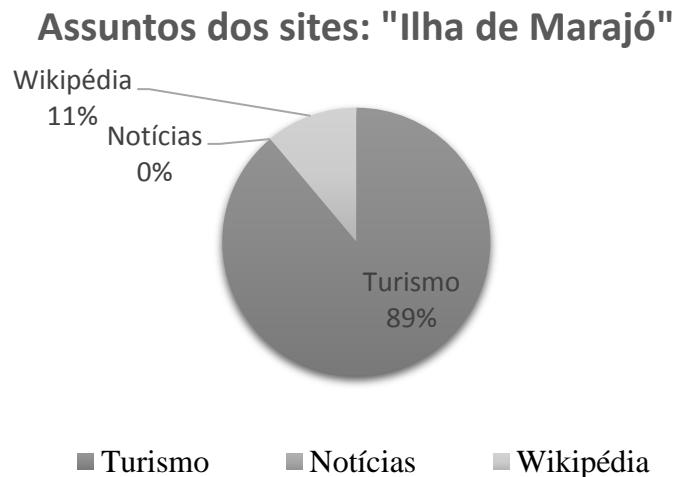


Gráfico 2 – Assuntos dos sites: Ilha de Marajó

Os sítios arqueológicos constituem um dos atrativos turísticos da Ilha do Marajó divulgados por agências especializadas (Pereira e Figueiredo 2005). Porém, o que percebi na internet é a pouca informação sobre a arqueologia no arquipélago do Marajó, e quando possuem são informações incompletas e distantes do conhecimento arqueológico. O patrimônio cultural, neste caso o arqueológico, contribui para a formação de destinos turísticos.

Analiso alguns dos pacotes turísticos, que incluem a vila de Joanes, vendidos através de internet, e como o patrimônio arqueológico local é apresentado. Destaco duas empresas que oferecem pacotes turísticos anunciados em seus sites na internet: a Valeverde Turismo e a Adventure Club. Ambas incluem visita a vila de Joanes. Nestes pacotes oferecidos constato que o sítio de Jones é apresentado como um diferencial atrativo, distinguindo-o de outros roteiros turísticos.

A Valeverde Turismo possui três pacotes turísticos para ilha do Marajó, os quais são: “Belém e Ilha do Marajó (Soure)”, “Belém e Ilha do Marajó (Salvaterra)” e “Belém, Ilha do Marajó e Alter do Chão”. O primeiro oferecido pela Valeverde Turismo “Belém & Ilha do Marajó (Soure)” é comercializado no valor de R\$ 1.267,00 (mil duzentos e sessenta e sete reais), e inclui passeios na cidade de Belém e Ilha do Marajó. Nessa última localidade, além de Soure estão incluídas visitas à Salvaterra mais especificamente a vila de Joanes.

Neste roteiro turístico, apesar do foco estar centrado nas experiências com uma natureza exótica, é inclusa a visita ao sítio de Joanes. No roteiro esta visita está prevista para o segundo dia e descrita da seguinte forma:

Chegou o dia de você conhecer a maior Ilha flúvio-marítima do mundo, que **encanta pelo exotismo de suas praias, paisagens, cultura Marajoara e culinária**. A partir das 05h00, o transporte passará pelos hotéis para o traslado ao Terminal Hidroviário de Belém para embarque em navio regional, com saída às 06h30, para Vila de Camará, cidade de Salvaterra. Recepção e

traslado a Pousada dos Guarás. À tarde, após o almoço (não incluso), **visita à Vila Histórica de Joanes, local das ruínas Jesuítas da época do descobrimento do Brasil**, visita a Praia Grande de Joanes e Artesanato local. Retorno a Pousada. (VALEVERDE 2015).

Este pacote turístico ofertado inserido no segmento de turismo de natureza, onde ainda prevalece um imaginário exótico sobre a natureza do arquipélago marajoara. Nessa descrição, ressalta a forma como é divulgado o sítio de Joanes considerado “*ruínas jesuíticas*” como pertencente à “*época do descobrimento do Brasil*”, quando, segundo o conhecimento histórico foram construídas no mínimo cem anos depois, durante o século XVII¹². A ideia de “exotismo de suas praias” contribui para fortalecer um imaginário da Amazônia como um lugar nunca antes explorado e desumanizado.

A Adventure Club¹³ oferece pacotes para Ilha do Marajó, com preços variados de acordo com o pacote escolhido. No pacote denominado “Belém e Ilha do Marajó - 7 dias”, o preço varia entre R\$ 8.000,00 (oito mil reais) e 11.000,00 (onze mil reais) por pessoa e segundo algumas especificidades operacionais.

Neste pacote, encontramos em meio a descrição da Ilha do Marajó referência ao patrimônio arqueológico local. Desse modo, a Ilha do Marajó, descrita como a maior entre as flúvio-marítimas do planeta, é apresentada como pertencente um

(...) arquipélago que possui mais de duas mil ilhas, cercado pelo Oceano Atlântico e pelos Rios Amazonas e seus tributários. Guardiã do maior acervo de descobertas arqueológicas de toda a bacia amazônica, a ilha abriga resquícios da cultura indígena marajoara que desapareceu misteriosamente durante o período da colonização portuguesa. Seus campos inundáveis, praias selvagens e manguezais a tornam um lugar especial para quem gosta da natureza em seu estado natural. (ADVENTURE CLUB 2015).

O fascínio por lugares exóticos revela a mercantilização do espaço e da cultura do “outro” (Hall 2005). Assim, analisando a descrição acima, constato o objetivo de despertar o interesse dos turistas através da exaltação da ilha enquanto um espaço selvagem e misterioso. A imagem de um local de “*natureza em seu estado natural*” e “*praia selvagens*” reflete a ideia da Amazônia como um espaço paradisíaco e intocável, ou seja, isento de ações antrópicas. Esta perspectiva exclui a diversidade sócio-cultural da Amazônia contemporânea, além de opor elementos que estão imbricados como natureza e cultura. Na Amazônia existem vários exemplos de vestígios arqueológicos/históricos que não se enquadram nessa separação, são os tesos marajoaras, os sambaquis, a terra preta arqueológica e, principalmente, as matas culturais. Os elementos tidos como naturais e culturais estão imbricados nas atividades turísticas,

¹² Sobre a datação das ruínas do sítio de Joanes ver Schaan et al (2006) e Lopes (1999).

¹³ <http://www.adventureclub.com.br/>

particularmente no caso de Joanes, como por exemplo, no caso da Praia Grande Joanes onde é possível encontrar as camboas.

O roteiro da Adventure Club ainda inclui uma visitação à vila de Joanes, que é descrita da seguinte maneira:

Antes, paramos na Vila de Joanes, local escolhido pelos portugueses para iniciar a colonização dessa região do século 17, para **conhecer as ruínas do antigo convento** e acessar o mirante natural sobre a falésia, de onde se tem uma visão panorâmica da Baía do Marajó. (ADVENTURE CLUB 2015).

O patrimônio arqueológico destacado no roteiro, pertencente a vila de Joanes, é apresentado como “*as ruínas do antigo convento*”, contudo a partir das pesquisas arqueológicas é claro que se trata de uma igreja do século XVII (Lopes 1999). Em relação a comercialização de pacotes turísticos paraenses, destaco a grande presença da Ilha do Marajó como destino turístico. Mas ressalto os conflitos de informações que são apresentadas, a exemplo do sítio arqueológico de Joanes que é descrito como um convento jesuíta.

Os pacotes turísticos, segundo Leite e Grabum (2009), ao mesmo tempo que tornam espaços exóticos e interessantes, os tornam também genéricos. O sítio arqueológico, nestes casos, atua como complemento num pacote turístico voltado para a natureza. Desse modo, é perceptível como o sítio de Joanes é tratado com desleixo em suas descrições e menções, tornando-o um produto que agrega mistério ao destino turístico.

2.3.2. O turismo na vila de Joanes

A partir dos anos 1990, a vila de Joanes experimentou um crescimento de sua atividade turística, através da melhoria dos meios de transporte que dão acesso à vila, de sua logística hoteleira e de sua infraestrutura urbana. Essas melhorias contribuíram para mudanças na vila de Joanes e no cotidiano dos moradores, que passaram conviver com o aumento de forasteiros na comunidade.

Ocorreram algumas melhorias em sua infraestrutura de acesso, tais como a reforma e ampliação do Porto de Camará que passou a receber balsas vindas de Belém, saídas do seu distrito de Icoaraci; além da pavimentação da rodovia estadual PA-154, que liga o referido porto à vila de Joanes. Segundo relatos de seus moradores, a viagem de Belém à vila de Joanes era desgastante, visto que havia necessidade de primeiro desembarcar em Soure, atravessar o rio Paracuri até Salvaterra, percorrer parte da PA-154 e, saindo desta, uma estrada que leva até a vila, seja de carro particular ou até mesmo a pé. Ou mesmo, referentes a tempos mais distantes,

mencionam dificuldades ainda maiores quando as viagens eram realizadas através de embarcações a vela, restringindo a vinda de turistas para vila.

Atualmente, para se chegar até a Vila de Joanes, o transporte utilizado no deslocamento de Belém para a vila é o fluvial-rodoviário. Saindo de Belém para o porto de Camará, utiliza-se o transporte hidroviário através de navios, balsas e barcos. Em seguida utiliza-se o transporte rodoviário até o distrito de Joanes. O deslocamento entre Camará e Joanes, dá-se através de taxis ou por meio de uma van e um micro-ônibus pertencentes a uma única família. Da vila de Joanes para sua sede municipal em Salvaterra, conta-se com um ônibus da prefeitura que realiza apenas uma viagem diariamente. De Salvaterra, querendo seguir viagem para Soure, precisa-se atravessar o rio Paracuri em barcos de passeio ou balsas que saem de hora em hora.

Apesar das melhorias ocorridas no transporte da região, identifico uma queixa frequente dos moradores da vila, principalmente entre os comerciantes que destacam como problemático o deslocamento para Salvaterra, pois as viagens ocorrem uma única vez ao dia e apenas de segunda à sábado, saindo as oito horas da vila e voltando de Salvaterra as onze, permanecendo desta maneira nos períodos de veraneio amazônico e feriados prolongados. Segundo a moradora Regiane, referindo-se à visitação dos turistas, apesar desses problemas de locomoção

Eles retornam. Gostam muito apesar da dificuldade de se transportar até aqui, a viagem carece muito. Pra passar um final de semana aqui tem que trazer carro pra poder passear nas localidades. Só você e outra pessoa gasta mais de quinhentos reais, só de passagem e gasolina é uns trezentos reais. Aí ainda tem a pousada e a alimentação (Entrevista de Regiane, Salvaterra-Pa, 15 de janeiro de 2015).

Chegando ao porto de Camará, encontram-se a disposição para o trajeto até a vila apenas uma van e um micro-ônibus. E, segundo alguns moradores, esse transporte é monopolizado por uma família da própria vila, que inclusive impediu que outros veículos realizassem o transporte neste trajeto, dificultando a melhoria desse serviço. Segundo Antonio, proprietário de um restaurante na vila,

Era pra ser melhor, principalmente esse transporte nosso, é outro problema! Se você quiser ir pra Salvaterra só tem horário cedo, porque não funciona diariamente nos horários certos. Eu lembro que o senhor que tá tomando conta dessa linha daqui, chegou aqui através de política também. E hoje ele cria o maior caso pra ninguém entrar. Isso tudo pro turismo é negatividade. E cobra um preço caríssimo pra levar pra Salvaterra. Daqui pro porto é sete reais, e tá caríssimo. E daqui pra Salvaterra é quatro reais. A balsa também é cara, só a Henvil que explora. (Entrevista de Antonio, Salvaterra-Pa, 19 de novembro de 2015).

As melhorias na infraestrutura de transporte para vila contribuíram para a construção de novas casas e pousadas, visto que o acesso a materiais de construção vindos de Belém tornou-se mais acessível. A partir dos anos 1990, as pousadas começaram a serem construídas, em sua maioria por empreendedores de outras localidades, vindos inclusive do exterior. Nos últimos seis anos presenciei a construção de algumas dessas pousadas. Atualmente existem seis pousadas, sendo estas: Pousada Ventania do Rio-Mar, Pousada Paraíso de Joanes, Pousada Praia Grande, Pousada Maraximbé, Pousada Vila Joanes e Pousada Joanes. Além dessas pousadas, os turistas têm como opção a locação de casas e kit-nets pertencentes aos próprios moradores.

Em 1998, Anamélia, de nacionalidade belga, conheceu a vila de Joanes e interessou-se por um terreno na beira da praia, que na época pertencia a seu Lauro. Após comprar o mesmo, iniciou a construção de uma pousada com apenas três quartos, a Pousada Ventania do Rio-Mar. Essa é muito frequentada por estrangeiros belgas, alemães e franceses. De acordo com um breve relato de um turista brasileiro, essa pousada é o “Hilton”¹⁴ da Vila de Joanes pois, além de receber a maioria dos turistas estrangeiros, atraídos pela nacionalidade belga de sua proprietária, possui os valores de diárias mais altos da localidade.



Figura 14 - Interior da Pousada Ventania do Rio-Mar.

Fonte: Máfra Airoza, 2015

As Pousadas Paraíso de Joanes e Praia Grande eram terrenos de veranistas, que por iniciativa dos proprietários foram transformadas em pousadas. A primeira pousada na vila de Joanes foi a Pousada Paraíso de Joanes, apesar de alguns moradores afirmarem que foi a

¹⁴ Fazendo referência a rede internacional de hotéis Hilton.

Pousada Ventania do Rio-Mar. Isso se deve ao fato de que esta última pousada é a de maior destaque na vila, e recebe com frequência muitos turistas estrangeiros. Segundo Regiane, responsável pela Pousada Paraíso de Joanes, a construção da pousada está relacionada ao aumento da demanda turística na vila no final dos anos 1990.

Nós tínhamos uma casa aqui de veraneio, aí meu esposo viu que chegava gente aqui com dificuldade, as vezes voltava pois não tinha onde ficar. Às vezes ficava em casa de pescador, mas não tinha privacidade né, como se tivesse numa pousada ou pensão. Aí como o terreno era grande ele resolveu fazer uns quartos lá atrás pra alugar, e daí desses quatro ele fez mais pra cá, aí foi ampliando. Ai essa foi a primeira pousada daqui de Joanes, ela foi inaugurada em 1999. (Entrevista de Regiane, Salvaterra-Pa, 15 de janeiro de 2015).

Antes da criação das pousadas e das melhorias nos meios de transporte, a vila recebia poucos turistas. Com a ausência de pousadas, os moradores alugavam casas e quartos em suas próprias residências para os turistas que chegavam na vila. A moradora Claudia me relatou esta prática que segundo a mesma, esses turistas eram muitas vezes “hippies”.

Antes, por exemplo, tinha a esposa do seu finado Ailtom, ela tinha uma casa na praia, aí quando aparecia alguém com uma mochila nas costas ela ia e alugava a casa, era assim. (Entrevista de Claudia, Salvaterra-Pa, 15 de novembro de 2015).

A criação da Pousada Praia Grande deu-se de forma similar. Alberto, responsável pela pousada, possuía familiares na vila e durante as férias sempre passava suas férias lá. Com o tempo seu pai comprou um terreno na vila que viria mais tarde ser do seu Alberto. Seu Alberto relata a dificuldade da viagem com os barcos a vela e como ficou mais fácil após implantação dos navios e das balsas que realizavam viagens diariamente e ainda traziam veículos de locomoção.

Eu venho pra Joanes desde 1968, com meu pai. Ele tinha uns parentes aqui. Ele não nasceu aqui em Joanes, mas tinha uns primos. Nessas vindas ele acabou comprando um terreno que tinha aqui. E nós passamos a vir, família mesmo, eu vinha com meus irmãos pra cá. Naquela época não era o que é hoje, a primeira vez que eu vim pra cá eu vim de canoa a vela, pra nunca mais vim né. Depois veio a rodomar e as balsas, aí ficou mais fácil né. (Entrevista de Alberto, Salvaterra-Pa, 16 de novembro de 2015).

Essas mudanças ocorridas nos meios de transporte contribuíram para um certo crescimento da vila, assinalado pelo surgimento de novos bairros em seu entorno e melhorias de sua logística de acolhimento de turistas com o aumento da quantidade de pousadas, comércios, restaurantes, lanchonetes e outros. Atualmente, a vila é dividida por ruas e travessas,

sendo a terceira travessa a principal da vila, onde há o posto de saúde, o mercado de peixe, os principais mercados, mercearias e lanchonetes, é a rua com mais comércios na vila.

Na praia grande de Joanes há dois restaurantes que funcionam regularmente: a Peixaria do Sales e a Peixaria do Jacaré. É na praia que está localizada a Pousada Maraximbé, que em períodos de maior fluxo oferece refeições. Na 3º travessa com a 5º rua, há uma lanchonete da Neia que está funcionando desde 2012, onde geralmente eu jantava durante minha estadia na vila.

Com a facilidade de acesso à vila de Joanes muitas casas foram construídas na vila, muitas dessas pertencem à forasteiros. A maioria dessas casas se encontram na Rua Esplanada, que segundo os relatos de moradores, era um terreno de um único proprietário que foi invadida pelos próprios joanenses e vendida para pessoas de fora da vila construírem suas casas de veraneio. Alguns moradores trabalham como caseiros nestas casas, constituindo uma alternativa de renda.

A vila de Joanes começou a receber turistas muito antes de possuírem uma infraestrutura adequada. Conforme os moradores foram percebendo o aumento do fluxo de turistas, estes foram se adaptando e criando as primeiras pousadas e estabelecimentos para suprir a necessidade do turismo local. Percebo que a maioria dos estabelecimentos, se não toda sua totalidade, pertence a “forasteiros”¹⁵. Os moradores nascidos na vila inserem-se na dinâmica do turismo local de outras formas, geralmente ficam com atividades secundarias nestes estabelecimentos.

Minhas idas à vila de Joanes ocorreram em momentos distintos, algumas em períodos de pouco movimento e outras na época de maior fluxo de turistas, as férias e festividades. A dinâmica na vila é muito diferente em ambos os momentos. A vila é um destino turístico muito frequentado por turistas estrangeiros e brasileiros, e durante as férias e os feriados prolongados os moradores ainda recebem familiares e amigos em suas casas, chegando a quadruplicar o número de pessoas na vila.

A figura 15 é um mapa da vila de Joanes, onde é possível identificar as pousadas, os restaurantes e a AERAJ. As pousadas estão representadas pelos quadrados coloridos, sendo: a Pousada Ventania do Rio-Mar, vermelho; a Pousada Vila de Joanes, azul; a Pousada Paraíso de Joanes, rosa; a Pousada Praia Grande, verde, e; a Pousada Joanes, preto. A AERAJ está representada pelo triângulo azul, e, os restaurantes e lanchonetes pelos círculos laranjas. A área em que se encontra as pousadas e os restaurantes é a mais frequentada por turistas.

¹⁵ Esta categoria será aprofundada no capítulo 3.

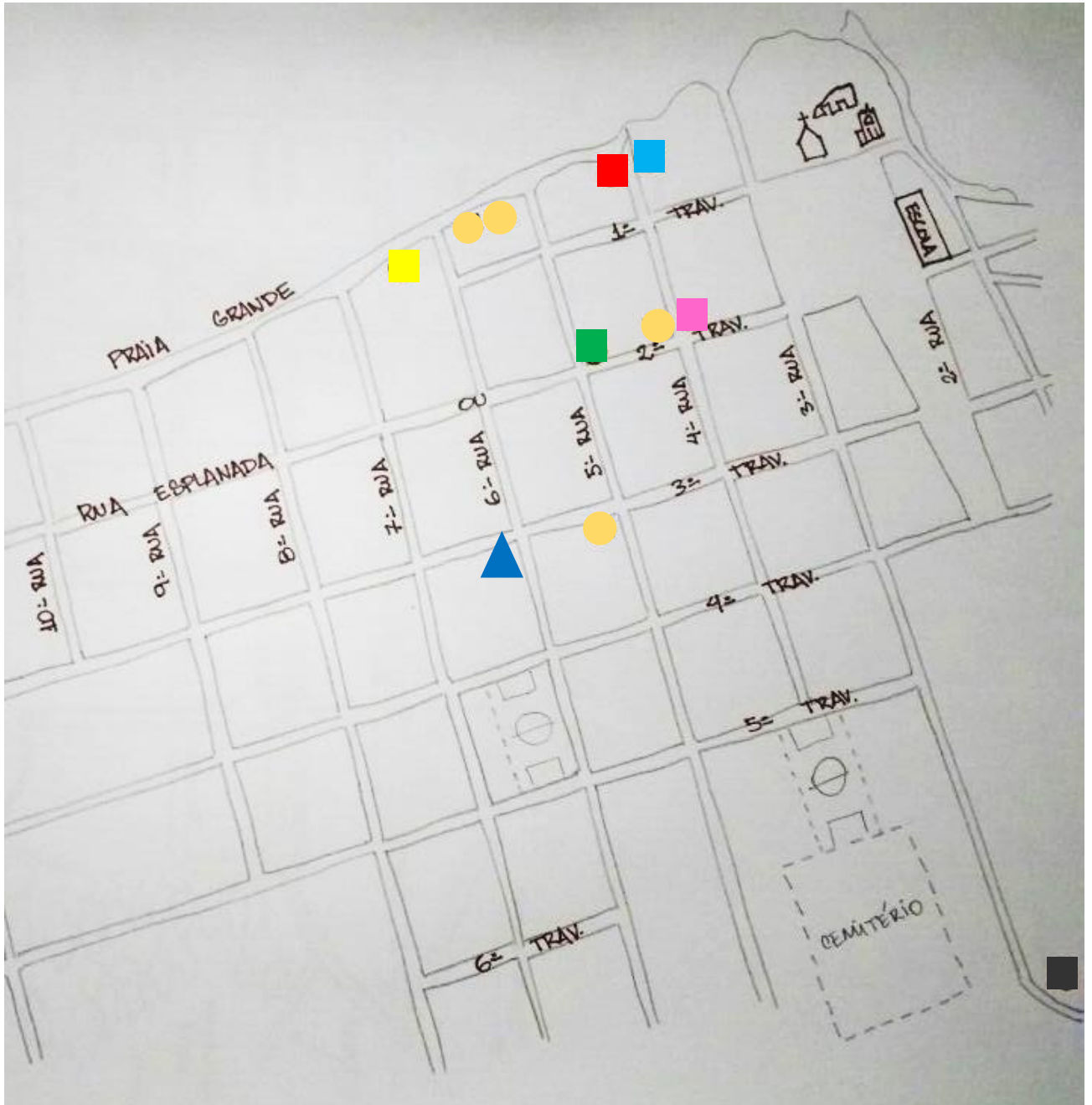


Figura 15 - Mapa da Vila de Joanes.
Fonte Maíra Airoza, 2015

Durante o mês de julho a praia está sempre lotada, principalmente nos finais de semana. Foi durante meu campo neste mês que assistir à Corrida de Búfalos da Vila de Joanes, organizada por moradores da vila. Nesta estadia na vila, hospedei-me na pousada Ventania, e constatei que 90% dos seus hospedes eram de estrangeiros. Havia alguns brasileiros, porém, ficavam por poucos dias, dois ou três. Diferente dos turistas brasileiros, estes, são mais reservados e pouco circulam pela vila. Faziam quase todas as suas refeições na pousada, e aos finais de semana pouco desciam para praia.



Figura 16 - Turistas tirando fotos na torre das ruínas
Fonte: Máira Airoza, 2015.

Durante períodos de férias e feriados, o espaço das ruínas é frequentado com mais intensidade por carros e pedestres. E assim como em outras épocas muitos visitantes tiram fotos nas ruínas (figuras 16 e 17). O período das férias de julho, ao contrário de outros períodos, é

bem complicado para conversar com os moradores, pois muitos estão envolvidos com algum tipo de atividade ou entretidos com visitas em suas casas.



Figura 17 - Grupo de turistas visitando as ruínas.
Fonte: Maíra Airoza, 2015

Quando realizei meus campos fiz observações no entorno das ruínas. Observei grupos de turistas que visitam as ruínas, esses turistas são de pousadas de Soure e Salvaterra (figura 17). Há um roteiro que esses grupos e guias seguem: primeiro eles visitam a AERAJ, depois as ruínas, e pôr fim a praia com almoço nas peixarias. As vans com turista possuem dias e horários certos, geralmente segunda, quarta e sexta. Ou de manhã, quando os turistas almoçam nas praias, ou a tarde por volta das 16h/17h. Muitos turistas tiram fotos nas ruínas e com os búfalos, que pastam no entorno das ruínas. Os grupos de turistas são acompanhados por um motorista que também é o guia na visitação. Durante a visita as ruínas, os turistas comportam-se de maneiras distintas. Alguns observam as ruínas enquanto outros passam direto por ela sem dar atenção. A visitação é livre, ou seja, não é dirigida por um guia turístico. Os turistas ficam livres para circular pelo entorno e tirar fotos, tanto das ruínas quanto do entorno.

CAPÍTULO 3 - OS JOANENSES, AS RUÍNAS E O TURISMO

3.1. Forasteiro e Local na vila de Joanes

Quando me propus a desenvolver uma pesquisa sobre o turismo e o sítio de Joanes, no âmbito da arqueologia e antropologia, foi porque de certa forma essa relação me inquietava. Como mencionei no capítulo um, a relação do sítio de Joanes com o turismo se revelou explícita nas primeiras experiências de campo, já que esta relação era corriqueiramente observada nas falas e atos dos moradores. Contudo, ao retornar à vila para dar continuidade a minha pesquisa, deparei-me com uma situação bem diferente.

Se nos campos anteriores eu ignorei, de certa forma, os turistas como atores neste contexto. Agora eu deveria trazê-los à tona, com todos os seus estigmas. Não pretendi fazer uma etnografia do “ser turista” na vila, mas fazia-se necessário observar o que antes não havia observado. Tanto as populações locais quanto as forças externas são complexas, e assim, o turismo não pode tratar a oposição entre “forasteiros” e “locais” de forma simplista (Graburn 2009). Afinal, o turismo deve ser analisado como um campo social, constituído por múltiplas interações. Estas interações incluem diversos atores, tais como: grupos de turistas, guias turísticos, trabalhadores do setor de serviço, moradores não ligados diretamente com serviço turístico, empresas de pacotes turísticos, comerciantes e outros (Leite e Graburn 2009).

Os aspectos da relação os “forasteiros”/turistas e a comunidade da vila de Joanes são essenciais para compreender aspectos da realidade local, com o intuito de mais adiante refletir sobre o lugar do sítio de Joanes no turismo local. A expansão do turismo na região, a partir das melhorias na infraestrutura da rede de transporte e o investimento estadual em programas de incentivo ao turismo no arquipélago do Marajó, incidiu o aumento do fluxo de visitantes na vila de Joanes. Dessa maneira, ocorreu a inserção de novo atores sociais na vila de Joanes, o que ocasionou na intensificação dos conflitos entre os antigos moradores, “nativos”, e os recém-chegados, “forasteiros”/turistas.

Bezerra (2011 e 2014) utiliza a noção de “comunidade de pequena escala”, tal como proposta por Feldman-Bianco (2010), para descrever a vila de Joanes. A autora ainda indica a existência de duas categorias nativas: os “filhos de Joanes” e os “forasteiros” (Bezerra 2011 e 2014; ver também Schaan e Marques 2012), que dentre outros aspectos se diferenciam por suas percepções em relação ao patrimônio arqueológico local. Os “forasteiros” são os não nascidos na vila de Joanes, são pessoas de outras localidades, do Brasil e de outros países (Bezerra 2014).

Segundo Bezerra (2014: 424), “os “forasteiros” desempenham atividades comerciais, sendo proprietários de armazéns (‘vendas’), pousadas, restaurantes e pequenos armazinhos, entre outros estabelecimentos, nos quais os moradores são empregados e/ou clientes”. Dessa maneira, ocorre acentuação de possíveis conflitos, entre os moradores que não estão envolvidos com a atividade turística ou que são empregados nestes estabelecimentos com os comerciantes, que são em sua maioria “forasteiros”.

Nas últimas décadas a vila de Joanes passou por mudanças significativas, os moradores da vila tiveram que lidar com diversos sujeitos de fora. A vila de Joanes nas últimas duas décadas passou a receber muitos “forasteiros”/turistas, que ao visitar a vila de Joanes acabaram por comprar terrenos e construir casas de veraneio na comunidade. Alguns moram definitivamente na vila, enquanto outros frequentam a vila nas férias e feriados. Durante uma conversa com a moradora Virginia, tive a oportunidade de refletir sobre quem são os turistas da vila de Joanes. Ele me relatou o seguinte:

Mês de julho é que você vê um pouco mais de turista. Olha tem outra coisa, eu não sei se eu tô errada, **eu acho que as pessoas que tem suas casas aqui já, mesmo que não more aqui, eu não considero muito como turista.** Pra mim o turista é aquele que vem, assim, pra pousada ou então até pra casa de um amigo mas veem só pra passar uns dias, não tem uma casa aqui. Ele vem pra conhecer pra passar uns três ou quatro dias. **Esse que vem todo mês, todo julho ou feriado eu não considero como turista.** (Entrevista de Virginia, Salvaterra/Pa, 13 de janeiro de 2015).

A oposição está relacionada com os nascidos na vila de Joanes, os “filhos de Joanes”, e os “forasteiros” que podem ser desde turistas, atuais moradores e veranistas. No relato de Virginia, o turista é aquele que não possui vínculos com a comunidade e se hospedam em pousadas ou em casas de amigos, e passa poucos dias na comunidade. Enquanto, os que veem com frequência e possuem casa na vila não são turistas, mas ainda sim forasteiros. A moradora Virginia, ao relatar que “*esse que vem todo mês, todo julho ou feriado eu não considero como turista*” pode estar fazendo alusão aos “filhos de Joanes” que não residem na comunidade mas retornam com periodicidade à vila.

Na vila é corriqueiro “filhos de Joanes” que não residem na comunidade retornarem nas férias, feriados e festas de santos, e hospedarem-se em suas próprias casas ou em de parentes. No mês de novembro, mês em que é realizado o círio de Nossa Senhora do Rosário, pude conhecer Dona Sandra e seu marido Alberto¹⁶, ambos joanenses, que retornavam a vila para

¹⁶ Entrevista de Sandra e Alberto, Salvaterra-Pa, 22 de novembro de 2015.

participar do círio. O casal mudou-se para Belém após o casamento para trabalhar e criar seus filhos, mas com frequência eles retorna a vila para cuidar da casa, e como neste caso participar das festividades de santos. É recorrente nos relatos dos moradores a menção aos “filhos de Joanes” que se mudaram da vila para trabalhar e estudar, mas que mantem seus laços com a comunidade.

Porque igual a mim de ter ido pra lá pra estudar e tudo, aconteceu com muitos filhos daqui. Muitos filhos daqui fizeram isso, foram pra Belém estudar e trabalhar. (...) Mas sempre, as férias sempre foram aqui, tanto janeiro e fevereiro como de julho. Sempre foram aqui. Na época de estudante e trabalhando poucas vezes eu fui pra fora. Por causa deles [os pais], porque eles sempre moraram aqui. Então a gente sempre veio passar as férias para cá. (Entrevista de Virginia, Salvaterra/Pa, 13 de janeiro de 2015).

Virginia é “filha de Joanes”, mas na adolescência mudou-se para Belém com o intuito de prosseguir os estudos. Após ter se aposentado, retornou à vila para morar e cuidar dos seus pais idosos. Assim, como Virginia muitos moradores retornavam à vila nas férias escolares e posteriormente com suas famílias. Quando conversei com a mesma, percebi que muitos moradores, assim como ela, saíram da vila para estudar em Belém. Alguns retornavam a morar na vila como o caso dela. Outros moram em Belém mas possuem casa na vila e com frequência retornam à vila, para visitar a família.

Os “filhos de Joanes” retornam à comunidade com assiduidade em férias, finais de semana, feriados prolongados, celebrações religiosas e festas de santos. No relato de Regiane é perceptível como mesmo residindo em outra localidade o retorno a vila de Joane encena um papel importante na vida da sua família. Segundo a moradora, seu pais nasceram na vila de Joanes, mas após o casamento mudaram-se para Belém. Apesar de não ter nascido na vila se considera uma “filha de Joanes”, principalmente pela forte relação familiar que possui com a comunidade.

Todas as férias a gente vinha. Eu estudava em Belém mas tinha minha vó aqui que sempre ia me buscar, e eu fui tomando gosto pelo lugar né. Aí depois quando eu já tava mocinha, eu já vinha por conta própria com as minhas amigas, da universidade também vinham comigo. Eu sempre frequentei aqui. As férias da gente era aqui. E com meus filhos também, as férias deles era aqui. (Entrevista de Regiane, Salvaterra-Pa, 15 de janeiro de 2015)

Por serem “filhos de Joanes” ou possuírem uma relação familiar com a vila, estes não são considerados pela comunidade como turistas. Contudo, não deixam de integrarem o fluxo de turistas que chegam a vila. Estes “turistas” experimentam a vila de Joanes uma afinidade

peçoal dada sua relação de lugar da origem familiar. De acordo com Leite (2005: 280), um destino turístico pode ser experimentado como um local de "patrimônio pessoal", ou seja, tendo ressonância emocional dado as próprias origens familiares, étnicas e religiosas.

Os moradores “filhos de Joanes” nomeiam os sujeitos de fora como “forasteiros”, contudo percebi categorias distintas em que estes sujeitos de fora se encaixam. Existem diferentes “forasteiros” na vila para os moradores. Primeiro, há o sujeito sem vínculo algum com a vila de Joanes que vai para conhecer o local e hospeda-se em pousadas (geralmente são estrangeiros e de outros estados do país), estes são comumente chamados de turistas. Por segundo, o sujeito que visita a vila através de amigos moradores, que comumente hospeda-se na casa dos mesmos, que não necessariamente são joanenses. E por fim, o “forasteiro” que possui casa na vila que reside ou não na mesma. Este último, referenciado pela Dona Virginia como “[os sujeitos] *que tem suas casas aqui já, mesmo que não more aqui, eu não considero muito como turista*”, apesar de não ser tido como turistas, é considerado pela comunidade como “forasteiro”.

Muitos “forasteiros” que se instalaram na comunidade construíram empreendimentos comerciais na localidade. Os restaurantes, as mercearias, as padarias e as pousadas (com exceção da Pousada paraíso de Joanes), são de pessoas de fora da vila, desde de outros Estados até de outras localidades do Arquipélago do Marajó. A criação destes estabelecimentos por “forasteiros” ocasionou na criação de novas oportunidades empregos ou atividades remuneradas, principalmente, mediante a dificuldade da pratica da pesca na região.

A chegada dos “forasteiros” na vila de Joanes foi permeada pela resistência dos “filhos de Joanes”. A partir do relato de Seu Josival, que chegou na vila na década de 1990 com o intuito de construir um restaurante na praia, é possível percebe detalhes deste conflito.

As condições de alimentação eram tristes. Os restaurantes que tinham eram ruins. Era uma vila de pescadores, pouco movimento, pouca coisa. **Era um pessoal muito “eles”, eu tive até dificuldade para me adaptar aqui porque só me chamavam de forasteiro.** Eu tinha que dá a prioridade pra eles. Foi muito difícil, aí eu tive que endurecer um pouco pra poder ser respeitado. Hoje tá bom todo mundo me quer bem, pelo menos me respeitam né, graças a deus. (Entrevista de Josival, Salvaterra-PA, 21 de novembro de 2015).

No início da chegada dos primeiros “forasteiros” a resistência por parte dos “filhos de Joanes” era maior que ultimamente, pois hoje os mesmos lidam melhor com os sujeitos de fora. Sem, contudo, reafirmar perante os “forasteiros” a sua legitimidade local. Seu Dionísio, pescador com aproximadamente sessenta anos, relatou-me durante nossa conversa sobre o que ele achava de dividir a vila com pessoas de fora.

Eu gosto né. **Principalmente, dos turistas, é um povo animado né.** Principalmente estrangeiro, eles gostam de falar com a gente. No mês de julho a gente não tá acostumado com tanta gente. Só que a gente vai acostumando e quando eles vão embora até sente falta né. Eles dão um “Bom Dia” bonito pra gente né. (Entrevista de Dionísio, Salvaterra-Pa, 19 de novembro de 2015).

Seu Dionísio, em seu relato, menciona que gosta “*principalmente aos turistas*”, chamando atenção para este “forasteiro”. Afinal, não são todos “forasteiros” que possui afeição. É importante frisar que Seu Dionísio é “filho de Joanes”, e já trabalhou em pousadas na vila. Durante alguns anos foi guia de grupos de turistas em diversos passeios pela vila. E atualmente é caseiro de algumas casas de “forasteiros” na vila, já que é corriqueiramente indicado para este serviço.

Alguns moradores desenvolvem atividades remuneradas relacionadas com os serviços turísticos, tais como: caseiro em casas de “forasteiros”, pedreiro, carpinteiro, roceiro, diaristas, copeiras nas pousadas. Estas atividades acabam sendo mais recorrentes nas épocas de julho e feriados, período em que as demandas aumentam. Seu Dionísio e Ronaldo, ambos pescadores, relataram-me sobre os trabalhos que desenvolvem.

Eu sou pescador, mas também um pouco de tudo né. Tem um pouco de carpinteiro, um pouco de pedreiro, e assim a gente vai levando. (Entrevista de Dionísio, Salvaterra-Pa, 19 de novembro de 2015).

Olha não porque as vezes a gente não vai todo dia pescar. Nos períodos de folga as vezes tem que costurar rede, ajeitar a canoa. Aí como a gente tem família, tem que se virar de outro jeito, aí eu faço serviço de ajudante de pedreiro, as vezes eu vendo açai, vou pegar caranguejo pra vender, aí é assim que a gente faz. **Não tem só uma profissão. A gente se vira do jeito que dá pra sustentar a família. Mas a pesca é o que mais eu faço né.** (Entrevista de Ronaldo, Salvaterra-Pa, 25 de julho de 2015).

A atividade da pesca é a principal atividade de subsistência da comunidade, a população e constituída por muitas famílias de pescadores (Silva, A. C. 2012). Contudo, a prática da pesca passa por dificuldades, além do período do defeso em que os pescadores ficam impossibilitados de pescar. Com estas dificuldades e as oportunidades de possuírem outras fontes de renda muitas famílias de pescadores passaram a realizar atividades ligadas ao turismo local.

Neste contexto, as mulheres assumem a maioria dos postos de trabalho nas pousadas e restaurantes da vila. Muitas moradoras contribuem para o sustento da família, principalmente quando estas são casadas com pescadores, já que a pesca é realizada com algumas dificuldades na vila. Durante minha estadia na pousada pude acompanhar o trabalho de Vivian e Rita, ambas

casadas com pescadores. Vivian já realizou trabalhos esporádicos em alguns estabelecimentos ligados ao turismo, principalmente no período de maior fluxo de turistas, como copeira, diarista e cozinheira. Mas, em outros períodos com pouca demanda, trabalha com a costura que define como sua real profissão.

Foi minha cunhada que me indicou pra lá. Antes do mês de julho eu já tava de experiência. A pra mim foi bom. Até porque trabalhar com esse público assim, cada um é de um jeito né. Mas é muito bom trabalhar lá com eles. **Eu já trabalhei na praia, que eles [turistas] vão muito lá. Na pousada foi a primeira vez, tem uns mais legais e mais chatinhos né, mas tem que saber lidar.** Eu também tenho meu outro ramo de trabalho que é a costura. Que eu preferi pra mim como ganho mesmo, eu ficava muito tempo fora meu marido também que é pescador. E é a vela, o que as vezes demora mais porque tem que esperar o vento. (Entrevista de Vivian, Salvaterra-Pa, 25 de julho de 2015).

Além de trabalhar na pousada Ventania do Rio-Mar, Rita e Vivian complementam a renda da casa sendo caseiras, com seus respectivos maridos. Segundo seus relatos, sustentar a família somente com a pesca é algo difícil, assim muitas famílias complementam a renda com outras atividades. Vivian, casada com Ronaldo, relatou-me sobre a experiência de cuidar da casa de um “forasteiro”.

Eu tomo conta de uma casa de um estrangeiro aí. Tem dois anos que eu tomo conta. Ele vem umas quatro vezes no ano que ele é estrangeiro. Aí quando ele vem, que eu tenho que ir lá fazer uma faxina. (Entrevista de Rita, Salvaterra-Pa, 18 de novembro de 2015).

É importante destacar a discrepância entre as qualidades de trabalho, são pouquíssimos trabalhadores da vila que possuem carteira assinada pelos estabelecimentos comerciais. Durante o campo, contei apenas três moradoras com carteira assinada que trabalham no setor turístico da vila. Apesar das novas oportunidades de atividades remuneradas, as qualidades e circunstâncias são complicadas. Entrevistei uma moradora que me relatou sua experiência quando trabalhou em um restaurante na praia, onde as exigências não condiziam com a remuneração.

O salário tá bom, mas a jornada de trabalho que não. Eu acho assim muito puxado. Eles querem que a gente tenha horário pra entrar, mas pra sair, dá cinco, seis, e ainda tem cliente. (...) **Eles tavam muito me explorando. Só agora que a gente ganha dez por cento e tão pagando minha folga. Eles pagam R\$30 a diária. Já no domingo que é folga eles me devam R\$40.** (Entrevista de Lais, Salvaterra-Pa, 23 de julho de 2015).

Rita, que possui carteira assinada, relatou-me que a pousada em que trabalha é um dos poucos estabelecimentos que assinam a carteira dos funcionários ou pagam um bom salário para os funcionários. Segundo a mesma, as condições de trabalho em outros estabelecimentos são desgastantes.

A gente trabalha muito lá mas a gente recebe um salário. Mas tem gente aqui que trabalha muito mais, mas não recebe nem um salário, na praia né, eu acho. Eu acho que eles trabalham mais, é muito cansativo. (Entrevista de Rita, Salvaterra-Pa, 18 de novembro de 2015).

Percebo que a maioria dos estabelecimentos, se não toda sua totalidade, pertencem a forasteiros. Os moradores nascidos na vila inserem-se na dinâmica do turismo local de outras formas, geralmente ficam com atividades secundárias nestes estabelecimentos, onde são muitas vezes mal remunerados e possuem jornadas de trabalho exaustivas.

É perceptível que a entrada dos “forasteiros” na vila de Joanes implicou em mudanças na comunidade: desde o fluxo maior de turistas, ofertas de novas opções de trabalho e nos conflitos com os “filhos de Joanes”. As tensões entre os “forasteiros” e os “filhos de Joanes” permeia aspectos concernentes ao patrimônio arqueológico local (Schaan e Marques 2012). O sítio de Joanes está presente, de formas distintas, no transcorrer dessas mudanças, tanto na vida dos moradores como nas dos forasteiros.

3.2. “Antigamente era diferente”: sobre as mudanças ocorridas na vila.

A vila de Joanes passou por muitas mudanças nas últimas duas décadas, principalmente a melhoria dos meios de transporte que dão acesso à vila que contribui para o aumento do fluxo de visitantes na vila. Contudo, a vila começou a receber turistas muito antes de possuir uma infraestrutura adequada. Conforme os moradores, “filhos de Joanes” e “forasteiros”, foram percebendo o aumento do fluxo de turistas, estes foram se adaptando e criando as primeiras pousadas e estabelecimentos para suprir a necessidade do turismo local.

Antes dessas mudanças, a vila era muito diferente. Nos relatos dos meus interlocutores percebi as transformações mais significativas que o turismo trouxe para vila e o cotidiano dos moradores. Claudia, moradora da vila há vinte anos, relatou-me algumas dessas mudanças.

Mudou muito a vila, a cultura, o modo de falar. A iluminação pública só era até nove da noite. A água só era no poço, puxando água. Depois veio encanamento que também só era até as dez horas da noite. E quando veio o asfalto, o povo não queria porque ia tirar o verde da vila. Quando iam asfaltar até o arco da praça, teve um grupo de pessoas que num deixaram, porque ia ficar ruim pro turismo

porque eles [turistas] não iam ver o natural. Aí parou ali. Só que agora eles tão querendo porque tá ruim, quando chove é muita lama. (Entrevista de Claudia, Salvaterra-Pa, 15 de novembro de 2015).

No início das mudanças mais significativas na vila, como a pavimentação das ruas, alguns moradores foram resistentes quanto a essas transformações. Para alguns moradores o interesse maior dos turistas era a paisagem natural da vila de Joanes. Como mostrarei adiante, atualmente, muitos moradores vila consideram como o maior atrativo da vila a sua beleza natural e tranquilidade.

Com as mudanças e a facilidade de acesso à vila de Joanes muitas casas foram construídas na vila, muitas dessas pertencem à forasteiros. A vila passou a receber muitas pessoas de fora, que acabaram por comprar terrenos e construir casas de veraneio na comunidade. Alguns moram na vila, enquanto outros frequentam a vila nas férias e feriados.

A maioria dessas casas se encontram na Rua Esplanada, que segundo os relatos de moradores, era um terreno de um único proprietário que foi invadida pelos próprios joanenses e vendida para pessoas de fora da vila construírem suas casas de veraneio. Dona Claudia me relatou como era a vila antes da criação da rua Esplanada, e como se deu o processo de venda dos terrenos.

Antigamente aqui era só caminho, não tinha rua. **A população ainda não era muito misturada. Misturada que eu te digo assim, veio a globalização e outras pessoas que se encantaram com o lugar. Começaram a comprar casa, começaram a vir pra cá, como vê o bairro da Esplanada.** Logo quando eu cheguei aqui ainda não existia, só era mato, não tinha nenhuma casa do lado daqui. Só era mato, mas tinha dono. Só que aí teve uma grande invasão que o próprio povo daqui que fez. **Aí os próprios filhos daqui fizeram a invasão, só que não tinham condições financeiras de fazer nada e acabaram trocando por bicicleta um terreno, trocavam a troco de um celular na época.** Outros venderam assim mais caro à mil reais ou nove mil. (Entrevista de Claudia, Salvaterra-Pa, 15 de novembro de 2015).

Segundo Claudia, a invasão do terreno, onde atualmente encontra-se a rua Esplanada, foi realizada por “*filhos daqui*”, ou seja, “filhos de Joanes”, que posteriormente foi dividido e seus lotes vendidos para “forasteiros”. Claudia ao mencionar que a “*população ainda não era muito misturada*” faz referência a pouca presença de “forasteiros” na vila outrora. A compra de terrenos na vila por pessoas de fora era algo recorrente, pois muitos turistas se encantavam pela vila e procuravam terrenos para comprar.

Seu Dionísio relata sua surpresa pelo crescimento da vila e destaca a forte presença de “forasteiros” na vila de Joanes, principalmente no mês de julho.

Não tinha casa assim, tinha poucas casas. **Eu nunca pensei que ela ia crescer né. Antigamente nós conhecia todo mundo**, num tinha energia né. Aí quando passava um no escuro a gente conhecia né, por que **era só joanenses né**. Mas agora não, mudou muito, tem muita gente né. **Eu acho que tem mais gente de fora do que da própria população, eu sinto né. Se passa dez joanenses, passa uns trinta de fora**. Mês de julho então! É um agito só, de carro e de moto. (Entrevista de Dionísio, Salvaterra-Pa, 19 de novembro de 2015).

É importante destacar que a criação da rua Esplanada, na década de noventa, é um marco importante da presença de “forasteiros” na vila. A partir deste momento muitos “forasteiros” passaram a ser moradores da vila e se envolver em questões sócio-políticas da comunidade. Atualmente, ainda é comum que pessoas de fora e até mesmo estrangeiros se interessem por possuir terrenos na vila. Regiane, responsável pela Pousada Paraíso de Joanes, relatou que muitos turistas que se hospedam em sua pousada possuem este interesse.

Às vezes eles procuram até terreno pra comprar, pra fazer casa de veraneio. E eles retornam (Entrevista de Regiane, Salvaterra-PA, 15 de janeiro de 2015).

Durante uma caminhada pela rua Esplanada é possível ver casas com um terreno grande ao seu redor, onde muitas possuem acesso próprio a praia. As casas passam alguns períodos fechadas, e alguns moradores trabalham como caseiros, cuidando e reparando a casa. Seu Dionísio, que além de pescador é caseiro em algumas destas casas, relatou-me que “*essa parte pra lá [rua Esplanada] é só de gente de Belém, não tem nenhum joanenses*”¹⁷, reafirmando a presença de “forasteiros” nesta área. A rua Esplanada contrasta com o restante da vila de Joanes, são terrenos e casas maiores, aparentemente construídas por indivíduos com poder aquisitivo maior.

O aumento do fluxo de “forasteiros” e turistas na vila de Joanes, na percepção dos joanenses, ocorreu por conta da vinda de amigos/conhecidos trazidos por “filhos de Joanes” nas férias e feriados. A vinda desses novos frequentadores se deu, segundo a Dona Virginia, pelos próprios moradores. Muitos moradores, que iam para Belém estudar, ao retornarem à vila nas férias traziam amigos consigo. Para Dona Virginia isto contribuiu para que muitas pessoas conhecessem a vila, já que naquela época se via poucos turistas na vila.

Porque as pessoas vinham através dos filhos daqui e começaram a gostar muito de vir e começaram a querer trazer a família, mas e aí? Mas eu não posso trazer toda minha família pra tua casa, então vou ter que começar a comprar. Foi aí que começou a adquirir os terrenos e fazer suas casas e surgiram essas casas e inclusive tem casas muito

¹⁷ Entrevista de Dionísio, Salvaterra-Pa, 19 de novembro de 2015.

bonitas e grandes, né, todas descendo pra praia. Foi assim que surgiu essa rua aí que é a Esplanada. (...) É que essa aqui. E assim foi, tanto que até hoje de repente vem alguém que gosta muito e quer um terreno e construir uma casa. (Entrevista de Virginia, Salvaterra/PA, 13 de janeiro de 2015).

Os “filhos de Joanes” que possuíam condições saíam da vila de Joanes para concluir os estudos na capital Belém. Por conta da forte ligação familiar com a comunidade, muitos retornavam nas férias e feriados e hospedavam-se na casa dos pais, tios, avós, entre outros. Durante suas vindas, os joanenses traziam consigo amigos, colegas do trabalho ou colégio e vizinhos. Virginia relata que trouxe muitos amigos para passar as férias na vila de Joanes.

E a gente já trazia muitos colegas tanto da escola quando estudante e depois quando trabalhando, também trazia os colegas de trabalho. E assim, muita gente conheceu Joanes através da gente, não só de mim como de outros (...). E quando vinham passar férias traziam os amigos os colegas tanto de estudo como de trabalho. Eu lembro que teve uma época assim que a gente tinha um grupo bem grande que quando a gente chegava aqui formava aquele grupo de jovens e a gente se divertia muito. Apesar de na época não ter todo esse avanço, mas a gente se divertia muito. Não tinha energia, aí depois quando teve ia só até 22horas e depois só até meia noite, mas a gente se juntava e conseguia se divertir bastante nas férias. (Entrevista de Virginia, Salvaterra/PA, 13 de janeiro de 2015).

A vila ainda não possuía “*todo esse avanço*”, a energia elétrica era somente até dez horas da noite, então os amigos convidados pelos joanenses conheceram a vila de uma forma bem particular muito diferente do que é atualmente. Neste momento não havia na vila pousadas, desse modo muitos visitantes interessavam-se por comprar terreno na localidade. A chegada desses novos moradores na vila deu-se através dos “filhos de Joanes”, Virginia detalhou bem esta situação.

Também teve outro detalhe, porque **os filhos de Joanes que estudavam, mais ou menos a história é assim na minha cabeça, em Belém começaram a trazer os amigos, não é isso? Então, tanto na época que eram só estudantes como na época que trabalhavam, começaram a trazer os amigos. Esses amigos foram gostando de Joanes e começaram a ter ideia de terem suas próprias casas e como não tinha pousada e aí os amigos já queriam trazer a família. Aí eles começaram a se preocupar com isso, em comprar um terreno e fazer uma casa porque também gostavam muito.** (Entrevista de Virginia, Salvaterra/PA, 13 de janeiro de 2015).

Assim, os “filhos de Joanes” “*que começaram a trazer os amigos*” contribuíram para o aumento inicial do fluxo de visitantes e a divulgação da vila em outras localidades. A vila de

Joanes, por estar localizada próxima aos municípios de Salvaterra e Soure, já recebia alguns turistas, contudo de forma incipiente principalmente pela ausência de pousadas. Os primeiros a conhecer a vila de Joanes somente tinham como opção hospedar-se na casa de algum conhecido.

Aí que está, eles ficavam geralmente na casa de um amigo, porque não tinha as pousadas. Por isso, realmente, eram muitos poucos. Porque só vinha quem tinha um amigo. Por exemplo no meu caso, eu trazia mas ficavam na minha casa. Eles vinham porque tinham aonde ficar. Mas se quisessem vir pra ficar numa pousada não tinha. (Entrevista de Virginia, Salvaterra/PA, 13 de janeiro de 2015).

Alguns moradores, “filhos de Joanes” ou “Forasteiros”, percebendo o aumento do fluxo de visitantes passaram a alugar quartos em suas próprias casas ou construírem quartos e quitinetes para alugar. Isto contribuiu para a criação das primeiras pousadas na vila. Conforme relato de alguns moradores, a maioria forasteiros, foram percebendo o aumento do fluxo de turistas e foram se adaptando e criando as primeiras pousadas e estabelecimentos para suprir a necessidade do turismo local.

Segundo Virginia, os primeiros estabelecimentos começaram na Praia Grande de Joanes, com as peixarias e algumas casas ambas pertencentes a “forasteiros”.

Os primeiros, vamos dizer assim, nessa área de turismo, não foi nem pousada, foram as peixarias na praia de uma forma um pouco rústica, mas não foi pousada foram primeiro as peixarias. Foram surgindo as pousadas primeiro na praia, as pessoas que tinham casa na praia alugavam quarto, dois quartos. Era assim, depois que elas foram aparecendo. (Entrevista de Virginia, Salvaterra/PA, 13 de janeiro de 2015).

Perguntei para dona Virginia se ela lembrava quando a vila começou a receber mais pessoas de fora. Para ela o aumento de pessoas de fora na vila se deu após a construção das primeiras pousadas.

Eu não sei se precisar exatamente o ano, mas só veio mesmo quando já tinha pousada. E a primeira pousada foi essa aqui de frente, a paraíso de Joanes. No início ela era bem movimentada, aí depois já foram surgindo outras, aí surgiu a Ventania. E assim, no meu ponto de vista, **a Ventania foi a que trouxe mais turista estrangeiro porque a primeira dona e depois a segunda dona eram estrangeiras e fizeram muito essa conexão.** Por isso que até hoje, eu acho né, na minha opinião que ela trabalha mais com o turista estrangeiro. (Entrevista de Virginia, Salvaterra/PA, 13 de janeiro de 2015).

Claudia também relata que com a criação das pousadas ocorreu o aumento do fluxo de turistas na vila, e destaca, assim como Virginia, a importância da Posada Ventania do Rio-Mar neste contexto.

Pra mim foi os hotéis. **A primeira a fazer algo sofisticado foi a Oliva, que a gente chama de gringa né.** Tem as trilhas pra fazer, os passeios nos igarapés. Tem as belezas naturais também. **A infraestrutura ajudou a crescer o turismo aqui.** (...) Mas falta melhorar o transporte, é muito cansativo. Devia ter uma embarcação que chegasse aqui em uma hora. (Entrevista de Claudia, Salvaterra-Pa, 15 de novembro de 2015).

É recorrente os moradores fazerem referência à pousada Ventania do Rio-Mar como impulsionadora do turismo local, pelo fato de sua proprietária ser estrangeira. A pousada é a que mais recebe estrangeiros e possui contato com agências de outros estados que as inclui em pacotes turísticos na região. A vila de Joanes possui seis pousadas o que contribui para receber um grande contingente de turistas. Além dos turistas que se hospedam na própria vila, existe os grupos de turistas que visitam a vila, estes geralmente hospedam-se nos hotéis-fazendas de Soure e Salvaterra.

3.3. “As ruínas têm esse poder de atração”: o lugar do sítio no turismo local.

As complexas relações estabelecidas entre os moradores e sua cultura material arqueológica indicam a importância deste patrimônio como elemento na construção das memórias locais e nos processos de consolidação de identidades. No ano de 2011, quando realizava minha pesquisa de PIBIC, percebi nos relatos dos moradores a importância do sítio de Joanes na construção da identidade local (Airoza 2012), relatos estes que se mantem atualmente. Para Alberto, as ruínas são compreendidas como um lugar importante para vila, pois é um local, contíguo a praia, de maior expressão para as visitas de turistas.

Em Soure tem muitas fazendas. Em Salvaterra tem a praia grande, que o pessoal vai e fica o dia todo lá. E aqui em Joanes tem as ruínas pra visitar, que aqui eu acho que é só isso mesmo, e a praia. (Entrevista de Alberto, Salvaterra-PA, 16 de novembro de 2015).

As ruínas são tidas como um lugar que diferencia a vila de Joanes de outras comunidades do entorno. Percebi que há um consenso local sobre o sítio de Joanes como um símbolo representativo da comunidade. A moradora Antônia Costa relatou a importância que as ruínas possuem para a vila e seus moradores.

A proteção das ruínas que é muito importante porque a, como é que a gente chama, o cartão postal, né, daqui de Joanes que é o que todo mundo vem, chega e vê, são as ruínas. É o cartão postal que a gente, que a gente chama, né? Por que “ah eu vi as ruínas, vou ver as ruínas, aí chega aqui as ruínas estão, assim, se destruindo, é porque...se

deteriorando, porque não tem nenhuma pessoa que cuide, uma pessoa que preserve, né. (Entrevista de Antônia Costa, Salvaterra-PA, 17 de fevereiro de 2011).

No relato de Antônia é importante destacar a preocupação da mesma com o estado de conservação das ruínas e a menção das mesmas como o cartão postal da vila de Joanes. O cartão postal faz parte do repertório material e imagético do turismo, é usualmente utilizado como meio de divulgação morador de imagens turísticas e souvenir (Souza 2008). Ao alegar que as ruínas são o “*cartão postal da vila de Joanes*”, a moradora Antônia está reafirmando as ruínas como um local importante para o turismo local.

Referindo-se as ruínas como cartão, Antônia está querendo chamar mais atenção para o estado de conservação das mesmas. A partir de 2009, as pesquisas realizadas na vila não compreendiam atividades de escavação no sítio, desde então os moradores não observaram nenhuma ação prática nas ruínas. Desse modo, muitos moradores alegavam a necessidade de se realizar uma restauração nas ruínas.

Essa reivindicação se deu em decorrência do aumento do fluxo de visitantes, do excesso de veículos que transitavam no entorno das ruínas, da ausência de escavações nas ruínas (pois na compreensão dos moradores enquanto está sendo realizada escavações as ruínas estão sendo cuidadas) e algumas ações de visitantes que comprometeriam a estrutura física das ruínas, tais como a coleta de pedras das ruínas para levar como lembrança e a subida nas mesmas para tirar foto.

Alguns moradores relatavam que turistas subiam nas ruínas para tirar fotos, durante meu campo em 2015, pude presenciar tal prática. A moradora Sônia relatou-me sobre esta prática e expressou sua preocupação com os vestígios que evidenciam a importância histórica da vila de Joanes.

É ruim. Aí os meninos também, os alunos, é, quando eles veem, eles vão correndo: “Olhe olhe professora tem gente lá, querendo subir na torre”. **Aí a gente vai e “Oh num pode subir”**. Aí eles descem. Por que se a gente deixar, né, numa hora tá tudo escangalhado. **Aí num pode, cadê as coisas que mostram que Joanes é uma vila antiga, né?** Que foi habitada por esse povo. (Entrevista de Sônia, Salvaterra-PA, 15 de abril de 2012).



Figura 18 - Turistas tirando foto nas ruínas.
Foto: Maíra Airoza, 2015.

Neste contexto, os moradores estavam preocupados com preservação das ruínas diante de tantas ameaças evidentes. Desse modo, alguns moradores desenvolveram determinadas atividades com o intuito de contribuir com a preservar das ruínas (Airoza 2013; Ferreira 2012). Dentre estas ações, os moradores realizaram um mutirão para colocação de uma cerca ao redor das ruínas, com o intuito de impedir a passagem de veículos ao lado das ruínas. Segundo a moradora Eliana, colocação da cerca ocorreu com o intuito de conservar as ruínas diante do fluxo de carros e até mesmo ônibus que passavam ao redor delas e, também, por muitas pessoas de fora subirem na torre das ruínas para tirar fotos.

A preocupação com a preservação das ruínas também desencadeou o desejo de criar-se na vila um museu (Airoza 2013; Ferreira 2012). Para os moradores a criação de um museu na Vila de Joanes traria benefícios, tais como: abrigar os artefatos mantidos na escola municipal, contar a história de Joanes, atrair atenção das autoridades competentes para o estado de conservação das ruínas, gerar renda para comunidade e incentivar o turismo local (Airoza 2013).



Figura 19 - Colocação de cerca pelos moradores.
Fonte: Maíra Airoza, 2012.

O desejo desses moradores pela criação de um museu em sua vila era uma forma de conservarem seu patrimônio arqueológico e de propiciar melhorias econômicas para sua comunidade, através do turismo. A escolha do “museu” como categoria de análise permitiu aprofundar as reflexões sobre as relações entre os moradores e o patrimônio arqueológico local, a partir dos “usos” do patrimônio arqueológico de Joanes no âmbito do turismo (Airoza 2013). Para os joanenses a forma mais eficiente de “uso” do patrimônio local é propiciando uma melhoria na qualidade de vida de sua população no presente e no futuro.

A preocupação dos moradores com a preservação das ruínas e dos artefatos não estava baseada somente no significado construído ao longo das suas vidas, mas também nos interesses estabelecidos no presente a partir da inserção do turismo. Para os moradores, nesse momento, o turismo era visto como uma forma de desenvolvimento econômico e social da vila de Joanes, que possibilitaria a geração de emprego e renda à comunidade (Airoza 2013).

Quando retornei à vila de Joanes, como discente do programa de pós-graduação em Antropologia, para dar continuidade a minha pesquisa percebi que a cerca colocada pelos moradores havia sido retirada. No seu lugar haviam colocado blocos de concreto, que

pertenciam ao coreto eram os restos do coreto que ficava no entorno das ruínas, que havia sido demolido. Ainda é possível entrar de carro na área atrás das ruínas, mas não passar ao lado delas como acontecia corriqueiramente.



Figura 20 – Ruínas restauradas e os blocos de concreto do coreto.
Fonte: Maíra Airoza, 2015.

No ano de 2014, as ruínas da vila de Joanes passaram por uma intervenção que compreendeu a estabilização estrutural e a conservação das paredes remanescentes da igreja. Esta intervenção foi recebida com grande alívio pelos moradores que a anos reivindicavam uma ação de preservação nas ruínas. Durante minhas incursões à campo em 2011 e 2012, havia uma comoção por parte dos moradores para se preservar as ruínas, mediante a ameaça da mesma tombar ou desmoronar. Em todos os relatos os moradores demonstravam aflição com a situação das ruínas e o descaso dos órgãos competentes.

Quando retornei à vila a restauração das ruínas já estavam sendo concluídas, sendo assim não pude acompanhar a repercussão desta ação entre os moradores. Mas quando conversei com Vivian, ela expos sua opinião sobre a restauração das ruínas.

Eles fizeram uma reforma, tem quase um ano, **pra poder deixar ela [ruínas] de novo lá, pra ela não tombar. Aí eles fizeram a reforma ficou até bonitinha de novo.** Eu achei legal, mas assim, mas eu acho

que eles poderiam fazer coisas melhores ali. **Eles gastaram muito dinheiro e não ficou assim né uma coisa que chamasse mais atenção. Assim, ficou o aspecto dela natural mas acho que eles poderiam fazer outro beneficiamento ao redor.** Porque foi um bom dinheiro, só pra colocar uma areiazinha lá e uns pilarzinho. (Entrevista de Vivian, Salvaterra-Pa, 25 de julho de 2015).

Vivian questiona o fato de não terem construído algo no entorno das ruínas para “chamar mais atenção”. Com a restauração, os moradores entendem que as ruínas não correm o risco de desabar, mas ainda se interessam por dar maior visibilidade possível para as ruínas. Após a restauração é perceptível que os moradores estão mais tranquilos quanto ao estado de preservação das ruínas.

Assim, enquanto os relatos dos moradores nos anos de 2011 e 2012 eram mais explícitos quanto as ruínas do sítio de Joanes, após a restauração percebi uma mudança nos relatos dos moradores quanto as ruínas do sítio de Joanes. Havia uma certa despreocupação com as ruínas, ou seja, nos relatos a preocupação com a preservação das ruínas não era mais evidente, os moradores estavam de certo modo aliviados por elas terem sido restauradas.

Anteriormente, a relação do sítio de Joanes com o turismo estava presente nos relatos de muitos moradores com quem conversei, o turismo era tido como algo benéfico para comunidade pois geraria empregos e o desenvolvimento da vila, enquanto os turistas eram vistos como uma ameaça para preservação das ruínas. Contudo nesta nova etapa de campo, os as ruínas passaram a ter menos destaque nas falas dos moradores. Antes as ruínas estavam ameaçadas, então os olhares dos moradores estavam sobre elas.

A presença das ruínas é algo comum aos moradores, com a sua restauração e o perigo de desmoronar afastado, elas tornaram a ser naturalizadas (Bezerra 2011; 2014). No relato de Ronaldo é possível perceber como as ruínas são naturalizadas nos discursos dos moradores, elas fazem parte do cotidiano local.

Eu acho que chamam [as ruínas], bastante atenção [dos turistas]. A gente não, que a gente já tá acostumado, que todo dia a gente passa por lá e vê, mas **pra eles [os turistas] é diferente.** (Entrevista de Ronaldo, Salvaterra-Pa, 25 de julho de 2015).

Para os turistas as ruínas chamam a atenção, enquanto que os moradores já estão acostumados com as mesmas. Segundo os moradores as ruínas atraem a atenção dos turistas e constituem um lugar importante para o turismo local. Além disso, o entorno das ruínas é um local de referência para os moradores, por mais que não esteja explícita a sua presença, as ruínas fazem parte das lembranças de muitos moradores da vila.

Durante o relato de Dona Virginia, sobre o que ela e os amigos faziam na vila durante as férias na adolescência, percebi que apesar das ruínas não serem mencionadas explicitamente estas se faziam presentes.

A gente inventava, marcava de se encontrar de noite, agora sempre acompanhados dos pais. Quando não era os pais de todo mundo, sempre tinha uns dois/três pais que eram responsáveis pelo grupo todo, até porque éramos muitos jovens ainda. **Então a gente ia muito ali pro farol**, que é aquela área de traz da igreja e na época o farol não era na posição que está hoje, ele era mais lá na ponta e por causa da erosão ele foi tirado e trazido mais pra cá. Então, o ponto ... **um dos pontos turísticos que a gente pode dizer assim, da época, era essa área assim atrás da igreja** e que a gente ia à noite, principalmente de noite, de dia não. (Entrevista de Virginia, Salvaterra/Pa, 13 de janeiro de 2015).

O entorno do sítio de Joanes, que o inclui a Igreja Matriz e o farol, é usualmente referido nos relatos dos moradores. Este compõe um lugar importante para a memória da comunidade, pois trata-se de um espaço de convívio dos moradores. O entorno do sítio de Joanes é mencionado por Virginia como um “ponto turístico” da vila, no qual inclui-se as ruínas, ou seja um local pelo qual os turistas que visitam a vila de Joanes se interessam.

Durante as entrevistas, busquei saber quais eram os atrativos da vila que os moradores consideravam mais importantes. As ruínas eram corriqueiramente relatadas pelos moradores, junto com outros lugares da vila. Claudia relatou quais lugares considerava mais importantes para o turismo na vila.

As ruínas e a praia. **As ruínas por causa que é histórica né.** Porque foi habitado pelo povo do passado né. E pra mim, eu acho assim, que eles queriam fazer um lugar estratégico aqui. (Entrevista de Claudia, Salvaterra-Pa, 15 de novembro de 2015).

Ao mencionar as ruínas, Claudia justifica a sua importância a partir do valor histórico que possui. Este destaque dado ao valor histórico das ruínas é recorrente, Alberto também relata que as ruínas são importantes para visitação dos turistas.

Em Salvaterra tem a praia grande, que o pessoal vai e fica o dia todo lá. **E aqui em Joanes tem as ruínas pra visitar**, que aqui eu acho que é só isso mesmo, e a praia. **Quando eles vão nas ruínas eles querem saber da história né.** E aí a gente conta o que sabe, que Joanes era uma das seis marias. (Entrevista de Alberto, Salvaterra-Pa, 16 de novembro de 2015).

Para os moradores da vila o interesse dos turistas pelas ruínas está relacionado ao valor histórico que estas possuem. Dentre os lugares mencionados pelos moradores da vila como importantes para o turismo local as ruínas do sítio de Joanes e a Praia Grande de Joanes são

recorrentes nos relatos. Segundo os moradores, as ruínas e a praia são os lugares mais frequentados pelos turistas. Ronaldo relatou os lugares que considera mais significativos para os turistas que visitam a vila.

Eu acho que **as ruínas, porque é um dos lugares que mais eles frequentam na vila, eles vão lá bater foto, gravar vídeo, mais é lá.** A praia assim nem tanto, é mais lá nas ruínas. Tem **o porto, que é muito bonito.** Onde a gente deixa os barcos, mas tem muita arraia. E **a praia, é uma das mais bonitas da região, até mais que as de Salvaterra.** (Entrevista de Ronaldo, Salvaterra-Pa, 25 de julho de 2015).

Ronaldo é pescador e ao incluir o porto, que é uma enseda utilizada pelos pescadores como porto, está trazendo algo de importância pessoal. Ronaldo menciona as ruínas, a praia e o porto, além destes alguns outros moradores acrescentaram o igarapé do Limão como um lugar importante para o turismo. Muitos moradores quando mencionam as ruínas a descrevem como um lugar de importância histórica e local de frequência dos turistas.

Vivian, funcionária na pousada Ventania do Rio-Mar, ouve com frequência os hóspedes comentando sobre as ruínas. Ela destaca a curiosidade com que muitos chegam para conhecer as ruínas.

A primeira coisa que eles perguntam as vezes onde ficam as ruínas. **É uma coisa muito bem falada. E o lugar onde eles querem logo conhecer. E eles adoram, só que eles dizem assim se tivesse mais atrativos lá por perto seria melhor.** É uma falta de planejamento né da população. (Entrevista de Vivian, Salvaterra-Pa, 25 de julho de 2015).

Segundo Vivian, os turistas adoram visitar as ruínas, porém os mesmos mencionam a ausência de *“mais atrativos lá por perto”*. Percebi que em muitos relatos os moradores queixam-se de não haver algo no entorno das ruínas que atraísse mais a atenção dos turistas para o sítio de Joanes. Rita relatou-me algo neste sentido.

Falta alguma coisa [nas ruínas], mas eu não sei o quê. **Mas eu acho que tinha que ter uma coisa lá que chamasse mais atenção lá né, mas com consciência de não estragar, de ficar do jeito que tá né, de não mudar daquilo que era.** Talvez fazer uma coisa que chamassem mais atenção pra lá. (Entrevista de Rita, Salvaterra-Pa, 18 de novembro de 2015).

Rita não soube me dizer o que falta exatamente, mas para a mesma é algo que *“chame mais atenção”* para as ruínas. Esta inquietação pela ausência de algo no entorno das ruínas é

recorrente nos relatos dos moradores. Vivian também me descreveu o que faltaria no sítio de Joanes.

Acho que algo assim que chamasse mais atenção, que os turistas vissem na internet e achassem legal vir conhecer, e “ah bora bater foto, bora passear”. Tem outras vilas que tem como agradar o turista né. Por exemplo em Soure eles tem os passeios nas fazendas, a fazenda São Jeronimo é muito bonita e rica, principalmente em paisagem e natureza. (Entrevista de Vivian, Salvaterra-Pa, 25 de julho de 2015).

Para os moradores é importante que as ruínas, e assim o sítio de Joanes, fiquem em destaque e para isso quanto mais atenção atraírem dos turistas melhor. É interessante perceber, que os moradores creem que as ruínas precisam de algo que as complementem no processo de atração de turistas. E ainda, ajudem a diferenciar e exaltar a identidade da vila de Joanes diante de outras comunidades. A identidade é um processo de identificações historicamente apropriadas que aferem sentido ao grupo, implicando um sentimento de pertencimento a um determinado grupo social, de acordo com a percepção da diferença e da semelhança. E a construção da identidade não é estável e unificada, é mutável e reinventada constantemente ao longo do tempo (Hall 2005).

As ruínas do sítio de Joanes são uma referência local, e são utilizadas pelas artesãs da Associação Educativa Rural e Artesanal de Joanes (AERAJ) como imagem representativa da vila. As ruínas são pintadas em cuias, tecidos, vasos, camisetas, assim como as cenas cotidianas, os búfalos, as danças e as paisagens locais (Bezerra 2014). A produção artesanal produzida pela AERAJ trata dos contextos em que os moradores estão envolvidos.

A AERAJ foi fundada por um grupo de mulheres da comunidade, sob o nome de Instituto Educacional do Desenvolvimento da Vila de Joanes (IEDEJO), que tinha por objetivo a prática artesanal do bordado em ponto cruz, com base no livro do Padre Giovanni Gallo: “Motivos Ornamentais da Cerâmica Marajoara em Ponto Cruz – Modelos para o Artesanato de Hoje”. Inicialmente, segundo relato de Bia, os bordados produzidos eram vendidos na Pousada Ventania, pela Anamélia que era uma grande incentivadora do grupo. Bia relatou a criação da AERAJ e o incentivo dado por Anamélia.

Antes de ser AERAJ era a Casa das Mulheres Bordadeiras de Joanes, arquitetado pela Anamélia que vendo a necessidade trouxe o livro do Padre Galo. Ela que vendia, começou a vender na pousada e também comprou os primeiros materiais. A Rita, amiga da Anamélia, que ajudou a transforma em associação. No ano de 2001, começou a organizar a casa das bordadeiras. Anamélia chegou aproximadamente em 1999. Em 2006, começaram a legalizar a associação. (Entrevista de Bia, Salvaterra-Pa, 20 de julho de 2015).

No início de 2006, a IDEJU foi extinta e passou a ser a Associação Educativa Rural e Artesanal de Joanes (AERAJ). Tanto no período da IDEJU quanto no início da AERAJ, as artesãs não possuíam local fixo, somente em 2010, com o apoio de uma nova moradora, a associação comprou um terreno e construiu um espaço próprio. Foi a partir deste ano, que as artesãs passaram a diversificar a produção do artesanato, incluindo artesanatos com materiais reciclados, camisas com motivos marajoaras, bolsas, cuias pintadas, bonecas, destacando o búfalo e as ruínas. Apesar da diversificação da produção artesanal, as artesãs mantem a utilização dos motivos marajoaras contidos no livro do Padre Giovanni Gallo. Segundo Bia, artesã e moradora da vila a aproximadamente dez anos, os motivos marajoaras são importantes e devem ser utilizados.

O bordado continua sendo nossa referência. **As tramas marajoaras a gente faz questão de fazer em todos os nossos trabalhos pra dar continuidade à cultura local, o trabalho que foi feito pelos índios, então a gente não pode perder os traços da cerâmica marajoara.** Que é muito conhecido, mundialmente conhecido, então a gente não podia deixar pra lá. Então sempre que a gente pode a gente sempre coloca o traço da cultura marajoara pra dar continuidade à essa cultura, e não morrer. (Entrevista de Bia, Salvaterra-Pa, 20 de julho de 2015).

A moradora Bia refere-se aos traços da cerâmica marajoara como importantes para “*dar continuidade a cultura local*”, pois trata-se de um grafismo conhecido internacionalmente. Neste contexto de valorização da “*cultura local*”, as ruínas passaram a ser utilizadas na produção do artesanato. As ruínas destacam-se, assim como outros grafismos de cerâmicas arqueológicas, na produção artesanal. Assim, perguntei para Bia porque as ruínas eram utilizadas na produção do artesanato.

Desde que a gente viu. A primeira camiseta foi pintada com a ruína. Por que a gente percebeu que ali era um ponto de apoio, de turismo. Continuamos pintando as ruínas, tem as camisetas. **As ruínas têm esse poder de atração, o reconhecimento das pessoas do que ela representa pra vila, pra história do Brasil, e do Pará.** Que em tudo quanto é lugar que existe uma ruína, principalmente com a história que ela tem, construída há muito tempo atrás, percebemos que isso deveria ser mantida aí. Corremos atrás pra ela... ano passado ela foi restaurada. Brigamos muito por isso. Ela tava tombando. Outro dia o irmão do Manuel foi lá porque tinha gente subindo lá. Quando algumas pessoas observam isso, elas vão avisar na AERAJ, por que segundo a Bete é um ponto de referência. (Entrevista de Bia, Salvaterra-Pa, 20 de julho de 2015).

Na percepção da moradora, as ruínas do sítio de Joanes atraem os turistas para vila, por conta da sua importância histórica. A AERAJ, neste contexto, assume um papel importante pois

torna-se um espaço de alusão a proteção do sítio que os moradores recorrem em casos como de turistas subindo na torre das ruínas. O sítio de Joanes é um local de referência para o turismo local, assim este patrimônio é utilizado para fornecer o suporte cenográfico necessário à construção do destino turístico da vila de Joanes (Peralta 2003). Através do “poder de atração” que as ruínas possuem, estas passam a agregar valor ao destino turístico, e passam a configurar-se como um produto rentável a ser comercializado.

A produção artesanal ao incluir o sítio de Joanes como mercadoria cultural ressalta seu valor econômico nos contextos atuais. O turismo surge densamente no campo patrimonial. Neste campo, o turismo, bem como a mercantilização, é tido como significativas ameaças ao patrimônio histórico. Segundo Canclini (1994: 95), devemos considerar “essas ‘ameaças’ como contextos, que não só devemos aceitar por serem as condições em que hoje os bens históricos existem, mas também porque contribuem para repensar o que devemos entender por patrimônio histórico e por identidade nacional”.

Assim, as ruínas do sítio de Joanes contemplam dois aspectos valorativos: valorização intrínseca (características ontológicas) e valorização extrínseca (mercadoria simbólica). Segundo Figueiredo (2012: 21), neste contexto destaca “duas dimensões: a de ser preservado e a de/para ser visitado”, tornando-se uma atração turística e imagem representativa da vila. As ruínas do sítio de Joanes, consideradas como uma matriz de informação, “pode ser fonte criadora de múltiplas visões sobre o passado, indicando que os contornos temporais e simbólicos do registro arqueológico se estendem até o presente, tornando-se parte integrante dele” (Bezerra 2014: 422).

Um sítio arqueológico, de acordo com Gazin-Schwartz, “não pode ser internalizado como lócus do passado e da história, mas como lócus estilisticamente e geograficamente diferenciado da moderna experiência do consumidor” (2004: 81, tradução minha). A utilização do sítio de Joanes no artesanato local é uma forma das artesãs interagirem contemporaneamente com a cultura material local (Ver Bezerra 2014).

Os usos das ruínas na produção do artesanato na AERAJ podem fornecer evidências sobre os significados do sítio para as pessoas que interagem com eles, tanto na produção quanto na compra, ou seja, as artesãs e os turistas. Segundo Gazin-Schwartz (2004), para muitos turistas as conexões com o passado são criadas não só através de suas experiências de visitar estes locais antigos, mas também pelo ato de comprar souvenirs. De tal modo, é possível entender as variadas experiências e percepções entorno da cultura material local. DE acordo com Kopytoff (2008: 89), “a mesma coisa pode ser tratada como uma mercadoria numa determinada ocasião, e não ser em outra”.

Durante as pesquisas arqueológicas, realizadas nos anos de 2006 a 2009, ocorreram algumas situações importantes: a intenção do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) em inserir a vila de Joanes no roteiro turístico da Ilha do Marajó e a demanda dos moradores que o material arqueológico encontrado permanecesse com a comunidade. Estas pesquisas inseriam-se no projeto intitulado “Preservação, conservação, pesquisa e educação patrimonial no sítio histórico de Joanes” coordenado por Denise Pahl Schaan e Fernando Marques, que incluía ações de educação patrimonial e ações de preservação e proteção do sítio de Joanes.

Como parte do projeto, foram realizadas reuniões com alguns líderes comunitários e moradores para discutir as ações do projeto, pois “qualquer ação efetiva de estudo e proteção ao sítio arqueológico deveria envolver a comunidade” (Schaan e Marques 2012: 114). Os relatos tanto dos moradores quanto dos pesquisadores são importantes para entender como os moradores pensavam e se relacionavam com o sítio de Joanes, e principalmente as ruínas.

No decorrer da condução do projeto, o SEBRAE buscou uma parceria com a comunidade para implementar um projeto turístico local. Segundo Schaan e Marques (2006), o SEBRAE e os moradores solicitaram a equipe do projeto informações sobre o histórico do sítio para construção de um roteiro turístico. Contudo, por conta da urgência que o SEBRAE necessitava destas informações, um morador adiantou-se e por conta própria construiu um histórico local, a partir de “informações de folhetos turísticos (que por sua vez não eram confiáveis) e internet, com histórias locais” (Schaan e Marques 2012: 116). Assim, durante a reunião com os joanenses e o SEBRAE, os pesquisadores foram surpreendidos.

Quando nos reunimos com a comissão para discutirmos o roteiro turístico, fomos surpreendidos com aquele histórico pronto e tivemos que lidar com a difícil situação de ver confrontada nossa pesquisa e interpretação acadêmica com o senso comum e as histórias fantásticas gestadas na localidade (Schaan e Marques 2012: 116).

Esta situação contribuiu para que os pesquisadores refletissem sobre suas relações com a comunidade e percebesse que as demandas eram distintas. De acordo com Schaan e Marques (2012: 116), duas questões foram importantes neste contexto, a primeira refere-se à urgência que os moradores possuíam em produzir um histórico local diante da possibilidade de implantação do turismo local e, principalmente, quanto aos “moradores locais não viam nossa história, que produzíamos através da arqueologia e dos documentos coloniais, como mais verídica do que as histórias produzidas localmente”.

Os moradores possuem suas próprias histórias e demandas relacionadas a cultura material local, estas são importantes para refletir sobre as suas relações com o vestígio arqueológico

local. As narrativas construídas pelos moradores sobre seu patrimônio arqueológico demonstram que os arqueólogos precisam analisar os vestígios como integrantes de contextos sociais complexos.

Durante a realização do projeto, muitos moradores recorriam aos pesquisadores para “mostrar objetos arqueológicos que possuíam em casa e para contar suas memórias sobre o sítio arqueológico” (Schaan e Marques 2012: 116). Assim, por conta da demanda dos moradores, um membro da equipe passou a visitar os moradores, conversar e coletar suas narrativas sobre os vestígios arqueológicos e a história local.

Ainda durante o projeto de Schaan e Marques (2012), por conta da demanda apresentada pelo SEBRA, buscou-se preparar o sítio de Joanes para visitação. Neste momento já havia a visitação do sítio por turistas e alguns moradores desejavam que o sítio fosse inserido no turismo local. Contudo, os pesquisadores perceberam que “as pessoas que estavam apoiando o projeto de musealização do sítio eram principalmente pequenos comerciantes e proprietários de pousadas, que lucravam com a vinda dos turistas” (Schaan e Marques 2012: 117). Ou seja, eram em sua grande maioria “forasteiros”.

Durante uma reunião entre os pesquisadores e os moradores para debater a guarda do material encontrado e um local para montar uma exposição permanente (Schaan e Marques 2012), ocorreu uma situação importante para entender como o patrimônio arqueológico insere-se nas tensões entre “forasteiros” e “filhos de Joanes”. Esta situação foi assim relatada.

Um comerciante disse que um conhecido seu, de Belém, que havia ouvido sobre o projeto, havia se oferecido para pagar o aluguel de uma casa, que poderia ser selecionada por nós, na própria vila. Enquanto faziam-se considerações sobre essa proposta, o pescador à janela interveio aos gritos: “E por quê não um filho de Joanes? Por quê alguém de fora? Por quê não um filho de Joanes?” (Schaan e Marques 2012: 118)

Os comerciantes da vila de Joanes são em sua maioria “forasteiros”, e estes estavam à frente das reuniões com os pesquisadores ocasionando um embate com os “filhos de Joanes”, pela posse do material arqueológico. Em 2009, durante o projeto intitulado “Pesquisa Arqueológica e Educação Patrimonial na Vila de Joanes, Ilha de Marajó”¹⁸, coordenado por Fernando Marques e Marcia Bezerra, a contínua demanda pela permanência do material arqueológico implicou na instalação de uma exposição. Uma pequena mostra de artefatos arqueológicos pré-coloniais e históricos oriundos das escavações de 2006, 2008 e 2009 foi

¹⁸ O projeto foi objeto de contrato entre o IPHAN e o Museu do Marajó, em parceria com o Museu Paraense Emilio Goeldi.

organizada em uma das salas de aula da escola (Marques e Bezerra 2009). A exposição obteve boa repercussão no distrito e, mediante autorização do IPHAN, foi mantida sob a guarda da escola pelo período de um ano.

As pesquisas arqueológicas no sítio de Joanes propiciaram aos moradores lançar um olhar para as ruínas numa perspectiva que talvez não tivessem tido. Os moradores passaram a observar a importância que o sítio possuía para outras pessoas, como os pesquisadores e os turistas. Assim, incorporaram outros significados as suas próprias narrativas sobre aqueles vestígios, tal como a importância turística do sítio.

Durante o período em que ocorreram as pesquisas arqueológicas na vila de Joanes, principalmente no ano de 2006, foram realizadas diversas matérias em jornais sobre as pesquisas e seus resultados. Alguns moradores referem-se a este fato como um propulsor do turismo local. Para Ronaldo, que ajudou na etapa de escavação, um dos motivos do aumento de turistas na vila foi a divulgação das ruínas nos jornais.

Eu acho que devido a divulgação do patrimônio lá, como as ruínas são antigas né. Acho que eles se interessaram né em saber. Eu acho que foi a divulgação. (Entrevista de Ronaldo, Salvaterra-Pa, 25 de julho de 2015).

ATUALIDADES **O LIBERAL**

MARAJÓ
Joanes restaura a memória

Projeto recompõe a história da ilha do Marajó, com escavações nas ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário

ALFVANDRA CAVALCANTE

Parte da história do ocupamento do Marajó está sendo restaurada na vila de Joanes, no município de Salvaterra. O trabalho, iniciado em meados de janeiro, vai até março e está impulsionado e delimitado no sítio arqueológico, através de estudos no local, pesquisas históricas e levantamento de informações com os moradores. A ação emergencial está atrelada aos trabalhos de restauração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Construída pelos missionários na metade do século XVII, o pouco que resta dos muros de pedra e o teto de taipa ainda está sendo recuperado. Além do trabalho de consolidação do sítio, a expectativa é encontrar um material com peças encontradas durante as escavações, como joias do século XVIII, cerâmicas arqueológicas, Aguardante e B. (O trabalho será realizado no sítio, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). "Preservação, conservação, pesquisa e educação patrimonial no sítio histórico de Joanes" o projeto tem a coordenação do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Entre a-

ESCAVAÇÃO | Trabalho consiste na reconstrução da história local com base em objetos e vestígios encontrados no sítio.

Nossa Senhora do Rosário, erguida durante o século XVII, está restaurada. Além disso, parte do sítio arqueológico de Joanes está sendo restaurado para a construção de uma praça. Peças de cerâmica e objetos de ferro foram encontrados durante as escavações. O trabalho de escavação para recuperação do sítio está por volta de 50%. A obra, sob orientação do local, tem levado à destruição de parte do sítio arqueológico de Joanes, que estava durante os períodos de férias, quando a população da vila passa de dias no local, trabalhando para 20 mil. A ação de escavação que sobrem não apenas também atua a preservação do sítio.

De acordo com a arqueóloga, que também é curadora do Museu Paraense Emílio Goeldi, a restauração do sítio de Joanes, por meio de escavações e

do sítio e para proteger os restos. Além disso, o trabalho de escavação do sítio está sendo realizado por meio de escavações de campo. Além disso, o trabalho de escavação do sítio está sendo realizado por meio de escavações de campo. Além disso, o trabalho de escavação do sítio está sendo realizado por meio de escavações de campo.

LEIA RÁPIDO

Arqueólogos fazem novas escavações

A partir de sexta-feira, 17, os arqueólogos do Museu Paraense Emílio Goeldi - Fernando Marques e Denise Schaan - farão atividades de educação patrimonial e ações de salvamento arqueológico no sítio histórico de Joanes, em Salvaterra, na Ilha do Marajó. Além de escavações, os pesquisadores darão início ao processo de limpeza das picheiras existentes no sítio, que é formado pelas ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, antiga missão religiosa construída no século XVII.

O LIBERAL
ATUALIDADES

Figura 21 - Reportagens realizadas em 2006 pelo jornal O Liberal. Fonte: Marques e Bezerra, 2009.

Além da divulgação em jornais, outros moradores relatam que os primeiros turistas a chegar a vila contribuíram para o aumento do fluxo de visitantes. Ronaldo relatou-me sobre o que achava dos turistas na vila, chamando atenção para divulgação que fazem da vila de forma positiva.

Eu gosto, acho bom. Porque **eles levam a vila pra outros lugares, divulgando sabe. Mas tem gente que não gosta. Os antigos não gostam muito, eles gostam mais de tranquilidade né.** Pra mim assim eu não gosto de tranquilidade, eu gosto de movimento. (Entrevista de Ronaldo, Salvaterra-Pa, 25 de julho de 2015).

Para Ronaldo, os “antigos” são os “filhos de Joanes” mais velhos. Estes por sua vez possuem maior resistência com as mudanças ocorridas na vila. Vivian também me relatou um acontecimento interessante, que de acordo com a mesma impulsionou a visitação nas ruínas.

Muitos, antes de conhecer. Eles perguntam onde é né as ruínas dos jesuítas. **Teve um tempo que foi muito engraçado, eu não sei se você lembra da novela que passou da Globo, que teve algumas gravações daqui do Marajó, daqui teve só as ruínas que apareciam na abertura né.** E eu acho que teve uma cena da novela com as ruínas, alguma coisa assim. Vinha muita gente pra pousada e ligava muita gente pra pousada perguntando. Uma vez chegou uma família perguntando onde era as ruínas que o pessoal tava gravando. Aí eu explicava que cena mesmo não tinha tido né, pelo menos eu não tinha visto. Mas eu sei que no clipe de abertura aparecia as ruínas, aparecia os búfalos. Mas eles queriam mesmo assim conhecer as ruínas. Mas vinha muita gente na época da novela. (Entrevista de Rita, Salvaterra-Pa, 18 de novembro de 2015).



Figura 22 - Cena da abertura da novela em que as ruínas aparecem.
Fonte: Google, 2016.

No ano de 2012, estreou na rede globo a novela “Amor eterno amor”, no horário das seis. A novela se passava na Ilha de Marajó e no Rio de Janeiro, sendo que as cenas relativas ao núcleo marajoara foram realizadas no município de Soure (Ilha de Marajó) e na praia de Alter do Chão (Santarém). No clipe de abertura da novela apareciam diversas imagens representativas da região, como guaras, búfalos e outras paisagens. Durante a abertura, que era apresentada diariamente, as ruínas do sítio de Joanes apareciam durante o voo de uma fênix.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão do setor turístico, assim como a comercialização do passado, traz novos desafios para a Arqueologia. A importância histórica e arqueológica da vila de Joanes motivou pesquisas empreendidas por diversos pesquisadores, dentre estes: antropólogos, arqueólogos e outros. E o turismo por tratar-se de algo importante para compreender o contexto local esteve presente em diversas destas pesquisas. O turismo na vila de Joanes é indiscutível, diante do turismo e dos turistas, os moradores se mobilizaram em ações com o intuito de preservar as ruínas do sítio de Joanes: de possíveis depredações que turistas ocasionavam e para continuarem sendo o símbolo da comunidade.

A vila de Joanes começou a receber turistas muito antes de possuírem uma infraestrutura adequada, é um destino turístico muito frequentado por turistas estrangeiros e brasileiros, e durante as férias e os feriados prolongados os moradores ainda recebem familiares e amigos em suas casas, chegando a quadruplicar o número de pessoas na vila. Durante estes períodos, o espaço das ruínas é frequentado com mais intensidade por carros e pedestres.

Os moradores lidam com o sítio de Joanes e uma forma muito particular. A preocupação com a preservação das ruínas e dos artefatos não está baseada somente no significado construído ao longo das vidas dos moradores, mas também nos interesses econômicos estabelecidos no presente. Quando os moradores desejaram a criação de um museu em sua vila era uma forma de conservarem seu patrimônio arqueológico e de propiciarem melhorias econômicas para sua comunidade, através do turismo.

O entorno das ruínas é um local de referência para os moradores, por mais que não esteja explícita a sua presença, as ruínas fazem parte da vida dos moradores da vila. As ruínas do sítio de Joanes são tidas como um dos principais atrativos da vila de Joanes. Segundo os moradores as ruínas chamam a atenção dos turistas, e assim como um ponto turístico na vila. O sítio de Joanes assume um lugar importante no turismo local, principalmente na relação que os moradores possuem com o turismo.

Segundo Figueiredo e Pereira (2005), os sítios arqueológicos constituem um dos atrativos turísticos da Ilha do Marajó divulgados por agências especializadas. Porém, o que percebi na vila de Joanes e nas pesquisas realizadas em alguns websites é que o patrimônio arqueológico local apesar de possuir destaque nos pacotes turísticos vendidos, é apresentado de forma equivocada e incorporado como um complemento a segmentos turísticos maiores.

É importante destacar que a visitação ao sítio de Joanes ocorre apoiada em segmentos turísticos apoiados em elementos ligados à natureza. Ou seja, em muitos casos, os sítios

arqueológicos são utilizados como atrativos que complementam a divulgação e de destinos turísticos. No caso dos municípios de Salvaterra e Soure, próximos a vila de Joanes, os planos e programas estaduais de promoção do turismo e as agências de turismo fazem uso de elementos ligados a natureza local.

Nas últimas duas décadas, a vila de Joanes passou por muitas mudanças significativas, principalmente em decorrência da melhoria nos meios de transporte que dão acesso à vila, tais como a reforma e ampliação do Porto de Camará que passou a receber balsas vindas de Belém, saídas do seu distrito de Icoaraci; além da pavimentação da rodovia estadual PA-154, que liga o referido porto à vila de Joanes. Estas mudanças contribuíram para o aumento do fluxo visitantes na vila e mudanças no cotidiano dos moradores, que passaram conviver com o aumento de “forasteiros” na comunidade.

Estes “forasteiros” acabaram por comprar terrenos e construir casas de veraneio na comunidade, alguns moram na vila, enquanto outros frequentam a vila nas férias e feriados. Os moradores “filhos de Joanes” nomeiam os sujeitos de fora como “forasteiros”, contudo percebi categorias distintas em que estes sujeitos de fora se encaixam. Há o “forasteiro” sem vínculo algum com a vila de Joanes que vai para conhecer o local e hospeda-se em pousadas (geralmente são estrangeiros e de outros estados do país), estes são comumente chamados de turistas. Por segundo, “forasteiro” que visita a vila através de amigos moradores, que comumente hospeda-se na casa dos mesmos, que não necessariamente são joanenses. E por fim, o “forasteiro” que possui casa na vila que reside ou não na mesma. A relação “forasteiros”/turistas e “filhos de Joanes” é essencial para compreender aspectos da realidade local, principalmente referentes ao patrimônio arqueológico local.

O aumento do fluxo de turistas na percepção dos joanenses ocorreu por conta da vinda de amigos/conhecidos dos filhos de Joanes nas férias e feriados; construção das pousadas; repercussão das ruínas com a novela “Amor eterno Amor”; e ainda pela divulgação através das reportagens sobre as pesquisas arqueológicas realizadas na vila nos anos de 2006 e 2009.

Com as pesquisas arqueológicas no sítio de Joanes os moradores incorporaram outros significados as suas próprias narrativas sobre aqueles vestígios, tal como o potencial turístico do sítio. Na percepção dos moradores, as ruínas do sítio de Joanes atraem os turistas para vila. Neste contexto, a AERAJ assume um papel importante pois inseris as ruínas na produção artesanal ressalta e reafirma o sítio enquanto um local de referência para o turismo. Através do “poder de atração” que as ruínas possuem, estas passam a agregar valor à vila como destino turístico.

Por fim, considero que este trabalho contribuiu para se pensar sobre sítios arqueológicos, comunidades locais e turismo no contexto amazônico. Considero uma demanda evidente atentar para os usos que os sítios arqueológicos assumem em contextos turísticos, pois muito são visitados em um ritmo alarmante. Os arqueólogos precisam se preocupar como o passado está sendo comercializado, mas também podem aproveitar o turismo para envolver o público em novas reflexões e promover os sítios. O desafio está nas formas de lidar com comunidades locais e o turismo, buscando não uma fórmula exata, mas identificando possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Airoza, M. S. 2013. *O Patrimônio arqueológico e as práticas preservacionistas dos moradores da vila de Joanes, Ilha do Marajó- Brasil*. Monografia. Graduação em Museologia, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará.
- Anico, M. 2005. A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade. *Horizontes Antropológicos* 11(23): 71-86. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a05v1123.pdf>>. Acesso em 20 Fev.2015.
- Augé, M. 2010. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: Edufal, São Paulo: Unesp. 109p.
- Berremen, G. 1980. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: Zaluar, A. (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Bezerra, M. 2011. As Moedas dos Índios: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, Marajó, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, Belém, 6(1): 53-70.
- _____. 2012. Arqueologia, turismo e comunidades locais: reflexões de um Turista [arqueóloga] Aprendiz. In: Figueiredo, S. L.; Pereira, E.; Bezerra, M. *Turismo e Gestão do patrimônio arqueológico*. Belém: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- _____. 2014. As cores do passado na Amazônia: o patrimônio arqueológico no artesanato da Vila de Joanes, Ilha do Marajó, Brasil. *Amazônica* 6 (2): 418-441.
- _____. 2016. Living Things: fishermen, archaeologists and fish-traps in Amazon, Brazil. *Paper presented at the 81st Meeting of the Society for American Archaeology*, SAA, Orlando, FL.
- Berger, A. A. 2013. *Theorizing tourism: analyzing Iconic Destinations*. Left Coast Press: California.
- Brandão, C. R. 1985. Participar-Pesquisar. In: Brandão, C. R. (Org.). *Repensando a Pesquisa Participante*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 252p.
- Bueno, M. F. 2002. O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo.
- Brasil. Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm>. Acesso em: 23 fev. 2016.
- Campos, I. 2010. O Ecoturismo na Ilha do Marajó. In. *V Encontro Nacional da ANPPAS*. Florianópolis. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT1-207-128-20100903113859.pdf>> . Acesso em 11 Jun. 2015.
- Canclini, N. G. 1994. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Tradução de Maurício Santana Dias. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. (23): 91-112.

_____. 2008. *Culturas híbridas*. São Paulo: Editora da USP.

Candido, A. 2010 *Parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.

Cardoso de Oliveira, R. 2006. *O mal-estar da ética na antropologia prática. Caminhos da identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Editora Paralelo 15.

Castañeda, Q. E. 2008. The “Ethnographic Turn” in Archaeology: research positioning and reflexivity Ethnographic Archaeologies. In: Castaneda, Q. E.; Matthews, C.N. (eds.). *Ethnographic Archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices*. Altamira Press, 25-61.

Cerqueira, M.; Pereira, E. 2014. *Arqueoturismo no estado do Amazonas - da teoria à prática: o caso da Gruta do Batismo*. Cadernos do LEPAARQ XI (22):168-186.

Corradi, A. 2009. *O Turismo rural como oportunidade de negócios no Marajó Oriental: Soure e Salvaterra*. Tese de Doutorado em Ciências Agrárias. Universidade Federal Rural da Amazônia.

Corradi, A.; Santana, A.; Luíndia, L. 2009. Turismo Rural: A viabilidade das Fazendas Rurais nos municípios de Soure e Salvaterra, Ilha do Marajó – PA. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Turismo*. Vol. 1. Universidade Caxias do Sul.

Díaz-Andreu, M. 2013. Ethics and Archaeological Tourism in Latin America. *International Journal of Historical Archaeology* (17):225-244.

Feldman-Bianco, B. 1987. Introdução. In: _____ (Org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Editora Global.

Ferreira, L. G. 2012. *O lugar de ver relíquias e contar história: o museu presente/ausente na Vila de Joanes, Ilha do Marajó – Pará*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

Figueiredo, S. L. 1999. Gênese do pensamento sobre ecoturismo e seus efeitos: o desenvolvimento sustentável. In: *Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia*. Belém: NEA/UFGPA.

Figueiredo, S. L. 2012. Turismo, Visitação e Uso público do Patrimônio Natural e Cultural. In: Figueiredo, S. L.; Pereira, E.; Bezerra, M. 2012. *Turismo e gestão do patrimônio arqueológico*. Belém: IPHAN.

Figueiredo, S. L.; Ruschmann, D. R. 2004. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos Cadernos NAEA*. Belém, vol. 7, Nº. 1. 7(1).

Fonseca, M.C.L. 2009. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: Abreu, R.; Chagas, M. (Orgs). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina.

Foote-Whyte, W. 1980. Treinando a observação participante. In: Zaluar, A. (org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

- Funari, P. P.; Manzato, F.; Alfonso, L. P. 2013. El turismo y la arqueología en el Brasil: una mirada postmoderna. In: Wasslowski, A. H. *Arqueología y desarrollo em América del Sur*. Bogotá: Ediciones Uniandes.
- Gazin-Schwartz, A. 2004. Mementos of the past: material culture of tourism at Stonehenge and Avebury. In: Rowan, Y.; Baram, U. (eds.) *Marketing Heritage: archaeology and the consumption of the past*. Walnut Creek: AltaMira Press.
- Goldenberg, M. 2009. Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais. In: _____. *A Arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 11ed. Rio de Janeiro: Record.
- Gonçalves, J. R. S. 2007. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio*. Rio de Janeiro: Editora Garamon Ltda.
- Graburn, N. 2009. Antropologia ou Antropologias do Turismo? In: Steil, C. (ed.) *Turismo e Antropologia: novas abordagens*. Papirus: Campinas.
- Guimarães, A. M. 2012. *Aproveitamento Turístico do Patrimônio Arqueológico no Município de Iranduba, Amazonas*. Tese de Doutorado MAE/USP, São Paulo.
- Hall, S. 2005. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Kopytoff, L. 2008. A biografia cultura das coisas: a mercantilização como processo. In: Appadurai, A. (ed.) *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niteroi: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Leite, N. 2005. Travels to an Ancestral Past: On Diasporic Tourism, Embodied Memory, And Identity. *ANTROPOlógicas*, Nº 9, p. 273-302.
- Leite, N; Graburn, N. 2009. Anthropological interventions in Tourism Studies. In: Jamal, T.; Robinson, M. (eds.) *The SAGE Handbook of Tourism of Studies*. SAGE Publications Ltd: London.
- Lima, H. P.; Moraes, B. M.; Parente, M. T. V. 2013. “Tráfico” de material arqueológico, turismo e comunidades ribeirinhas: experiências de uma arqueologia participativa em Parintins, Amazonas. *Revista de Arqueologia Pública*. Nº 8.
- Lopes, P. R. do C. 1999. *A colonização portuguesa da Ilha de Marajó: espaço e contexto arqueológico-histórico na Missão Religiosa de Joanes*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Kent, M. 2003. Ecotourism, Environmental Preservation and Conflicts Over Natural Resources. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 185-203.
- Mangnani, J. G. C. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 17, Nº. 49.
- Manzato, F. 2007. Turismo arqueológico: diagnóstico e análise do produto arqueoturístico. *Revista de Turismo e Patrimônio Cultural*. Vol. 5 Nº. 1.
- Marques, F.L.T.; Bezerra, M. 2009. *Projeto de Pesquisa Arqueológica e Educação Patrimonial na Vila de Joanes, Ilha do Marajó*. Relatório Parcial. Universidade Federal do Pará, Belém.

- Marujo, M. N. 2008. A Internet como Novo Meio de Comunicação para os Destinos Turísticos: O caso da Ilha da Madeira. *Turismo em Análise*, v. 19, n. 1.
- McGuire, R. 2008. Politics. In: *Archaeology as Political Action*. University of California Press.
- McKercher, B.; Du Cros, H. 2002. *Cultural tourism: The partnership between tourism and cultural heritage management*. New York: Haworth Hospitality Press.
- Moreira, G. L. 2010. Análise do Potencial Arqueoturístico na Comunidade de Moju/PA. V Encontro Nacional da Anppas. 4 a 7 de outubro de 2010. Florianópolis - SC – Brasil
- Murta, S. M.; Albano, C. (Orgs.). 2002. *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Ed UFMG.
- Nora, P. 1993. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. (10): 7-28.
- Pacífico, D; Vogel, M. 2012. Archaeological sites, modern communities, and tourism, In *Annals of Tourism Research*, 39(3): 1588-1611.
- Pelegri, S. C. 2006. A cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. *Rev. Bras. Hist.*, [S.l.] V.26, N. 51.
- Peralta, E. 2000. Patrimônio e identidade. Os desafios do turismo cultural. *Revista Antropológicas*. (4): 217-225.
- Peralta, E. 2003. O mar por tradição: o patrimônio e a construção das imagens do turismo. *Horizontes Antropológicos* 9(20): 83-96.
- Pereira E.; Figueiredo, S. 2005. Arqueologia e turismo na Amazônia: problemas e perspectivas. *Cadernos do LEPAARQ. Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*. Vol. 2, Nº. 3. Pelotas: Editora UFPEL.
- Pereira, E. 2012. Arqueologia e Turismo no Parque Estadual Monte Alegre, Pará, Brasil. In: Figueiredo, S. L.; Pereira, E.; Bezerra, M. 2012. *Turismo e gestão do patrimônio arqueológico*. Belém: IPHAN.
- Pereira, E.; Figueiredo, S. L. 2005. Arqueologia e Turismo na Amazônia: Problemas e Perspectivas. *Cadernos do LEPAARQ* 2(3):21- 35.
- Plinner, T. R. 1975. As leituras diametralmente opostas do pensamento hegeliano, in *Anais do 13º. Encontro Sul-Americano de Filosofia*, pp. 125-130. Brasília: Ass. Bras. Filosof. 879p.
- Rabello, S. 2009. *O Estado na preservação dos bens culturais: o tombamento*. Rio de Janeiro: IPHAN.
- Ravagnani, L. 2011. *O passado, a escola e o sítio: o patrimônio arqueológico na percepção de alunos e professores da Vila de Joanes, Ilha do Marajó*. Monografia de Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém.

- Ravagnani, L. 2015. *A Festa de São Pedro na Vila de Joanes, Ilha de Marajó, Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará, Belém.
- Salazar, N., Zhu, Y. 2015. Heritage and tourism. In: Meskell L. (Eds.), *Global heritage: A reader Wiley Blackwell*, 240-258.
- Sampaio, S. 2013. Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de turismo. *Etnográfica* 17(1): 167-182.
- Santana, E. J. M. 2012. *Políticas Públicas de Turismo na Ilha do Marajó: Turismo e apropriação da paisagem no município de Soure/Pará*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Pará, Belém.
- Santana, E; Rosário, B. 2010. Políticas de Turismo e Desenvolvimento Socioespacial nos Municípios de Soure e Salvaterra, Ilha do Marajó-Pará. In *Anais do V Encontro Nacional da Anppas*, pp 1-20. Florianópolis: Ass. Nac. Pós-Grad. e Pesq. Amb. Soc.
- Scatamacchia, M. C. M. 2005. *Turismo e Arqueologia*. Coleção Abc do Turismo. São Paulo: Aleph.
- Schaan, D. P. 2007. Os Filhos da Serpente: Rito, Mito e Subsistência nos Cacicados da Ilha de Marajó. *International Journal of South American Archaeology*. 1(1): 50-56.
- Schaan, D. P. 2009. *Marajó: arqueologia, iconografia, história e patrimônio*. Textos selecionados. Erechim: Habilis.
- Schaan, D. P.; Lima, A. S.; Silva, W. F. V. 2006. Pesquisa Documental e Histórica da Vila de Joanes. In: Schaan, D.; Marques, F. L. T. Projeto Preservação, conservação, pesquisa e educação patrimonial no sítio histórico de Joanes. Relatório Final. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém.
- Schaan, D. P.; Marques, F. T. 2012. Por que não um filho de Joanes? Arqueologia e comunidades locais em Joanes, Ilha de Marajó. *Revista de Arqueologia*. Vol. 25, Nº. 1.
- Schaan, D.; Marques, F. L. T. 2006. *Projeto Preservação, conservação, pesquisa e educação patrimonial no sítio histórico de Joanes*. Relatório Final. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém.
- Silva, A. 2012. *Tanta tainha, pouca farinha: Antropologia Histórica da Vila de Monforte (antiga aldeia de Joanes) nos tempos dos Diretórios (1759-1769)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará. Belém.
- Silva, A. C. 2012. *O Coração da Camboa: um estudo sobre as relações entre o patrimônio arqueológico e a construção do sentimento de saudade entre os pescadores(as) da Vila de Joanes, Ilha do Marajó, Amazônia, Brasil*. Monografia de Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará. Belém.
- Silveira, F. L. A.; Bezerra, M. 2012. Paisagens Fantásticas na Amazônia: Entre as ruínas, as coisas e as memórias na Vila de Joanes, Ilha do Marajó. In: Maués, H.R.; Maciel, M.E. (Orgs.). *Diálogos Antropológicos: diversidades, patrimônios, memórias*. Belém: L&A Editora, p. 119-150.

- Souza, F. 2008. Imagem, Cultura e Turismo: reflexões a partir dos cartões-postais de Ilhéus, Bahia. 101f. Dissertação de Mestrado em Cultura e Turismo apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade Federal da Bahia, Bahia.
- Tamaso, I. 2012. Por uma distinção dos patrimônios em relação à história, à memória e à identidade. In: Paula, Z. C. D. et al. *Polifonia do Patrimônio*. Londrina: EDUEL.
- Tavares, M. G. C. 2009. Turismo e desenvolvimento na Amazônia brasileira: algumas considerações sobre o arquipélago do Marajó (PA). In: Bartholo, R.; Sansolo, D. G.; Bursztyn, I. 2009. *Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ.
- Tomikawa, M. 2009. *Marketing turístico e internet: uma análise dos sites oficiais de turismo dos estados brasileiros*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília.
- Urry, J. 2001. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Editora Studio Nobel/SESC.
- Walker, C.; Carr, N. 2013. Tourism and Archaeology: An Introduction. In: _____ (Eds). 2013. *Tourism and archaeology: Sustainable Meeting Grounds*. Left Coast Press.
- Zanirato, S. H. 2009. Usos sociais do Patrimônio Cultural e Natural. *Patrimônio e Memória*. Unesp, São Paulo, 5(1): 145-160.